Agatha Christie®



L&PMPOCKET

CIPRESTE TRISTE

Agatha Christie

Cipreste triste

Tradução de Petrucia Finkler

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Para Peter e Peggy McLeod

Vamos rápido, morte, se apresse!
Deito em tábuas tristes de cipreste.
Vai-te embora, sopro de vida meu!
Matou-me uma donzela linda e cruel.
Mortalha branca em muito teixo,
Já deixem tudo feito.
Não houve um outro mais fiel que eu:
Chegou aqui e morreu.

Shakespeare

PRÓLOGO

“Elinor Katharine Carlisle. Está sendo formalmente acusada pelo assassinato de Mary Gerrard no último dia 27 de julho. A senhorita se declara culpada ou inocente?”

Elinor Carlisle levantou-se muito aprumada, com a cabeça erguida. Era uma cabeça graciosa, o contorno das maçãs do rosto era nítido e bem definido. Os olhos eram de um azul profundo e vívido, os cabelos, pretos. As sobrancelhas recém-feitas formavam uma linha suave e fina.

Houve um silêncio – um silêncio bastante perceptível.

Sir Edwin Bulmer, advogado de defesa, sentiu uma pontada de desânimo.

Pensou:

“Meu deus, vai se declarar culpada... Perdeu a coragem...”

Os lábios de Elinor Carlisle se entreabriram:

– *Inocente*.

O advogado de defesa afundou na cadeira. Secou a testa com o lenço, compreendendo que fora por um triz.

Sir Samuel Attenbury se pôs de pé, delineando o caso para a Coroa.

– Por gentileza, meritíssimo, senhores do júri, no dia 27 de julho, às três e meia da tarde, Mary Gerrard faleceu em Hunterbury, Maidensford...

A voz prosseguiu sonora e agradável ao ouvido. Foi ninando Elinor, levando-a quase a um estado de inconsciência. Da narrativa simples e concisa, apenas uma ou outra frase ocasional infiltrava-se em sua mente consciente.

– ...O caso é particularmente simples e direto...

– ...É o dever da Coroa... provar o motivo e a oportunidade...

– ...Ninguém, ao que podemos ver, tinha qualquer motivo para matar essa moça infeliz, Mary Gerrard, exceto a acusada. Uma jovem de caráter encantador, de quem todos gostavam, se poderia dizer, sem nenhum inimigo no mundo...

Mary, Mary Gerrard! Como tudo agora parecia tão distante. Não parecia mais real...

– ...Vossa atenção será dirigida em especial às seguintes considerações:

1. De quais oportunidades e meios a acusada dispôs para ministrar o veneno?

2. Que motivo teria para fazê-lo?

“Meu dever é chamar, perante todos vocês, as testemunhas que poderão ajudá-los a chegar a uma conclusão verdadeira sobre essas questões...

“...Quanto ao envenenamento de Mary Gerrard, meus esforços serão no sentido de demonstrar que *ninguém teve qualquer oportunidade* para cometer esse crime exceto a acusada...”

Elinor sentiu-se aprisionada em uma névoa densa. Palavras soltas chegavam flutuando através da neblina.

– ...Sanduíches...

– ...Patê de peixe...

– ...Casa vazia...

As palavras perfuravam o grosso envoltório da manta dos pensamentos de Elinor: eram alfinetadas através de um pesado véu de amortecimento...

O tribunal. Rostos. Fileiras e mais fileiras de rostos! Uma face em especial, com um enorme bigode preto e olhos perspicazes. Hercule Poirot, com a cabeça pendendo um pouco de lado e o olhar pensativo, a observava.

Ela pensou, “Está tentando descobrir exatamente o *porquê* de eu ter cometido o crime... Está tentando se infiltrar na minha cabeça para saber o que pensei... o que senti...”.

Senti...? Um pequeno borrão – uma leve sensação de choque... O rosto de Roddy – seu adorado, *adorado* rosto com o nariz afilado, a boca sensível... Roddy! Sempre o Roddy – sempre, desde as suas primeiras memórias... desde os tempos em Hunterbury, entre as framboesas, lá em cima no viveiro de coelhos e lá embaixo no riacho. Roddy – Roddy – Roddy...

Mais rostos! A enfermeira O’Brien, com a boca entreaberta, a face sardenta projetando-se para frente. A enfermeira Hopkins com ar presunçoso – presunçosa e implacável. O rosto de Peter Lord – Peter Lord – tão gentil, tão sensato, tão – tão *reconfortante*! Mas reparando agora – parecia o quê – *desnorteado*? Sim – desnorteado! Preocupado – uma preocupação tremenda com tudo aquilo! Enquanto ela própria, a estrela principal, não se preocupava nem um pouco!

Ali estava ela, consideravelmente calma e fria, no banco dos réus, acusada de assassinato. Estava em um tribunal.

Algo oscilou; aliviaram-se as pesadas dobras do manto que abafava seu cérebro – tornaram-se meros espectros. No *tribunal*!... *As pessoas*...

Pessoas inclinadas para frente, com bocas entreabertas e olhos esbugalhados, fitavam a ela, Elinor, com um prazer macabro – ouvindo, com uma espécie de deleite lento e cruel, tudo o que o homem alto com nariz de judeu dizia a seu respeito.

– Os fatos neste caso são extremamente fáceis de acompanhar e não estão em discussão. Apresentarei todos a vocês de forma bastante simples. Desde o princípio...

Elinor pensou: “O princípio... O princípio? O dia em que chegou aquela terrível carta anônima! *Aquele* foi o princípio de tudo...”.

PARTE I

CAPÍTULO 1

I

Uma carta anônima!

Elinor Carlisle ficou parada, olhando para o papel aberto em suas mãos. Jamais recebera algo assim antes. Causava uma sensação desagradável. Mal escrita, cheia de erros, em papel barato cor-de-rosa.

Isto é para Avisar você (assim dizia),

Não vou dar nenhum nome, mas existe Alguém bajulando sua Tia e se não tomar quidado, vai ser cortada de Tudo. Mocinhas são muito ardilosas e as velhinhas se amolecem quando os jovens ficam bajulando e adulando elas O que digo é que é melhor vir de uma vez e ver por si mesma o que acontece não está certo você e o senhorzinho vão ficar sem nada que é de direito – e Ela é muito ardilosa e a Velha pode bater as botas a qualquer momento.
Alguém que lhe quer bem.

Elinor ainda estava fixa na missiva, as sobrancelhas desenhadas espremidas uma contra a outra de desgosto, quando a porta se abriu. A empregada anunciou: “Sr. Welman”, e Roddy entrou.

Roddy! Como acontecia todas as vezes que via Roddy, Elinor estava ciente de uma sensação levemente vertiginosa, uma pontada de súbito prazer, o sentimento de que lhe cabia ser muito realista e sem emoção. Pois era tão, mas tão óbvio que, embora Roddy a amasse, não sentia por ela o mesmo que ela sentia por ele. Olhar para ele lhe causava algo, contorcia-lhe o coração de um jeito que quase chegava a doer. Era absurdo que um homem – um homem comum, sim, um rapaz nada extraordinário – fosse capaz de provocar aquilo em alguém! Que tudo rodasse por conta de um mero vislumbre, que ouvir sua voz desse vontade de chorar – mesmo que só um pouquinho... O amor com certeza deveria ser uma emoção prazerosa – não algo que machuque por conta de sua intensidade...

Uma coisa era clara: é necessário ter cuidado para manter a informalidade e a casualidade em relação a tudo isso. Os homens não gostam

de devoção e adoração. Era certo que Roddy não gostava.

Falou, com leveza:

– Olá, Roddy!

Roddy respondeu:

– Olá, querida. Parece tão trágica. É uma conta?

Elinor balançou a cabeça.

Roddy disse:

– Achei que poderia ser – solstício de verão, sabe – quando as fadas se divertem, e a prestação de contas vem a galope!

Elinor disse:

– É bastante horripilante. É uma carta anônima.

As sobrancelhas de Roddy se ergueram. Sua expressão penetrante e fastidiosa enrijeceu e se transformou. Exprimiu – em uma exclamação aguda e desgostosa:

– Não!

Elinor falou mais uma vez:

– É bem horripilante...

Ela deu um passo em direção à escrivaninha.

– É melhor eu rasgar, imagino.

Poderia ter feito isso – quase o fez –, pois Roddy e cartas anônimas eram duas coisas que não deveriam se encontrar. Poderia ter jogado fora e não pensado mais no assunto. Ele não teria impedido. Seu preciosismo era muito mais desenvolvido do que a curiosidade.

Porém, de impulso, Elinor decidiu diferente. Anunciou:

– Contudo, quem sabe seria melhor se você lesse primeiro. Depois queimamos. É sobre a tia Laura.

As sobrancelhas de Roddy levantaram-se de surpresa.

– Tia Laura?

Pegou a carta, leu, franziu o cenho de desgosto e entregou de volta.

– Sim – concordou. – Definitivamente, deve ser queimada! Como são extraordinárias as pessoas!

Elinor disse:

– Um dos criados, você acha?

– Imagino que sim. – Hesitou: – Fico tentando imaginar quem, quem seria a pessoa da qual estão falando?

Elinor sugeriu, pensativa:

– Deve ser Mary Gerrard, acho eu.

Roddy franziu a testa em um esforço de memória.

– Mary Gerrard? Quem é ela?

– A filha da família do Alojamento. Deve lembrar dela quando criança. A tia Laura sempre gostou da menina e se interessou por ela. Pagou pela educação e por vários extras; lições de piano, francês e outras coisas.

Roddy disse:

– Ah, sim, agora me lembro: uma garota magricela, que era só perna e braço, com uma cabeleira loira e despenteada.

Elinor assentiu.

– É, provavelmente você não a vê desde aquelas férias de verão quando mamãe e papai estavam no estrangeiro. Não tem ido a Hunterbury com tanta frequência quanto eu, é claro, e ela andou no exterior, foi como *au pair* para a Alemanha recentemente, mas costumávamos chamá-la para brincar quando éramos todos pequenos.

– E como ela é agora? – perguntou Roddy.

Elinor respondeu:

– Acabou ficando muito bonita. Com boas maneiras e tudo o mais. Como resultado da educação que recebeu, você jamais diria que é filha do velho Gerrard.

– Transformou-se em uma dama requintada, foi?

– Foi. Acho que por conta disso não está se dando muito bem no Alojamento. A sra. Gerrard faleceu há alguns anos, sabe, e Mary e o pai não se dão bem. Ele zomba da educação dela e do seu "jeito refinado".

Roddy falou em tom irritado:

– As pessoas nunca sonham com o mal que podem causar ao decidirem "educar" alguém! Muitas vezes é uma crueldade, e não uma gentileza!

Elinor disse:

– Suponho que ela passe *boa* parte do tempo lá na casa... Lê em voz alta para tia Laura, isso eu sei, desde que ela teve o derrame.

Roddy indagou:

– Por que a enfermeira não pode ler para ela?

Elinor respondeu com um sorriso:

– A enfermeira O'Brien tem um sotaque irlandês tão denso e pesado que dá para cortar com uma faca! Não me admira que a tia Laura prefira Mary.

Roddy caminhou apressado e nervoso de um lado a outro da sala por um

ou dois minutos. Então falou:

– Sabe, Elinor, acho que deveríamos fazer uma visita.

Elinor falou, recuando um pouco:

– Por causa dessa...?

– Não, não... de jeito nenhum. Ah, droga, a gente precisa ser franco, *sim*! Por mais abominável que seja essa comunicação. *Pode* haver um fundo de verdade por trás disso. Digo, a velha anda bem doente...

– Sim, Roddy.

Olhou para ela com seu sorriso encantador; admitindo a falibilidade da natureza humana. Declarou:

– E o dinheiro *faz* diferença, para você e para mim, Elinor.

Ela admitiu, prontamente.

– Ah, faz sim.

Ele se pronunciou com tom de seriedade:

– Não que eu seja um mercenário. Mas, afinal de contas, a própria tia Laura já disse um milhão de vezes que você e eu somos os únicos laços familiares dela. Você é sobrinha de verdade, filha do irmão dela, e eu sou sobrinho do marido. Sempre nos deu a entender que, ao morrer, tudo o que possui viria para um ou outro – ou, o que é mais provável, para ambos – nós dois. E... é uma quantia bastante grande, Elinor.

– Sei – disse Elinor, pensativa. – Deve ser.

– Não é brincadeira manter Hunterbury – ele fez uma pausa. – Tio Henry era, suponho, o que se poderia chamar de um sujeito de vida confortável quando conheceu sua tia Laura. Mas ela era uma herdeira. Tanto ela quanto seu pai herdaram uma boa fortuna. Pena que seu pai perdeu quase toda a parte dele em especulação.

Elinor suspirou.

– Pobre do meu pai, nunca teve muito tino para os negócios. Ficou preocupado demais com tudo antes de morrer.

– Sim, sua tia Laura tinha uma cabeça muito melhor do que ele. Casou com o tio Henry, e compraram Hunterbury. Ela disse outro dia que fora extremamente sortuda em seus investimentos. Quase não sofreu com crises ou baixas.

– Tio Henry deixou tudo o que tinha para ela quando morreu, não deixou?

Roddy assentiu.

– Sim, uma tragédia ele morrer tão cedo. E ela nunca se casou de novo. Fiel como ninguém. E sempre foi muito boa conosco. Ela me trata como se fosse sobrinho de sangue. Quando estive no buraco, me ajudou a sair; por sorte isso não me aconteceu *tantas* vezes!

– Sempre foi de uma generosidade imensa comigo também – disse Elinor com gratidão.

Roddy assentiu.

– Tia Laura – ele falou – é uma rocha. Mas, sabe, Elinor, talvez sem querer, você e eu levemos uma vida bastante extravagante considerando a realidade de nossas posses!

Ela disse com pesar:

– Suponho que sim... Tudo custa tão caro; manter as roupas e a aparência. E também futilidades, como cinema e drinques e até discos para o gramofone!

Roddy sugeriu:

– Minha querida, você *é* um dos lírios do campo, não é mesmo? Não trabalha nem fia!

Elinor indagou:

– Acha que eu deveria, Roddy?

Ele fez que não.

– Gosto de você como é: delicada, distante e irônica. Odiaria se decidisse ficar toda diligente. Estou apenas dizendo que, se não fosse por tia Laura, você provavelmente estaria em algum emprego austero.

Continuou:

– Eu também. Tenho meu trabalho, digamos. Trabalhar com Lewis & Hume não é nada tão árduo. Cai bem para mim. Preservo meu amor-próprio mantendo um emprego. Mas, preste atenção, não me preocupo com o futuro por conta de minhas expectativas – em relação à tia Laura.

Elinor exclamou:

– Estamos parecendo um par de sanguessugas humanas!

– Que bobagem! Deram a entender que algum dia teríamos dinheiro; só isso. Naturalmente, esse fato influencia nossa conduta.

Elinor comentou:

– Tia Laura nunca nos disse com certeza *como* estabeleceu a divisão do dinheiro.

Roddy disse:

– Isso não importa! É quase certo que dividiu tudo entre nós dois; porém, se não for assim, se deixou tudo ou a maior parte do montante para você, que é sangue do sangue dela, bem, então, minha querida, vou entrar nessa partilha, porque vou me casar com você, e, se nossa amada tia achar que a maioria dos bens deveria vir para mim, como representante masculino dos Welman, então também fica tudo certo, porque *você* está se casando *comigo*.

Sorriu para ela afetuosamente. Completou:

– Que sorte amarmos um ao outro. Você me ama, não é, Elinor?

– Sim.

Ela disse aquilo com frieza quase cerimoniosa.

– Sim! – Roddy a imitou. – É adorável, Elinor. Esse seu ar... distante... intocável... *la Princesse Lointaine*. É essa sua qualidade que me fez amar você, creio.

Elinor prendeu a respiração. Perguntou:

– É mesmo?

– É – franziu a testa. – Algumas mulheres são tão... ah, não sei... de uma possessividade tão absurda, tão... parecendo um cachorro babão de tão devotadas, com as emoções se esparramando, fora de controle! Odiaria algo assim. Com você, jamais sei, nunca tenho certeza... a qualquer momento pode se voltar com esse seu jeito frio e desapegado e dizer que mudou de ideia, com total frieza, bem assim, sem pestanejar! Você é uma criatura fascinante, Elinor. É como uma obra de arte, tão, tão... *bem-acabada*!

Continuou:

– Sabe, acho que teremos o casamento perfeito... Ambos nos amamos o suficiente, mas não demais. Somos bons amigos. Temos vários gostos em comum. Conhecemos a fundo um ao outro. Temos todas as vantagens de sermos primos, sem as desvantagens da consanguinidade. Jamais me cansarei de você, pois é uma criatura tão elusiva. Já *você* pode se cansar de *mim*. Sou um tipo tão comum...

Elinor balançou a cabeça. Disse:

– Não vou me cansar de você, Roddy; nunca.

– Meu docinho!

Beijou-a.

E propôs:

– Tia Laura tem uma percepção muito clara do que se passa conosco,

acho, embora não tenhamos voltado lá desde que finalmente acertamos o casamento. Isso, de certa forma, nos serve de desculpa, não é, para fazermos uma visita?

– Sim, eu estava pensando outro dia que...

Roddy completou a frase para ela:

– Não a temos visitado com tanta frequência quanto poderíamos. Pensei nisso também. Quando ela tinha acabado de sofrer o derrame, aparecíamos a cada quinze dias. E agora deve fazer quase dois meses desde que estivemos lá pela última vez.

Elinor falou:

– Teríamos aparecido imediatamente se ela tivesse nos chamado.

– Sim, é claro. E sabemos que ela gosta da enfermeira O'Brien e está sendo bem atendida. Mesmo assim, talvez tenhamos mesmo sido um pouco *relapsos*. Digo isso não do ponto de vista financeiro, mas do puramente humano.

Elinor assentiu.

– Eu sei.

– Portanto, aquela carta imunda acabou nos fazendo um bem! Vamos fazer uma visita não só para proteger nossos interesses, mas *também* porque temos afeição por nossa querida tia!

Riscou um fósforo e ateou fogo na carta que tirou da mão de Elinor.

– Quem será que enviou isso? – ponderou. – Não que faça diferença... Alguém que estava do "nosso lado", como costumávamos dizer quando éramos crianças. Talvez inclusive tenham nos feito um bem. A mãe de Jim Partington foi morar na Riviera e tinha um jovem doutor italiano que cuidava dela, ficou enlouquecida por ele e deixou todo e qualquer centavo da herança para o médico. Jim e as irmãs tentaram alterar o testamento, mas não conseguiram.

Elinor disse:

– Tia Laura gosta do novo médico que assumiu o consultório do dr. Ransome, mas não a esse ponto! De qualquer maneira, aquela carta horrenda mencionava uma garota. Deve ser Mary.

Roddy reafirmou:

– Vamos até lá ver por nós mesmos...

II

A enfermeira O’Brien saiu farfalhando do quarto da sra. Welman e entrou no banheiro. Anunciou por cima do ombro:

– Vou só colocar a chaleira no fogo. Uma xícara de chá lhe faria bem antes de seguir adiante, estou certa disso, enfermeira.

A enfermeira Hopkins respondeu à vontade:

– Bem, minha cara, uma xícara de chá *sempre* me faz bem. Sempre digo que não há nada como uma boa xícara de chá, chá forte!

A enfermeira O’Brien relatou enquanto enchia a chaleira e acendia o fogareiro:

– Guardo tudo aqui neste armário: bule, xícaras e açúcar. Edna me traz leite fresco duas vezes ao dia. Não há necessidade de ficar tocando sinos por uma eternidade. Este fogareiro aqui é ótimo; ferve a água num instante.

A enfermeira O’Brien era uma mulher alta e ruiva de uns trinta anos com dentes brancos e brilhantes, faces sardentas e um sorriso cativante. Sua alegria e vitalidade faziam dela a favorita dos pacientes. A enfermeira Hopkins, a enfermeira distrital que vinha todos os dias de manhã para ajudar a fazer a cama e a toalete da corpulenta idosa, era uma mulher de meia-idade de aparência bastante singela com ar competente e trejeitos bruscos.

Então comentou em tom de aprovação:

– Tudo foi muito bem-feito nesta casa.

A outra assentiu.

– Sim, algumas coisas são à moda antiga, não tem aquecimento central, mas há um número suficiente de lareiras. Todas as criadas são muito solícitas, e a sra. Bishop as coordena muito bem.

A enfermeira Hopkins disse:

– Essas moças de hoje... não tenho paciência com elas, não sei o que quer a maioria... e são incapazes de cumprir decentemente com um único dia de tarefas.

– Mary Gerrard é uma boa moça – disse a enfermeira O’Brien. – De fato, não sei o que a sra. Welman faria sem ela. Viu como ela chamou pela moça ainda agora? Ah, bem, é uma criatura adorável, eu que o diga, e tem jeito com ela.

A enfermeira Hopkins comentou:

– Tenho pena de Mary. Aquele pai dela faz o que pode para irritar a

menina.

– Não lhe ocorre uma palavra de civilidade, aquele velho grosseirão – disparou a enfermeira O’Brien. – Aí está, a chaleira assoviando. Vou fazer a infusão assim que levantar fervura.

O chá foi feito e servido, quente e forte. As duas se sentaram com as xícaras no quarto da enfermeira O’Brien, ao lado do quarto da sra. Welman.

– Sr. Welman e srta. Carlisle estão vindo para cá – informou a enfermeira O’Brien. – Chegou um telegrama hoje pela manhã.

– Aí está, querida – disse a enfermeira Hopkins. – Bem que achei que a velhinha estava empolgada com alguma coisa. Faz algum tempo desde que eles vieram pela última vez, não é?

– Deve fazer uns dois meses ou mais. É um cavalheiro tão simpático, o sr. Welman. Mas com um jeito muito orgulhoso.

A enfermeira Hopkins disse:

– Vi uma foto *dela* na revista *Tatler* outro dia, com uma amiga em Newmarket.

A enfermeira O’Brien disse:

– Ela é muito conhecida na sociedade, não é? E sempre usa umas roupas tão lindas. Acha que ela é de fato bonita, enfermeira?

A enfermeira Hopkins respondeu:

– Difícil saber que cara essas moças têm de verdade por baixo de toda aquela maquiagem! Na minha opinião, não chega nem perto da beleza de Mary Gerrard!

A enfermeira O’Brien apertou os lábios e inclinou a cabeça.

– Pode ter razão nisso. Mas Mary não tem tanto *estilo*!

A enfermeira Hopkins declarou, sentenciosa:

– Uma bela plumagem explica a beleza do pássaro.

– Mais uma xícara de chá, enfermeira?

– Obrigada, enfermeira. Não me importaria de ficar para tomar mais uma.

Acompanhadas de suas xícaras fumegantes, as duas mulheres acabaram se aproximando.

A enfermeira O’Brien disse:

– Algo bem esquisito aconteceu na noite passada. Entrei às duas horas para ajeitar e deixar minha querida paciente bem confortável, como sempre faço, e ela estava deitada, desperta. Mas devia estar sonhando, pois assim que

entrei no quarto, pediu: “A fotografia, preciso pegar a fotografia”.

“Então eu disse: ‘Ora, claro, sra. Welman. Mas não prefere esperar até de manhã?’. E ela disse: ‘Não, quero olhar a foto agora’. Então perguntei: ‘Bem, onde *está* essa fotografia? É aquela do sr. Roderick da qual a senhora está falando?’. E ela respondeu: ‘Rode-rick? Não. *Lewis*’. E começou a se debater, fui levantá-la, ela apanhou as chaves da caixinha ao lado da cama e me disse para destrancar a segunda gaveta da cômoda grande, e lá, sem sombra de dúvida, havia uma fotografia grande em um porta-retrato prateado. Um homem *tão* lindo. Com ‘Lewis’ escrito no canto. Antiga, é claro, deve ter sido tirada há muitos anos. Levei para ela, e ela ficou segurando, olhando fixo para a foto por um bom tempo. E apenas murmurava: ‘*Lewis, Lewis*’. Então suspirou e me entregou o retrato, pedindo para pôr de volta no lugar. E, você não vai acreditar, mas quando olhei de novo, dormia feito um bebê.”

A enfermeira Hopkins perguntou:

– Era o marido dela, você acha?

A enfermeira O’Brien disse:

– Não era! Pois esta manhã perguntei à sra. Bishop, como quem não quer nada, qual era o primeiro nome do falecido sr. Welman, e era Henry, ela me contou!

As duas se entreolharam. A enfermeira Hopkins tinha um nariz comprido, e a ponta fremia um pouco com uma agradável emoção. Repetiu pensativamente:

– Lewis... Lewis. Agora me pergunto. Não me lembro desse nome em lugar nenhum por essas partes.

– Deve ter sido há muitos anos, querida – a outra lembrou.

– Sim, é claro, e estou aqui faz poucos anos. Fico imaginando...

A enfermeira O’Brien ressaltou:

– Um homem *muito* bonito. Parecia um oficial da cavalaria!

A enfermeira Hopkins bebericou seu chá. Comentou:

– Isso é muito interessante.

A enfermeira O’Brien disse, com romantismo:

– Quem sabe eles formavam um casal de namorados, mas um pai cruel os separou...

A enfermeira Hopkins disse com um suspiro profundo:

– Talvez ele tenha morrido na guerra...

III

Quando a enfermeira Hopkins por fim deixou a casa, estimulada pelo prazer do chá e de especulações românticas, Mary Gerrard saiu correndo pela porta para alcançá-la.

– Ah, enfermeira, posso acompanhá-la até a vila?

– Claro que pode, minha querida Mary.

Mary Gerrard falou quase sem fôlego:

– *Preciso* conversar. Estou tão preocupada com tudo.

A mulher mais velha olhou para a outra com ternura.

Aos 21 anos, Mary Gerrard era uma criatura adorável, com uma espécie de irrealidade que lembrava a de uma rosa selvagem: um pescoço longo e delicado, cabelos de um dourado pálido que caíam próximo à sua cabeça muito bem moldada em ondas suaves e naturais, olhos de um azul profundo e vívido.

A enfermeira Hopkins disse:

– Qual é o problema?

– O problema é que o tempo está passando e passando, e eu não estou *fazendo* nada!

A enfermeira Hopkins falou secamente:

– Vai ter tempo de sobra para isso.

– Não, mas é tão... tão desconcertante. A sra. Welman foi de uma gentileza tão maravilhosa, me proporcionando todos os meus estudos. Agora sinto que deveria começar a ganhar o meu dinheiro. Deveria estar fazendo algum tipo de treinamento.

A enfermeira Hopkins assentiu com simpatia.

– É um tremendo desperdício de tudo se eu não fizer. Tentei... explicar o que sinto para a sra. Welman, mas... é difícil... ela não parece entender. Fica repetindo que tenho tempo para isso.

A enfermeira Hopkins comentou:

– Ela é uma mulher doente, lembre-se disso.

Mary corou com um rubor contrito.

– Ah, eu sei. Imagino que não devesse incomodá-la. Mas é *preocupante*, e meu pai é tão... tão ignorante com relação a tudo! Fica fazendo pouco de mim porque me comporto como uma dama fina! Mas, na verdade, eu *mesma* não quero ficar sentada sem fazer nada!

– Sei que não quer.

– O problema é que instrução de qualquer tipo é quase sempre muito cara. Sei falar alemão muito bem agora e poderia usar isso para alguma coisa. Mas acho que, de fato, quero ser enfermeira de hospital. Gosto muito de enfermagem e de pessoas doentes.

A enfermeira Hopkins assinalou sem qualquer romantismo:

– Precisa ser forte como um cavalo, lembre-se disso!

– Sou forte! E realmente *adoro* enfermagem. A irmã da minha mãe, aquela da Nova Zelândia, era enfermeira. Então está no meu sangue, entende?

– E que tal massagem? – sugeriu a enfermeira Hopkins. – Ou a escola Norland? Você gosta de crianças. Dá para se ganhar um bom dinheiro fazendo massagem.

Mary respondeu ressabiada:

– É caro aprender a fazer massagem, não é? Esperava que... mas, é claro, seria muita pretensão minha... ela já fez tanto por mim.

– Sra. Welman, você quer dizer? Bobagem. Na minha opinião, ela deve isso a você. Já lhe proporcionou uma educação excelente, mas não do tipo que leva de fato a muita coisa. Não gostaria de lecionar?

– Não sou inteligente o suficiente.

A enfermeira Hopkins disse:

– Há cérebros e cérebros! Se seguir meu conselho, Mary, vai manter a paciência no momento presente. Na minha opinião, como já disse, a sra. Welman lhe deve essa ajuda para que possa começar a ganhar o seu dinheiro. E não tenho dúvida de que ela tem intenção de fazê-lo. Mas a verdadeira questão é que ela se afeiçoou a você e não quer perdê-la.

Mary disse:

– Oh! – puxou o ar com um leve sobressalto. – Acha que é isso mesmo?

– Não tenho a menor dúvida! Lá está ela, uma pobre senhora idosa, mais ou menos desesperançada, com um lado do corpo paralisado, sem nada nem ninguém para entretê-la. Significa muito para ela ter uma jovem bonita como você pela casa. Você sabe se portar muito bem em uma sala de doentes.

Mary falou com doçura:

– Se acha mesmo... isso me faz sentir melhor... A querida sra. Welman, gosto tanto, *tanto* dela! Tem sido sempre tão boa para mim. Faria *qualquer* coisa por ela!

A enfermeira Hopkins disse com aspereza:

– Então o melhor que pode fazer é ficar onde está e parar de se preocupar! Não será por muito tempo.

Mary disse:

– Está dizendo...?

Seus olhos arregalaram-se cheios de medo.

A enfermeira distrital assentiu.

– Ela tem se saído maravilhosamente bem, mas não será por muito tempo. Vai sofrer um segundo derrame e, depois, um terceiro. Conheço bem demais a sequência. Seja paciente, minha querida. Manter a velhinha feliz e ocupada em seus últimos dias é a melhor ação de todas. O momento para as demais coisas virá.

Mary falou:

– É muito gentil.

A enfermeira Hopkins apontou:

– Aí está seu pai, saindo do Alojamento, e não está com cara de quem vai passar bem o dia, eu diria!

Estavam se aproximando dos grandes portões de ferro. Na escada que dava para o Alojamento, um senhor de idade com as costas encurvadas mancava com dificuldade enquanto descia os dois degraus.

A enfermeira Hopkins cumprimentou-o, animadamente:

– Bom dia, sr. Gerrard.

Ephraim Gerrard respondeu de modo rabugento:

– Ha!

– O tempo está tão agradável – disse a enfermeira Hopkins.

O velho Gerrard respondeu com rispidez:

– Talvez para você. Pra mim, não. Meu lumbago tem sido cruel comigo.

A enfermeira Hopkins comentou alegremente:

– Foi por conta da umidade da semana passada, imagino. Este tempo quente e seco vai logo resolver *esse* problema.

Seu jeito ativo e profissional pareceu irritar o velho.

Falou, desgostoso:

– Enfermeiras... enfermeiras, vocês são todas iguais. Ficam todas animadas com os problemas dos outros. Até parece que se *importam*! E lá vai Mary falando em se tornar enfermeira também. Pensei que fosse querer ser alguma coisa *melhor*, já que fala francês, alemão, toca piano e tudo o mais que aprendeu na tal escola metida e nas viagens ao exterior.

Mary respondeu com rispidez.

– Ser enfermeira de hospital seria bom demais para mim!

– Sim, mas preferia mesmo era não fazer coisa nenhuma, não preferia? Desfilando por aí com seu arzinho, toda graciosa e seu jeito de dondoca. Preguiça, é disso que *você* gosta, minha filhinha!

Mary protestou, as lágrimas formando-se nos olhos:

– Não é verdade, pai. Não tem o direito de dizer isso!

A enfermeira Hopkins interveio com um bom humor pesado e cheio de determinação.

– As coisas não estão fáceis esta manhã, não é mesmo? Não deve acreditar de fato no que está dizendo, Gerrard. Mary é uma boa menina e uma boa filha para o senhor.

Gerrard olhou para a filha com um ar que quase chegava à malevolência.

– Não é minha filha, hoje em dia, com seu francês, seus conhecimentos de história e o jeito pedante de falar. Pff!

Virou-se e voltou a entrar no Alojamento.

Mary disse, com os olhos cheios d'água:

– Está vendo, enfermeira, vê como é difícil? Ele é tão injusto. Nunca gostou realmente de mim, nem mesmo quando ainda era menina. Minha mãe sempre precisava me defender.

A enfermeira Hopkins confortou-a com delicadeza:

– Já passou, já passou, não se preocupe. Essas coisas acontecem para nos testar! Minha nossa, preciso me apressar! Que manhã atarefada!

Enquanto olhava a figura vivaz se afastando, Mary Gerrard pensou, com sentimento de desamparo, que ninguém era de fato bom nem poderia ajudar alguém. A enfermeira Hopkins, apesar de toda a gentileza, se dava por satisfeita só de apresentar um pequeno estoque de banalidades, oferecendo-as como se fossem novidade.

Mary pensou, inconsolável:

– Que devo eu *fazer*?

CAPÍTULO 2

I

A sra. Welman estava recostada em seu montinho cuidadoso de travesseiros. A respiração estava um pouco árdua, mas não estava adormecida. Os olhos – olhos ainda azuis e profundos como os de sua sobrinha Elinor – miravam o teto. Era uma mulher grande, corpulenta, com um belo perfil afalcoado. O orgulho e a determinação eram evidentes em seu rosto.

Os olhos baixaram e foram pousar na figura sentada à janela. Repousaram ali com ternura... quase uma melancolia.

Por fim, chamou:

– Mary...

A garota se virou com rapidez.

– Ah, a senhora está acordada, sra. Welman.

Laura Welman disse:

– Sim, acordei faz um tempo...

– Ah, eu não sabia. Eu teria...

Sra. Welman interrompeu:

– Não, está tudo bem. Estava pensando... pensando em muitas coisas.

– Pois não, sra. Welman?

O olhar compreensivo e o tom de interesse suscitaram uma expressão de ternura no rosto da velha. Falou com suavidade:

– Sou muito afeiçoada a você, minha querida. É muito boa para comigo.

– Ah, sra. Welman, é a *senhora* que tem sido boa para *mim*. Se não fosse pela senhora, não sei o que seria de mim! A senhora fez *tudo* por mim.

– Não sei... não sei, com certeza... – a doente moveu-se inquieta, o braço direito contraiu-se, o esquerdo permanecia inerte e sem vida. – A gente tenta fazer o melhor que pode. Mas é tão difícil saber o que é melhor... o que é *correto*. Sempre me senti segura demais...

Mary Gerrard disse:

– Oh, não, tenho certeza de que a senhora sempre *sabe* o que é melhor e o que é correto.

Porém, Laura Welman balançou a cabeça negativamente.

– Não... não. Isso me preocupa. Sempre fui culpada de um pecado incurável, sempre, Mary: sou orgulhosa. O orgulho pode ser o diabo. É mal de família. Elinor também sofre com isso.

Mary foi logo dizendo:

– Vai ser bom para a senhora receber a srta. Elinor e o sr. Roderick aqui. Vai alegrá-la bastante. Faz um bom tempo que eles não vêm.

Sra. Welman falou em tom afável:

– São bons meninos, muito bons meninos. E gostam de mim, os dois. Sei que basta mandar chamar, e eles vêm, seja a hora que for. Mas não quero fazer isso muito seguido. São jovens e felizes... têm a vida pela frente. Não há necessidade de trazê-los para junto da decadência e do sofrimento antes do tempo.

Mary disse:

– Tenho certeza de que eles *jamais* pensariam assim, sra. Welman.

Sra. Welman prosseguiu, falando talvez mais para consigo mesma do que com a moça:

– Sempre tive esperança de que se casassem. Mas procurei nunca sugerir nada do tipo. Os jovens são tão contraditórios. Isso teria o efeito de dissuadi-los! Tive um pressentimento, muito tempo atrás, quando ainda eram crianças, de que Elinor havia se decidido por Roddy. Mas não tinha a mesma certeza quanto ao que *ele* desejava. É uma criatura estranha. Henry também era assim; muito reservado e fastidioso... Sim, Henry...

Ficou em silêncio por alguns momentos, pensando no falecido marido.

Murmurou:

– Tanto tempo... faz tanto, tanto, tempo... Estávamos casados há apenas cinco anos quando ele morreu. Pneumonia dupla... Éramos felizes, sim, muito felizes, mas de alguma forma, tudo parece tão *irreal*, aquela felicidade. Eu era uma moça ímpar, solene, pouco desenvolvida; minha cabeça era cheia de ideias e de adoração por heroísmos. Não queria saber de *realidade*...

Mary murmurou:

– A senhora deve ter se sentido muito só... depois disso.

– Depois? Ah, sim... uma solidão atroz. Eu tinha 26 anos... e agora tenho mais de sessenta. É muito tempo, minha querida... muito, muito tempo... – e acrescentou com uma aspereza súbita: – E agora *isto*!

– Sua doença?

– É. Um derrame é a coisa que eu mais temia. A indignidade de tudo! Sendo lavada e atendida como um bebê! Incapaz de fazer qualquer coisa sozinha. Isso me enlouquece. Essa criatura O'Brien é de boa índole; isso posso dizer dela. Não se importa quando me irrito com ela e não é mais idiota do que a maioria das outras. Mas faz um bocado de diferença ter *você* por perto, Mary.

– Faz? – a garota corou. – Eu... fico tão contente, sra. Welman.

Laura Welman afirmou com perspicácia:

– Anda preocupada, não é mesmo? Sobre o futuro. Deixe tudo comigo, minha querida. Vou cuidar para que tenha os meios de ser independente e assumir uma profissão. Mas seja paciente mais um pouco... representa muito para mim ter você aqui.

– Ah, sra. Welman, é claro... *é claro*! Não deixaria a senhora por nada nesse mundo. Não se me quiser aqui...

– Quero sim... – a voz soou com uma profundidade e sonoridade incomuns. – É... é quase uma filha para mim, Mary. Vi você crescer aqui em Hunterbury, de uma criancinha dando seus primeiros passos... a vi se transformar em uma moça muito bonita... Tenho orgulho de você, minha filha. Só espero que eu tenha feito o que seria o melhor para você.

Mary apressou-se em responder:

– Se está se referindo ao fato de ter sido boa para mim e me proporcionado uma educação acima... bem, acima da minha posição... se acha que isso me trouxe insatisfação ou... ou me deu... o que meu pai chama de ideias de senhora fina, isso de fato não é verdade. Apenas sinto uma gratidão imensa, isso é tudo. E, se estou ansiosa para começar a ganhar o meu dinheiro, é apenas porque sinto que é certo e que não deveria, e não... e não... bem, simplesmente não fazer nada depois de tudo que a senhora fez por mim. Eu... não gostaria que pensassem que a estou explorando.

Laura Welman falou, e sua voz adquiriu um tom de rispidez repentina:

– Então é isso que Gerrard tem enfiado na sua cabeça? Não dê ouvidos ao seu pai, Mary; jamais existiu e jamais existirá qualquer dúvida com relação a você estar me explorando! Estou pedindo para você ficar por aqui mais um tempo apenas por minha causa. Logo vai terminar tudo... Se as decisões corretas fossem tomadas nessas situações, minha vida poderia terminar aqui e agora... nada dessa patetice sem fim rodeada de enfermeiras e médicos.

– Ah, não, sra. Welman, dr. Lord disse que a senhora vai viver por anos.

– Não estou ansiosa por isso, muito obrigada! Falei para ele outro dia que, em uma sociedade decente e civilizada, tudo o que precisaria fazer seria intimá-lo, afirmando que eu gostaria de terminar com tudo, e ele daria cabo de mim de maneira indolor com algum belo medicamento. Eu ainda disse: “E se o senhor tivesse um pingo de coragem, doutor, faria isso de qualquer jeito!”.

Mary exclamou:

– Oh! E o que ele respondeu?

– Aquele jovenzinho desrespeitoso apenas sorriu para mim, minha cara, e falou que não arriscaria um enforcamento. E falou: “Se a senhora fosse me deixar todo o seu dinheiro, sra. Welman, as coisas seriam diferentes, é claro!”. Insolente! Mas gosto dele. As visitas que ele faz me ajudam mais do que os remédios.

– Sim, ele é muito simpático – disse Mary. – A enfermeira O’Brien tem muita consideração por ele e também a enfermeira Hopkins.

Sra. Welman disse:

– Hopkins deveria ser mais sensata na idade dela. Quanto à O’Brien, essa não tira o sorriso da cara e fica jogando confetes e serpentinas cada vez que ele se aproxima.

– Pobre enfermeira O’Brien.

Sra. Welman acrescentou de modo indulgente:

– Não é má pessoa, realmente, mas todas as enfermeiras me irritam. Sempre acham que a gente gostaria de “uma boa xícara de chá” às cinco da manhã! – fez uma pausa. – O que foi isso? É o carro?

Mary olhou pela janela.

– Sim, é o carro. Srta. Elinor e sr. Roderick chegaram.

II

Sra. Welman disse para a sobrinha:

– Estou muito contente, Elinor, por você e Roddy.

Elinor sorriu para ela.

– Achei que ficaria, tia Laura.

A mais velha falou, após um instante de hesitação:

– Você... gosta dele, Elinor?

As delicadas sobrancelhas de Elinor se arquearam.

– É claro.

Laura Welman emendou logo:

– Deve me desculpar, querida. Sabe, você é muito reservada. É muito difícil saber o que está pensando ou sentindo. Quando vocês dois eram bem mais jovens, achei que estivesse talvez começando a gostar de Roddy... um pouco demais...

Mais uma vez as sobrancelhas delicadas de Elinor se elevaram.

– Demais?

A mais velha assentiu.

– É. Não é inteligente gostar demais. E às vezes uma mocinha muito jovem faz justamente isso... Fiquei feliz quando viajou para a Alemanha para terminar. Então, quando voltou, parecia bastante indiferente em relação a ele... e, bem, achei isso uma pena também! Sou uma velha enfadonha, difícil de agradar! Mas sempre imaginei que você tivesse, talvez, uma natureza bastante intensa; esse tipo de temperamento é de família. Não é algo muito feliz para quem o tem... Mas, como eu digo, quando voltou do exterior tão indiferente ao Roddy, achei uma pena, porque sempre torci para que vocês dois ficassem juntos. E agora se juntaram, e assim tudo está perfeito! E gosta *mesmo* dele?

Elinor falou com ar austero:

– Eu gosto de Roddy o suficiente e nunca demais.

Sra. Welman balançou o queixo em sinal de aprovação.

– Acho então que serão felizes. Roddy precisa de amor... mas não gosta de emoções violentas. Ele se esquivaria de possessividade.

Elinor disse emocionada:

– A senhora conhece o Roddy tão bem!

Sra. Welman acrescentou:

– Se Roddy gostar de você nem que seja *um pouquinho* a mais do que gosta dele... bem, isso é ainda melhor.

Elinor disparou de repente:

– Como diz na coluna de aconselhamento de tia Agatha. “*Deixe seu namorado sempre na dúvida! Não permita que se sinta muito seguro em relação a você*!”

Laura Welman indagou em tom penetrante:

– Está infeliz, minha filha? Há alguma coisa errada?

– Não, não, nada.

Laura Welman falou:

– Acha que ainda agora fui um tanto... mesquinha? Minha querida, você é jovem e sensível. A vida, receio, *é* bastante mesquinha...

Elinor falou com um quê de amargura:

– Imagino que seja.

Laura Welman insistiu:

– Minha filha... está *mesmo* infeliz? O que houve?

– Nada... absolutamente nada – levantou-se e foi até a janela. Deu meia-volta e falou: – Tia Laura, me diga, com toda a honestidade, acha que o amor chega a ser uma experiência feliz?

A expressão da sra. Welman ficou sombria.

– No sentido que está sugerindo, Elinor, não; é mais provável que não... Gostar apaixonadamente de outra criatura humana sempre causa mais tristeza do que alegria, mas da mesma forma, Elinor, não existiríamos sem essa experiência. Alguém que nunca amou de verdade nunca viveu de verdade...

A garota assentiu.

Disse:

– Sim... a senhora entende... a senhora sabe como é...

Virou-se de repente, com uma expressão interrogativa nos olhos:

– Tia Laura...

A porta se abriu e a enfermeira ruiva, O'Brien, entrou.

Falou com trejeitos joviais:

– Sra. Welman, o doutor está aqui para vê-la.

III

Dr. Lord era um homem jovem de 32 anos. Tinha cabelos cor de areia, o rosto sardento de uma feiura agradável e o queixo marcadamente quadrado. Os olhos eram de um azul claro aguçado e penetrante.

– Bom dia, sra. Welman – disse.

– Bom dia, dr. Lord. Esta é minha sobrinha, srta. Carlisle.

Um sinal evidente de admiração transpareceu no rosto de dr. Lord. Cumprimentou com “Como vai a senhorita?”. A mão que Elinor lhe estendeu, tomou com todo o cuidado, como se acreditasse que pudesse quebrá-la.

Sra. Welman prosseguiu:

– Elinor e meu sobrinho vieram fazer uma visita para me alegrar.

– Esplêndido! – exclamou dr. Lord. – Tudo de que a senhora precisa! Vai lhe fazer muito bem, tenho certeza, sra. Welman.

Ele seguia olhando para Elinor com evidente admiração.

Elinor disse, enquanto se dirigia à porta:

– Eu poderia, quem sabe, trocar uma palavra com o senhor antes de partir, dr. Lord?

– Ah... hã... sim, claro.

Saiu, fechando a porta atrás de si. Dr. Lord aproximou-se da cama, com a enfermeira O’Brien alvoroçada atrás dele;

Sra. Welman falou com um brilho no olhar:

– Vai usar os truques de sempre, doutor: medir o pulso, a respiração e a temperatura? Vocês médicos não passam de um embuste!

A enfermeira O’Brien suspirou:

– Oh, sra. Welman. Que coisa para se dizer para o doutor!

Dr. Lord respondeu com um brilho no olhar:

– Não consigo esconder nada de sra. Welman, enfermeira! Mesmo assim, sra. Welman, preciso seguir com meu esquema, sabe. Meu problema é que nunca aprendi a ter bons modos à cabeceira dos doentes.

– Não há nada de errado com seus modos de cabeceira. Na verdade, você se orgulha bastante deles.

Peter Lord riu abafado e assinalou:

– É *a senhora* quem está dizendo.

Depois de respondidas algumas perguntas de rotina, dr. Lord reclinou-se na poltrona e sorriu para sua paciente.

– Bem – disse –, sua saúde está esplêndida.

Laura Welman desafiou:

– Então vou estar de pé e caminhando pela casa em questão de poucas semanas?

– Não assim tão rápido.

– Não, de fato. Seu embusteiro! Que graça tem viver esticada deste jeito,

sendo cuidada como se fosse um bebê?

O dr. Lord disse:

– E que graça tem a vida em geral? Essa é a verdadeira questão. Já leu alguma vez sobre aquela ótima invenção medieval, a cela do desconforto? Não se podia ficar de pé, sentar ou deitar dentro dela. Pensaria que qualquer um condenado àquilo morreria em poucas semanas. De jeito nenhum. Um homem sobreviveu dezesseis anos em uma jaula de ferro, foi libertado e viveu com saúde até uma idade bastante avançada.

Laura Welman disse:

– Qual é a moral dessa história?

Peter Lord respondeu:

– A moral é que temos um *instinto* de sobrevivência. Não sobrevivemos porque nossa *razão* decide viver. Aqueles que, como costumamos achar, "estariam melhor mortos", não querem morrer! E pessoas que aparentemente têm todos os motivos para viver vão se deixando extinguir porque não têm energia para lutar.

– Continue.

– Não tenho mais nada a dizer. A senhora é uma das pessoas que querem viver *de verdade*, não importa que diga o contrário! E, quando seu corpo quer viver, não serve de nada seu cérebro ficar professando essas outras ideias.

A sra. Welman disse com uma mudança súbita de assunto:

– Gosta bastante daqui?

Peter Lord falou, sorrindo.

– Está muito bem para mim.

– Não é um pouco penoso para um jovem como o senhor? Não quer se especializar? Não acha essa sua clínica geral no interior um tanto entediante?

Lord balançou a cabeça negativamente.

– Não, gosto do meu trabalho. Gosto de *gente*, sabe, e gosto das doenças comuns do dia a dia. Não me interesso de fato por isolar um bacilo raro de uma doença obscura. Gosto de sarampo e catapora e todo o resto. Gosto de ver como os diferentes organismos reagem a elas. Gosto de testar para ver se não consigo melhorar ainda mais um tratamento já consagrado. Meu problema é que não tenho absolutamente nenhuma ambição. Vou ficar aqui até deixar crescer as costeletas, e as pessoas começarem a dizer: "É claro, nós sempre tivemos o dr. Lord, e ele é um velho muito bacana: mas tem uns métodos *muito* antiquados e talvez fosse melhor chamar o fulano ou beltrano

que é mais jovem e é tão atualizado...".

– Hmm – murmurou sra. Welman. – Parece ter tudo já bem planejado!

Peter Lord levantou-se.

– Bem – disse. – Preciso ir embora.

A sra. Welman disse:

– Minha sobrinha vai querer falar com o senhor, imagino. A propósito, o que achou dela? Não a havia conhecido antes.

O dr. Lord de repente ficou escarlate. Até as sobrancelhas se ruborizaram. Falou:

– Eu... oh! Ela é muito bonita, não é mesmo? E... hã... inteligente e tudo o mais, acho eu.

A sra. Welman divertiu-se. Pensou consigo: "Realmente, ele é tão é novinho...".

Em voz alta, ela falou:

– O senhor precisa se casar.

IV

Roddy havia perambulado até o jardim. Atravessara a vasta extensão de grama, seguira pelo caminho pavimentado e entrou no quintal da cozinha, rodeado por um muro. Estava bem cuidado e abastecido de víveres. Ficou imaginando se ele e Elinor algum dia morariam em Hunterbury. Supôs que sim. Ele gostaria disso. Preferia a vida no campo. Tinha algumas dúvidas em relação à Elinor. Talvez ela gostasse mais de morar em Londres...

Era um pouco difícil saber o que se passava com Elinor. Não revelava muito do que sentia e pensava sobre as coisas. Apreciava isso nela... Detestava pessoas que desatavam a falar o que pensavam e sentiam, que acreditavam, sem qualquer sombra de dúvida, que o outro estaria interessado em seu mecanismo interior. A discrição era sempre mais interessante.

Elinor, pensou, de modo judicioso, era de fato bastante perfeita. Nada nela jamais chocava ou ofendia. Era agradabilíssima ao olhar, sagaz nos assuntos; no todo, era a mais encantadora das companheiras.

Pensou consigo mesmo, complacente: "Tenho uma sorte danada em tê-la comigo. Não consigo entender o que ela vê em um camarada como eu".

Pois Roderick Welman, apesar de fastidioso, não era convencido. Honestamente considerava estranho que Elinor tivesse consentido em casar-se com ele.

A vida que se delineava à sua frente era bastante agradável. Saber bem em que posição a pessoa se encontra é sempre uma bênção. Supunha que Elinor e ele se casariam muito em breve, isto é, se Elinor quisesse; talvez ela preferisse adiar um pouco. Não deveria apressá-la. Passariam por algumas dificuldades financeiras no começo. No entanto, nada preocupante. Esperava, com toda a sinceridade, que tia Laura não morresse por um bom tempo. Era muito querida e tinha sempre sido muito boa com ele, recebendo-o nas férias, sempre interessada no que ele estivesse fazendo.

Seus pensamentos evitaram a ideia da morte (a mente dele costumava esquivar-se de qualquer dissabor mais concreto). Não gostava de visualizar com clareza nada que fosse desagradável... Mas, hã, logo depois, bem, seria muito agradável morar ali, principalmente porque teriam bastante dinheiro para manter o lugar. Tentava imaginar com exatidão como a tia teria designado a herança. Não que fizesse diferença. Para algumas mulheres, faria muita diferença se fosse o marido ou a esposa que tivessem o dinheiro. Mas não para Elinor. Ela tinha tato de sobra e não se importava tanto com dinheiro para emitir julgamentos.

Pensou: “Não, não há nada com que se preocupar... não importa o que aconteça!”.

Saiu do quintal cercado pelo portão dos fundos. De lá, perambulou pelo trecho de bosque onde os narcisos amarelos ficavam na primavera. Àquela altura do ano já haviam acabado, mas o brilho esverdeado era muito bonito onde a luz do sol se infiltrava por entre as árvores.

Por um instante apenas, uma inquietação esquisita tomou conta dele – uma ondulação em sua placidez anterior. Pensou: “Há alguma coisa, alguma coisa que ainda não consegui, algo que eu quero... eu quero... quero...”.

A luz dourado-esverdeada, a suavidade no ar – com elas veio um aumento na pulsação, uma agitação no sangue, uma impaciência súbita.

Uma garota surgiu por entre as árvores, vindo em sua direção, uma garota com cabelos pálidos, reluzentes, e pele rosada.

Pensou: “Que linda, uma beleza indizível”.

Algo se apoderou dele; ficou parado, quieto, como se estivesse congelado e imóvel. O mundo, ele sentiu, estava girando, estava de ponta-

cabeça, ficou súbita e impossível e gloriosamente louco!

A garota parou de repente, então se apercebeu. Foi até onde ele estava, embasbacado e com uma cara absurda de peixe, de boca aberta.

Falou quase que sem hesitar:

– Não se lembra de mim, sr. Roderick? Faz muito tempo, é claro. Sou Mary Gerrard, do Alojamento.

Roddy disse:

– Oh... oh... você é Mary Gerrard?

Ela respondeu:

– Sou.

Então continuou bastante tímida:

– Mudei, penso eu, desde a última vez que me viu.

Ele disse:

– Sim, mudou. Eu... não a teria reconhecido.

Ficou parado olhando para ela. Não escutou os passos se aproximando atrás dele. Mary ouviu e se virou.

Elinor ficou paralisada por um segundo. Então falou:

– Olá, Mary.

Mary respondeu:

– Como vai, srta. Elinor? É bom revê-la. Sra. Welman estava ansiosa pela visita de vocês.

Elinor disse:

– Sim, faz muito tempo. Eu... A enfermeira O’Brien me pediu para procurá-la. Quer levantar a sra. Welman e disse que geralmente você a ajuda com isso.

Mary disse:

– Estou indo agora mesmo.

Ela se distanciou e começou a correr. Elinor ficou parada olhando. Mary corria bem, graciosa em cada movimento.

Roddy pronunciou baixinho:

– Atalanta...

Elinor não respondeu. Ficou parada, quieta, por alguns minutos. Depois disse:

– É quase hora do almoço. Melhor voltarmos.

Caminharam lado a lado em direção à casa.

V

– Oh! Vamos lá, Mary. É a Garbo e um filme magnífico... tudo sobre Paris. E a história é de um autor de renome. Já fizeram até uma ópera.

– É tremendamente gentil de sua parte, Ted, mas não vou.

Ted Bigland comentou com raiva:

– Não consigo entender você ultimamente, Mary. Está diferente... toda diferente.

– Não, não estou, Ted.

– Está! Imagino que seja porque foi para aquela escola imponente e para a Alemanha. É boa demais para nós agora.

– Não é verdade, Ted. Não sou assim.

Ela falou com veemência.

O rapaz, um espécime robusto da melhor qualidade, observou-a com apreciação, apesar da raiva.

– Sim, está. É quase uma dama, Mary.

Mary falou com súbita amargura:

– E quase não ajuda em nada, ajuda?

Ele falou com súbita compreensão:

– Não, acho que não.

Mary continuou apressadamente:

– Em todo o caso, quem liga para esse tipo de coisa nos dias de hoje? Damas e cavalheiros e tudo o mais!

– Não importa mais tanto quanto antigamente... não – Ted aquiesceu, mas foi cuidadoso. – Mesmo assim, existe um *sentime*nto. Deus do céu, Mary, você parece uma duquesa, uma condessa ou algo parecido.

Mary disparou:

– Não quer dizer muito. Já vi condessas parecendo um saco de roupas velhas!

– Bem, entende o que quero dizer.

Uma figura imponente de amplas proporções, vestida de preto, toda elegante, aterrissou perto deles. Lançou-lhes um olhar afiado. Ted se moveu um ou dois passos para o lado. Disse:

– Boa tarde, sra. Bishop.

A Sra. Bishop inclinou a cabeça com elegância.

– Boa tarde, Ted Bigland. Boa tarde, Mary.

Passou por eles como um navio a todo o vapor.

Ted a observou com reverência.

Mary murmurou.

– Ora, ela sim é de fato uma duquesa!

– Sim, tem todo o jeito. Sempre me deixa nervoso e desconfortável.

Mary falou devagar:

– Ela não gosta de mim.

– Que bobagem, minha menina.

– É verdade. Não gosta. Está sempre fazendo comentários mordazes.

– Inveja – falou Ted, balançando o queixo, cheio de sapiência. – É só isso.

Mary concordou, um tanto titubeante:

– Suponho que deva ser...

– É sim, pode acreditar. Ela é a governanta em Hunterbury há anos, comandando o barco e mandando e desmandando em todo mundo, mas agora que a velha sra. Welman passou a gostar de você, ela fica incomodada! É só isso.

Mary confessou, com um sinal de preocupação na testa:

– É besteira minha, mas não consigo suportar quando alguém não gosta de mim. Quero agradar a todo mundo.

– É garantido que vai haver mulheres que não gostem de você, Mary! Umas cobras invejosas que acham que você é bonita demais!

– Acho que a inveja é uma coisa horrível.

Ted falou devagar:

– Pode ser... *mas existe mesmo assim*. Escute, vi um filme fascinante em Alledore semana passada. Clark Gable. Era sobre um desses sujeitos milionários que negligenciam a esposa; e ela então fingiu sacanear com ele. E tinha um outro camarada...

Mary fez menção de ir embora. Disse:

– Desculpe, Ted, preciso ir. Estou atrasada.

– Vai aonde?

– Vou tomar chá com a enfermeira Hopkins.

Ted fez uma cara.

– Que gosto estranho. Aquela mulher é a maior fofoqueira do povoado! Mete aquele nariz comprido dela em tudo.

Mary afirmou:

– Ela sempre foi muito gentil comigo.

– Ah, não estou dizendo que ela faça maldades. Mas ela fala.

Mary disse:

– Tchau, Ted.

Saiu apressada, deixando o rapaz de olhar pasmado e ressentido.

VI

A enfermeira Hopkins ocupava uma pequena cabana nos limites do povoado. Ela mesma acabara de chegar e estava desamarrando as tiras do chapéu quando Mary entrou.

– Ah, aí está você. Estou um pouco atrasada. A velha sra. Caldecott passou mal de novo. Ela me atrasou com minha sequência de curativos. Vi você com Ted Bigland no final da rua.

Mary confirmou bastante cabisbaixa:

– Sim...

A enfermeira Hopkins ergueu o olhar, muito atenta, enquanto se curvava para acender a boca do fogão sob a chaleira.

O longo nariz se contorceu.

– Ele estava lhe dizendo algo em particular, minha querida?

– Não. Apenas me chamou para ir ao cinema.

– *Sei* – disse a enfermeira Hopkins, sem rodeios. – Bem, ele é um bom rapaz e não se sai muito mal na oficina, e o pai dele se sai bem melhor do que muitos dos fazendeiros por essas bandas. Ainda assim, minha querida, não me parece talhada para ser esposa de Ted Bigland. Não com toda a sua educação. Como já falei, se fosse você, eu me dedicaria a aprender massagem quando chegasse a hora. Você circula um pouco e vê as pessoas desse modo; e é você mesma quem faz seu horário.

Mary disse:

– Vou pensar a respeito. Sra. Welman falou comigo outro dia. Ela foi muito amável sobre o assunto. Foi exatamente como você disse que seria. Ela não quer que eu vá embora ainda. Sentiria minha falta, ela falou. Mas me disse para não me preocupar com o futuro, que ela tem intenção de me ajudar.

A enfermeira Hopkins falou em tom de dúvida:

– Vamos torcer para que ela ponha isso preto no branco! Os doentes são muito esquisitos.

Mary perguntou:

– Acha que a sra. Bishop realmente não gosta de mim, ou estou imaginando coisas?

A enfermeira Hopkins ponderou por um instante.

– Ela faz uma cara de azedume, eu que o diga. É do tipo que não gosta de ver os jovens se divertindo ou ninguém fazendo nada para eles. Talvez ache que a sra. Welman gosta um pouco demais de você e fique ressentida.

Riu muito animada.

– Eu não ficaria preocupada se fosse você, Mary, minha querida. Abra aquela sacolinha de papel, faz favor? Tem um par de rosquinhas ali dentro.

CAPÍTULO 3

I

Sua tia teve segundo derrame esta noite. Não há motivo para ansiedade imediata, mas sugiro que venha para cá se possível. Lord.

II

Assim que recebeu o telegrama, Elinor telefonou para Roddy, e agora estavam os dois no trem, juntos, seguindo para Hunterbury.

Elinor não passara muito tempo com Roddy no decorrer da semana desde a última visita. Nas duas breves ocasiões em que se encontraram, havia um estranho constrangimento entre eles. Roddy enviara-lhe flores de presente, um grande buquê de rosas com longos talos. Era uma atitude rara da parte dele. Quando jantaram juntos, ele parecera mais atencioso que de costume, perguntando as preferências dela em relação à comida e à bebida, demonstrando uma prontidão incomum em ajudá-la a tirar e vestir o casaco. Um pouco, pensou Elinor, como se ele estivesse interpretando um papel em uma peça de teatro; o papel do noivo dedicado...

Então disse para si mesma: “Não seja idiota. Não há nada de errado... Está imaginando coisas! É fantasia da sua cabeça cismada e possessiva”.

Os modos dela para com ele tomaram um ar talvez um pouco mais desapegado, mais distante que o habitual.

Agora, nessa súbita emergência, o constrangimento passara, conversavam um com o outro com bastante naturalidade.

Roddy disse:

– Pobrezinha! Ela estava tão bem quando a vimos uns dias atrás.

Elinor comentou:

– Eu me preocupo tanto por *ela*. Sei o quanto sempre odiou estar adoentada, em qualquer circunstância, e agora suponho que vá estar ainda mais desamparada e que vá simplesmente execrar isso! É de pensar, Roddy, que as pessoas deveriam ser libertadas... se elas próprias assim desejam.

Roddy disse:

– Concordo. É a única atitude civilizada a se tomar. Há os que decidem acabar com o sofrimento dos animais. Suponho que não se faça isso com humanos apenas porque, em se tratando da natureza humana, as pessoas seriam enxotadas por seus parentes queridos por conta de dinheiro, talvez quando nem estivessem tão mal assim.

Elinor comentou pensativa:

– Estaria nas mãos do médico, é claro.

– Um médico pode ser um canalha.

– Dá para confiar em um homem como dr. Lord.

Roddy concordou, desatento:

– Sim, parece bem íntegro. Bom sujeito.

III

Dr. Lord estava curvado sobre a cama. A enfermeira O'Brien rondando atrás dele. Ele se esforçava, com a testa franzida, para compreender o som arrastado que saía da boca de sua paciente.

Disse:

– Sim, sim. Mas não fique agitada. Use de toda a calma. Apenas levante a mão direita um pouco quando quiser dizer que *sim*. Há algo que a está preocupando?

Recebeu o sinal afirmativo.

– Algo urgente? Sim. Algo que precisa ser *feito*? Quer mandar chamar alguém? Srta. Carlisle? E sr. Welman? Já estão a caminho.

Mais uma vez sra. Welman tentou falar de maneira incoerente. O dr. Lord ouviu com toda a atenção.

– Quer que venham, mas não é isso? Alguém mais? Um parente? Não? Alguma questão de negócios? Entendo. Algo a ver com dinheiro? *Advogado*? É isso, não é? Quer falar com o seu advogado? Quer lhe passar instruções ou algo assim?

"Está bem, está bem... está certo. Fique calma. Temos tempo. O que está dizendo... Elinor? – ele entendeu o nome desfigurado. – Ela sabe qual advogado? E vai marcar com ele? Ótimo. Ela vai chegar daqui a uma meia

hora. Vou explicar o que a senhora quer, vou subir aqui com ela e vamos acertar tudo. Agora, não se preocupe mais. Deixe tudo comigo. Vou cuidar para que as coisas sejam arranjadas da maneira como a senhora quer."

Ficou parado um momento observando-a relaxar, então se distanciou sem fazer barulho e saiu para o patamar da escada. A enfermeira O'Brien foi atrás. A enfermeira Hopkins estava mesmo subindo as escadas. Ele fez um sinal com a cabeça. Ela falou, sem fôlego:

– Boa noite, doutor.

– Boa noite, enfermeira.

Acompanhou as duas até o quarto da enfermeira O'Brien, ao lado, e passou- lhes instruções. A enfermeira Hopkins deveria permanecer ali durante a noite e assumir os cuidados junto com a enfermeira O'Brien.

– Amanhã vamos tentar contatar uma segunda enfermeira residente. Uma situação embaraçosa, com esta epidemia de difteria em Stamford. As casas de saúde já estão trabalhando com falta de pessoal.

Então, depois de dar as ordens, que foram ouvidas com atenção reverente (o que às vezes ele achava graça), dr. Lord desceu as escadas, pronto para receber a sobrinha e o sobrinho que, segundo lhe informava o relógio, deveriam chegar a qualquer momento.

No corredor, encontrou Mary Gerrard. O rosto dela estava pálido e ansioso. Perguntou:

– Ela melhorou?

O dr. Lord respondeu:

– Posso lhe garantir uma noite tranquila... é o máximo que posso fazer.

Mary falou entrecortadamente:

– Parece tão cruel... tão injusto...

Ele assentiu de modo compreensivo.

– É, parece mesmo às vezes. Acredito...

Ele se interrompeu.

– É o carro.

Seguiu pelo corredor. Mary subiu correndo.

Elinor exclamou ao entrar na sala de estar:

– Ela está muito mal?

Roddy estava com a aparência pálida e apreensiva.

O doutor declarou, solene:

– Receio que vá ser um choque bastante grande para vocês. Ela está com

uma grave paralisia. A fala é quase ininteligível. A propósito, está nitidamente preocupada com alguma coisa. Tem relação com mandar chamar o advogado. Sabe quem ele é, srta. Carlisle?

Elinor respondeu com prontidão:

– Sr. Seddon, de Bloomsbury Square. Mas ele não vai estar lá a esta hora da noite e não sei seu endereço residencial.

O dr. Lord falou para tranquilizá-los:

– Amanhã teremos tempo que chega. Mas estou ansioso para acalmar as preocupações da sra. Welman assim que possível. Se puder me acompanhar até lá em cima agora, srta. Carlisle, acho que juntos poderemos tranquilizá-la.

– É claro. Subirei agora mesmo.

Roddy interpolou esperançoso:

– Não precisa de mim?

Sentia-se levemente envergonhado, mas tinha um pavor nervoso de subir até o quarto da doente, de ver sua tia Laura deitada lá, inerte e desamparada.

O dr. Lord garantiu-lhe de imediato:

– Não há a menor necessidade, sr. Welman. Melhor não termos um excesso de pessoas no quarto.

O alívio de Roddy era visível.

Dr. Lord e Elinor subiram. A enfermeira O'Brien estava com a paciente.

Laura Welman, com a respiração profunda e estertorante, estava deitada como num estupor. Elinor ficou olhando para ela, chocada com a face repuxada e retorcida.

De repente, a pálpebra direita de sra. Welman estremeceu e se abriu. Ocorreu uma leve mudança no semblante quando ela reconheceu Elinor.

Tentou falar.

– *Elinor*... – a palavra não faria sentido a qualquer um que não soubesse o que ela estaria tentando dizer.

Elinor foi logo falando:

– Estou aqui, tia Laura. Está preocupada com alguma coisa? Quer que eu mande buscar o sr. Seddon?

Outro daqueles ruídos roucos e ásperos. Elinor adivinhou o significado. Perguntou:

– Mary Gerrard?

– Devagar, a mão direita se mexeu vacilante para assentir.

Uma longa borbulha de som proveio dos lábios da doente. Dr. Lord e Elinor franziram o cenho, impotentes. Uma e outra vez, veio o som. Então Elinor entendeu uma palavra.

– *Provisão*? Quer deixar uma *provisão* para ela em seu testamento? Quer que ela herde algum dinheiro? Entendo, querida tia Laura. Isso é bastante simples. Sr. Seddon virá aqui amanhã e tudo será arranjado exatamente como deseja.

A sofredora parecia aliviada. O ar de aflição desapareceu dos olhos suplicantes. Elinor tomou a mão dela na sua e sentiu uma tênue pressão de seus dedos.

Sra. Welman disse com grande esforço:

– *Você...tudo... você...*

Elinor disse:

– Sim, sim, deixe tudo comigo. Vou cuidar para que tudo o que a senhora quer seja feito!

Sentiu a pressão dos dedos de novo. Então relaxaram. As pálpebras baixaram e se fecharam.

Dr. Lord tocou a mão no braço de Elinor e a convidou a se retirar com delicadeza do quarto. A enfermeira O'Brien retomou seu lugar próximo à cama.

Do lado de fora, no patamar, Mary Gerrard conversava com a enfermeira Hopkins. Deu um passo adiante.

– Oh, dr. Lord, posso entrar para vê-la, por favor?

Ele assentiu.

– Porém, fique em silêncio e não a perturbe.

Mary entrou no quarto da doente.

O dr. Lord disse:

– Seu trem estava atrasado. A senhorita... – ele se deteve.

Elinor havia virado o pescoço para observar Mary. De repente, ela tomou consciência do silêncio abrupto. Voltou a cabeça e olhou para ele de forma interrogativa. Ele a olhava fixamente, uma expressão de assombro na face. O rubor subiu às bochechas de Elinor.

Falou apressadamente:

– Desculpe-me! O que estava dizendo?

Peter Lord falou devagar:

– O que estava dizendo? Não lembro. Srta. Carlisle, a senhorita foi

esplêndida lá dentro! – comentou caloroso. – Rápida no entendimento, tranquilizadora, tudo como era esperado.

A mais leve das fungadelas veio da enfermeira Hopkins.

Elinor disse:

– Pobrezinha. Fico terrivelmente aborrecida de vê-la desse jeito.

– É claro. Mas não demonstrou. Deve ter muito autocontrole.

Elinor disse, os lábios firmes:

– Aprendi a não... não demonstrar meus sentimentos.

O médico continuou devagar:

– Mesmo assim, a máscara deve se deixar cair de vez em quando.

A enfermeira Hopkins entrou agitada no banheiro. Elinor replicou erguendo as delicadas sobrancelhas e olhando direto para ele:

– A máscara?

O dr. Lord disse:

– A face humana é, afinal de contas, uma máscara.

– E por baixo dela?

– Por baixo mora um humano primitivo, seja homem ou mulher.

Ela se virou com agilidade e liderou o caminho descendo as escadas.

Peter Lord seguiu-a, com ar perplexo e com uma seriedade atípica.

Roddy foi até o corredor encontrá-los.

– E então? – perguntou, ansioso.

Elinor relatou:

– Pobrezinha. É triste demais vê-la... Eu não iria, Roddy... até... até.. que ela peça por você.

Roddy perguntou:

– Queria algo... em especial?

Peter Lord disse a Elinor:

– Estou de saída. Não há mais nada que eu possa fazer neste momento. Passarei aqui amanhã cedo. Adeus. Srta. Carlisle. Não... não se preocupe em demasia.

Apertou a mão dela na sua por alguns instantes. Ele tinha um toque que proporcionava uma estranha tranquilidade e consolo. Olhou para ela, Elinor pensou, de uma forma um tanto esquisita, como se... como se estivesse com pena dela.

Quando a porta se fechou atrás do médico, Roddy repetiu a pergunta.

Elinor disse:

– Tia Laura está preocupada com... com certas questões de negócios. Consegui tranquilizá-la e disse que o sr. Seddon com certeza viria até aqui amanhã. Precisamos telefonar para ele bem cedo.

Roddy perguntou:

– Ela quer fazer um novo testamento?

Elinor respondeu:

– Ela não disse.

– O que ela...?

Parou no meio da frase.

Mary Gerrard estava descendo as escadas correndo. Cruzou o hall e desapareceu pela porta que leva à ala da cozinha.

Elinor disse em tom severo:

– Então? O que queria perguntar?

Roddy foi vago:

– Eu... o quê? Esqueci o que era.

Estava olhando fixo para a porta pela qual Mary Gerrard passara.

As mãos de Elinor se fecharam. Pôde sentir suas longas e pontudas unhas entrando na carne das palmas.

Pensou: “Não vou aguentar, não vou aguentar... não é imaginação... é verdade... Roddy, Roddy, não posso *perder* você...”.

Também pensou: “O que aquele homem, o doutor, *o que foi que ele viu no meu rosto lá em cima*? Viu alguma coisa… *Ai, meu Deus, como a vida é terrível... sentir o que estou sentindo agora. Diga alguma coisa, idiota. Recomponha-se!*”.

Em voz alta, pronunciou calmamente:

– Quanto às refeições, Roddy. Não estou com muita fome. Vou ficar com tia Laura, e as enfermeiras, as duas, podem descer.

Roddy perguntou alarmado:

– Para jantarem *comigo*?

Elinor respondeu com frieza:

– Não vão morder você!

– Mas e você? Precisa comer alguma coisa. Por que nós dois não jantamos primeiro e deixamos que elas desçam mais tarde?

Elinor respondeu:

– Não, do outro jeito é melhor. Elas são tão melindrosas, sabe – acrescentou de forma descontrolada.

Pensou:

“*Não vou aguentar sentar com ele uma refeição inteira... sozinha... conversando... me comportando como de costume...*”

Disse, impaciente:

– Ora, deixe-me organizar as coisas do meu jeito!

CAPÍTULO 4

I

Não foi uma mera copeira que acordou Elinor na manhã seguinte. Foi a sra. Bishop em pessoa, apressada em seu traje preto antiquado e chorando sem nenhum pudor.

– Oh, srta. Elinor, ela se foi...

– O quê?

Elinor sentou na cama.

– Sua querida tia. Sra. Welman. Minha patroa querida. Faleceu durante o sono.

– Tia Laura? Morta?

Elinor congelou. Parecia incapaz de processar a informação.

Sra. Bishop estava pranteando agora com maior abandono.

– E pensar que – soluçava. – Depois de todos esses anos! Dezoito anos, que estou aqui. Mas de fato não parece tanto...

Elinor falou devagar:

– Então tia Laura faleceu enquanto dormia; bastante em paz... Que bênção para ela!

Sra. Bishop chorava.

– Tão *repentino*. O doutor dizendo que viria de novo hoje de manhã, tudo tão normal como sempre.

Elinor disse bastante áspera:

– Não foi exatamente *repentino*. Afinal, ela estava doente há algum tempo. Fico tão agradecida de que tenha sido poupada de mais sofrimento.

Sra. Bishop falou, em lágrimas, que isso de fato era algo para se agradecer. Acrescentou:

– Quem vai avisar o sr. Roderick?

Elinor anunciou:

– Eu faço isso.

Vestiu um penhoar, foi até a porta dele e bateu. Uma voz respondeu, dizendo: “Entre”.

Ela entrou.

– Tia Laura morreu, Roddy. Morreu enquanto dormia.

Roddy, sentando-se na cama, deu um suspiro profundo.

– Pobre da querida tia Laura! Graças a Deus por isso, eu digo. Não teria suportado vê-la perdurando no estado em que estava ontem.

Elinor assinalou de maneira mecânica:

– Não sabia que a tinha visto.

Ele assentiu bastante embaraçado.

– A verdade é que, Elinor, me senti o mais terrível dos covardes, porque eu estava em pânico! Dei uma passada lá ontem à noite. A enfermeira, a gorda, saíra do quarto por algum motivo... desceu com uma bolsa de água quente, acho, e me esgueirei para entrar. Ela não percebeu que eu estava lá, claro. Fiquei ali parado um pouco, observando. Então, quando escutei a sra. Guarda-chuva Estufado sapateando de volta nas escadas, escapei dali. Mas era... muito terrível!

Elinor assentiu.

– Sim, era.

Roddy disse:

– Ela teria odiado mais que o inferno; cada minuto daquilo!

– Eu sei.

Roddy comentou:

– É maravilhoso o jeito como você e eu sempre vemos as coisas da mesma maneira.

Elinor concordou:

– Sim, é.

Ele falou:

– Estamos ambos sentindo a mesma coisa neste minuto: *apenas a mais absoluta gratidão por ela ter se libertado de tudo isso*...

II

A enfermeira O’Brien disse:

– O que foi, enfermeira? Não está encontrando alguma coisa?

A enfermeira Hopkins, com o rosto bastante vermelho, estava remexendo na pequena valise que deixara no corredor na noite anterior.

Ela grunhiu:

– Que irritante. Como foi que fiz uma coisa dessas não consigo entender!

– O que foi?

A enfermeira Hopkins respondeu de maneira não muito inteligível:

– É a Eliza Rykin, aquela do sarcoma, sabe. Ela precisa tomar injeções duplas, de manhã e à noite, morfina. Dei a última dose do vidro de sempre ontem à noite, a caminho daqui, e podia jurar que tinha o novo vidro aqui também.

– Olhe de novo, esses vidros são tão pequenos.

A enfermeira Hopkins revirou uma última vez o conteúdo da valise.

– Não, não está aqui! Devo ter esquecido no meu armário no fim das contas! Francamente, achei que poderia confiar *mais* na minha memória. Podia jurar que peguei para trazer comigo!

– Não deixou a valise em algum lugar no caminho para cá?

– É claro que não! – respondeu a enfermeira Hopkins, ríspida.

– Bem, minha querida – disse a enfermeira O'Brien – deve estar tudo *certo*?

– Ah sim! O único local onde depositei minha maleta foi aqui, neste corredor, e ninguém *daqui* iria gatunar nada! É só minha memória, suponho. Mas me incomoda, se me entende, enfermeira. Além disso, vou precisar passar em casa primeiro, lá do outro lado da aldeia, e voltar.

A enfermeira O'Brien falou:

– Espero que não tenha um dia muito cansativo, querida, depois da noite passada. Pobre dessa senhora. Não achei que fosse durar muito.

– Não, nem eu. Mas ouso dizer que o *doutor* vai ficar surpreso!

A enfermeira O'Brien comentou com uma nuance de desaprovação:

– É sempre tão *esperançoso* com os pacientes dele.

A enfermeira Hopkins, enquanto se preparava para partir, exclamou:

– Ah, ele é jovem! Não tem nossa experiência.

Com esse pronunciamento macambúzio, partiu.

III

O próprio dr. Lord ergueu-se na ponta dos pés. Suas sobrancelhas cor de areia subiram na testa até quase se fundirem aos cabelos.

Falou em tom de surpresa:

– Então o motor dela fundiu... foi?

– Foi, doutor.

Os detalhes precisos coçavam na língua da enfermeira O'Brien, prontos para serem pronunciados, mas esperou com feroz disciplina.

Peter Lord repetiu de modo pensativo:

– Fundiu?

Ficou parado por um instante, pensando, então disse bruscamente:

– Consiga para mim um pouco de água fervente.

A enfermeira O'Brien ficou surpresa e estupefata; porém, fiel ao espírito do treinamento dos hospitais, não cabia a ela a tarefa de inquirir os motivos. Se um médico lhe pedisse para buscar o couro de um jacaré, teria murmurado automaticamente "Pois não, doutor", e saído deslizando do quarto, obediente, para resolver o problema.

IV

Roderick Welman disse:

– Está me dizendo que minha tia morreu *intestada*, que *jamais* fez testamento algum?

O sr. Seddon poliu os óculos e confirmou:

– Parece ser o caso.

Roddy exclamou:

– Mas que extraordinário!

O sr. Seddon deu uma tossidinha depreciativa.

– Não é tão extraordinário quanto o senhor imagina. Acontece com mais frequência do que pensa. Há uma espécie de superstição a respeito do assunto. As pessoas *acham* que sempre têm tempo de sobra. O simples fato de formularem um testamento parece aproximar a possibilidade da morte. Muito estranho... mas aí está!

Roddy disse:

– O senhor nunca... hã... nunca argumentou com ela a respeito?

O sr. Seddon respondeu secamente:

– Com frequência.

– E o que ela dizia?

O sr. Seddon suspirou.

– O de costume. Que havia tempo de sobra! Que não tinha intenção de morrer ainda! Que não se decidira em definitivo sobre exatamente como gostaria de dispor do dinheiro!

Elinor perguntou:

– Mas certamente depois do primeiro derrame...?

Sr. Seddon meneou a cabeça.

– Ah, não, ficou pior depois disso. Não queria ouvir falar do assunto!

Roddy indagou:

– Isso, com certeza, é muito estranho?

Sr. Seddon afirmou de novo:

– Oh, não. Naturalmente a doença a deixou bem mais nervosa.

Elinor disse em tom perplexo:

– Mas ela queria morrer...

Polindo as lentes dos óculos, sr. Seddon replicou:

– Ah, minha cara Elinor, a mente humana é um mecanismo muito curioso. Sra. Welman pode ter *pensado* que gostaria de morrer; no entanto, concomitantemente a esse sentimento, havia a esperança de que fosse se recuperar por completo. E por causa dessa esperança, acho, sentia que fazer o testamento traria azar. Não era questão de não haver intenção de fazer um, mas de que estava eternamente adiando a decisão.

"O *senhor* sabe – prosseguiu sr. Seddon, de repente dirigindo-se a Roddy de uma forma quase pessoal – como a gente adia e evita algo que é desagradável, que não queremos encarar?"

Roddy corou, balbuciando:

– Sim, eu... eu... sim, é claro. Sei o que está dizendo.

– Exatamente – disse sr. Seddon. – Sra. Welman sempre *planejou* fazer um testamento, mas o dia de amanhã sempre era melhor do que o de hoje! Insistia consigo mesma que havia tempo de sobra.

Elinor falou devagar:

– Então é por isso que estava tão angustiada ontem à noite... e em tal estado de pânico para que o senhor fosse chamado...

Sr. Seddon respondeu:

– Sem dúvida!

Roddy disse em tom desorientado:

– Mas e o que acontece agora?

– Com os bens da sra. Welman? – o advogado pigarreou. – Já que a sra. Welman faleceu intestada, todos os bens de propriedade dela vão para o parente mais próximo, neste caso, a srta. Elinor Carlisle.

Elinor falou devagar.

– Tudo para *mim*?

– A Coroa fica com certa porcentagem – explicou sr. Seddon.

Ele entrou em detalhes.

Concluiu:

– Não existe nenhum outro abatimento ou encargo. O dinheiro da sra. Welman era dela por completo para fazer o que bem entendesse. Ele passa, portanto, para a srta. Carlisle. Hã... os impostos causa mortis serão um tanto pesados, receio, mas, mesmo depois do pagamento deles, a fortuna ainda será considerável e está muito bem investida em títulos garantidos do governo.

Elinor disse:

– Mas Roderick...

Sr. Seddon assinalou com uma tossida desconcertada:

– Sr. Welman é apenas sobrinho do *marido* da sra. Welman. Não há parentesco de sangue.

– Verdade – concordou Roddy.

Elinor falou devagar:

– É claro que não faz muita diferença qual de nós dois vai receber, já que vamos nos casar.

Mas ela não olhou para Roddy.

Foi a vez de sr. Seddon dizer:

– Verdade!

E o disse de maneira bastante apressada.

V

– Mas não faz diferença, faz? – perguntou Elinor.

Falou quase suplicante.

O sr. Seddon havia partido.

O rosto de Roddy crispava-se nervoso.

Disse:

– É seu por direito. Está certo que você receba tudo. Pelo amor de Deus, Elinor, não fique fantasiando que eu guarde rancor de você. *Eu* não quero esse maldito dinheiro!

Elinor falou com a voz um pouco insegura:

– Concordamos, Roddy, em Londres, que não faria diferença qual de nós dois, já que... já que vamos nos casar...

Não respondeu. Ela insistiu:

– Não se lembra de ter dito isso, Roddy?

Admitiu:

– Sim.

Baixou o olhar para os pés. O rosto estava branco e taciturno; havia sinais de sofrimento nas linhas tensas no contorno da boca delicada.

Elinor disse com um súbito e galante levantar de cabeça:

– Não importa; *se vamos nos casar... mas será que vamos, Roddy?*

Ele perguntou:

– Vamos o quê?

– Vamos nos casar um com o outro?

– Havia entendido que essa era a ideia.

O tom era de indiferença, com uma leve aspereza. Prosseguiu:

– É claro, Elinor, caso agora tenha decidido mudar de ideia...

Elinor levantou a voz:

– Oh, Roddy, não consegue ser *sincero*?

Ele se retraiu.

Então falou com voz baixa e aturdida:

– Não sei o que aconteceu comigo...

Elinor disse com voz sufocada:

– Eu sei...

Ele se apressou em dizer:

– Talvez seja verdade, isso. No fim das contas, não gosto muito da ideia de viver do dinheiro da minha mulher.

Elinor, pálida, respondeu:

– Não é isso... É outra coisa... – fez uma pausa e então disse: – É a... Mary, não é?

Roddy resmungou desgostoso:

– Suponho que sim. Como soube?

Elinor explicou, com a boca contorcendo-se para o lado em um sorriso torto:

– Não foi difícil... Cada vez que você olha para ela... está lá estampado na sua cara para qualquer um ver...

De repente, a compostura dele se quebrou.

– Oh, Elinor, não sei o que deu em mim! Acho que vou enlouquecer! Aconteceu quando a vi... naquele primeiro dia, no bosque... só o rosto dela... é... fez... com que tudo ficasse de ponta cabeça. *Você* não consegue entender algo assim...

Elinor falou:

– Sim, consigo. Continue.

Ele confessou de modo impotente:

– Não queria me apaixonar por ela... estava bem feliz com você. Oh, Elinor, que descaramento meu, falar com você desse jeito...

Elinor disse:

– Bobagem. Continue. Conte para mim...

Prosseguiu entrecortado:

– Você é maravilhosa... Conversar com você me ajuda tremendamente. Tenho um afeto tão profundo por você, Elinor! Precisa acreditar nisso. Essa outra situação é como um encantamento! Bagunçou tudo: minha visão de mundo... e meu prazer com as coisas... e... todas as coisas razoáveis que são organizadas de forma decente...

Elinor falou com suavidade:

– O amor... não é muito razoável...

Roddy concordou lastimoso:

– Não...

Elinor perguntou com a voz um pouco trêmula:

– Disse algo para ela?

Roddy respondeu:

– Hoje de manhã, como um tolo, perdi a cabeça...

Elinor incitou:

– E então?

Roddy prosseguiu:

– É claro que ela... ela me fez calar a boca na mesma hora! Ficou

chocada. Por causa da tia Laura e... de *você*...

Elinor tirou a aliança de diamante do dedo. Falou:

– É melhor pegar de volta, Roddy.

Ao receber a aliança, murmurou sem olhar para ela:

– Elinor, não faz ideia de como me sinto idiota.

Elinor perguntou calmamente:

– Acha que ela vai se casar com você?

Ele balançou a cabeça.

– Não faço ideia. Não... não por um bom tempo. Não acho que ela goste de mim agora, mas pode vir a gostar...

Elinor disse:

– Acho que está certo. Deve dar tempo a ela. Não vê-la por um tempo, e então... recomeçar tudo.

– Querida Elinor! É a melhor amiga que alguém pode ter – tomou sua mão de repente e beijou-a. – Sabe, Elinor, eu *amo* você, ainda mais do que nunca! Às vezes Mary me parece como um sonho. Pode ser que eu acorde... e descubra que ela não existe...

Elinor sugeriu:

– Se Mary não existisse...

Roddy disse com súbito sentimento:

– Às vezes queria que ela não existisse... Você e eu, Elinor, *completamos* um ao outro. Completamos, não é mesmo?

Ela curvou vagarosamente o pescoço.

Disse:

– Ah, sim... completamos.

Pensou:

"Se Mary não existisse..."

CAPÍTULO 5

I

A enfermeira Hopkins exclamou de forma emotiva:

– Foi um funeral lindíssimo!

A enfermeira O’Brien respondeu:

– Foi, de fato. E as flores! Alguma vez já havia visto flores tão lindas? Uma harpa de lírios brancos, eles puseram, e uma cruz de rosas amarelas. Lindo!

A enfermeira Hopkins suspirou e serviu-se do bolo com manteiga. As duas enfermeiras estavam sentadas no Blue Tit Café.

A enfermeira Hopkins continuou:

– Srta. Carlisle é uma moça muito generosa. Ela me deu um bom presente, embora não precisasse fazer isso.

– É uma moça refinada e generosa – concordou a enfermeira O’Brien. – Detesto mesquinhez.

A enfermeira Hopkins comentou:

– Bem, herdou uma grande fortuna.

A enfermeira O’Brien disse:

– Fico me perguntando... – e se interrompeu.

A enfermeira Hopkins encorajou-a:

– Sim?

– Muito estranho isso da velha senhora não ter deixado testamento.

– Uma maldade – a enfermeira Hopkins comentou com aspereza. – As pessoas deveriam ser forçadas a deixar testamentos! Leva apenas a aborrecimentos quando não deixam.

– Fico pensando – disse a enfermeira O’Brien –, se *tivesse* deixado um testamento, como teria repartido o dinheiro?

A enfermeira Hopkins respondeu com firmeza:

– *Uma* coisa eu sei.

– E o que é?

– Teria deixado uma quantia em dinheiro para Mary, Mary Gerrard.

– Sim, de fato, e isso é verdade – concordou a outra. Acrescentou,

animada: – Não estava lá eu, depois de lhe contar aquela noite sobre o estado em que se encontrava, pobrezinha, e o doutor fazendo o que podia para acalmá-la. Srta. Elinor estava lá segurando a mão da tia e, jurando em nome de Deus Todo-Poderoso – falava a enfermeira O'Brien, com sua imaginação irlandesa de repente ganhando asas –, que o advogado seria chamado e tudo feito de acordo com a vontade dela. "Mary! Mary!", era o que a pobre velhinha dizia. "A senhora quer dizer Mary Gerrard?", perguntou a srta. Elinor e, em seguida, ela jurou que Mary teria seus direitos!

A enfermeira Hopkins perguntou, com certa dúvida:

– Foi desse jeito?

A enfermeira O'Brien respondeu com firmeza:

– Foi assim que aconteceu, e vou lhe dizer uma coisa, enfermeira Hopkins: na minha opinião, se sra. Welman tivesse sobrevivido para fazer esse testamento, é provável que houvesse surpresas para todo mundo! Vai saber se não deixaria cada centavo dela para Mary Gerrard!

A enfermeira Hopkins comentou titubeante:

– Não creio que faria isso. Não concordo com deixar heranças longe de quem é sangue do seu sangue.

A enfermeira O'Brien falou com ar de oráculo:

– Há diferentes tipos de sangue do seu sangue.

A enfermeira Hopkins respondeu instantaneamente:

– Ora, mas o que quer dizer com *isso*?

A enfermeira O'Brien falou com dignidade:

– Não sou de fofocar! E não gostaria de denegrir o nome de ninguém que já tenha morrido.

A enfermeira Hopkins balançou o queixo devagar e declarou:

– É isso mesmo. Concordo com você. Quanto menos se falar, mais rápido se resolve.

Encheu o bule de chá.

A enfermeira O'Brien perguntou:

– A propósito, então, encontrou direitinho o vidro de morfina quando chegou em casa?

A enfermeira Hopkins franziu o cenho. Respondeu:

– Não. Não entendo que fim levou aquilo, mas acho que pode ter acontecido assim: *pode ser* que eu tenha deixado na borda da lareira como normalmente faço quando tranco o armário e *pode ser* que tenha rolado e

caído na cesta de papel que já estava cheia de lixo e foi esvaziada quando saí de casa – fez uma pausa. – *Tem* de ser isso, pois não vejo o que mais pode ter acontecido.

– Entendo – disse a enfermeira O'Brien. – Bem, minha querida, deve ter sido isso. Não é como se você tivesse deixado sua maleta em qualquer outro lugar, apenas no corredor em Hunterbury, então me parece que o que sugeriu agora mesmo deve ser a resposta. Foi parar na lata de lixo.

– Correto – disse a enfermeira Hopkins ansiosamente. – Não poderia ter acontecido nada mais, poderia?

Serviu-se de uma fatia de bolo açucarado cor-de-rosa. Começou:

– Não seria o caso de... – e parou ali.

A outra concordou apressada, talvez um pouco apressada demais.

– Não me preocuparia mais com isso se fosse você – sugeriu em tom tranquilizador.

A enfermeira Hopkins garantiu:

– Não *estou* me preocupando...

II

Jovem e austera em seu vestido preto, Elinor sentou-se diante da imensa escrivaninha de sra. Welman na biblioteca. Uma variedade de papéis estava espalhada à sua frente. Terminara de conversar com os criados e a sra. Bishop. No momento, era Mary Gerrard quem entrava na sala e hesitou por um instante na porta.

– Queria falar comigo, srta. Elinor? – perguntou.

Elinor ergueu o olhar.

– Ah sim, Mary. Venha até aqui e sente-se, sim?

Mary foi e sentou-se na cadeira indicada por Elinor. Estava um pouco voltada para a janela, e a luz que entrava recaía sobre sua face, evidenciando a pureza deslumbrante da pele e realçando o dourado pálido do cabelo da moça.

Elinor posicionou uma das mãos encobrindo um pouco o rosto. Por entre os dedos, podia observar a expressão da outra.

Pensou: "É possível odiar tanto assim alguém e não demonstrar?".

Em voz alta, comunicou em tom agradável e profissional:

– Acho que tem consciência, Mary, de que minha tia sempre se interessou muito por você e teria ficado preocupada com o seu futuro.

Mary balbuciou suavemente:

– Sra. Welman sempre foi muito boa para mim.

Elinor continuou, seu tom era frio e imparcial:

– Minha tia, caso tivesse tempo de fazer um testamento, teria desejado, eu sei, deixar vários legados. Como faleceu sem fazer um, a responsabilidade de executar os desejos dela coube a mim. Consultei o sr. Seddon e, conforme seus conselhos, estabelecemos uma escala de quantias para a criadagem, de acordo com o tempo de serviço etc. – fez uma pausa. – A senhorita, é claro, não se inclui nessa categoria.

Quase esperava, talvez, que aquelas palavras tivessem o efeito de uma ferroada, mas a expressão que observou na outra não demonstrou nenhuma alteração. Mary recebeu as palavras por seu valor nominal e aguardava o que mais havia a ser dito.

Elinor continuou:

– Embora fosse difícil para minha tia expressar-se com coerência, conseguiu se fazer entender com clareza na noite passada. Definitivamente, queria deixar alguma provisão para o seu futuro.

Mary disse baixinho:

– Foi muita bondade dela.

Elinor retomou a palavra, rude:

– Assim que sair a homologação, vou providenciar para que duas mil libras sejam repassadas para você. Essa soma será sua para utilizar como bem entender.

Mary foi ficando mais corada.

– Duas mil libras? Oh, srta. Elinor, isso é *muita* bondade sua! Nem sei o que dizer.

Elinor replicou com rispidez:

– Não é nenhuma bondade minha em particular, e, por favor, não diga nada.

Mary ficou ruborizada.

– Não sabe a diferença que isso fará na minha vida – balbuciou.

Elinor afirmou:

– Fico contente.

Hesitou. Desviou o olhar de Mary para o outro lado da sala. Perguntou fazendo um leve esforço:

– Tento imaginar... já tem algum plano?

Mary respondeu com rapidez:

– Ah sim. Vou fazer um treinamento para alguma coisa. Massagem, quem sabe. É o que a enfermeira Hopkins me recomendou.

Elinor comentou:

– Parece uma boa ideia. Vou tentar ajeitar com o sr. Seddon para que parte do dinheiro já lhe seja adiantada assim que possível – de imediato, caso seja exequível.

– A senhorita é muito, *muito* boa, srta. Elinor – desabafou Mary agradecida.

Elinor acrescentou brevemente:

– Era o desejo de tia Laura – hesitou um pouco, então arrematou: – Bem, isso é tudo, acho.

Dessa vez, a dispensa de forma tão definitiva afetou a sensibilidade de Mary. Levantou-se, falou com voz baixa:

– Muito obrigada, srta. Elinor – e deixou a sala.

Elinor ficou sentada, bastante quieta, fitando o espaço vazio diante de si. A expressão era impassível. Não dava nenhuma pista do que estava se passando em sua cabeça. Mas ficou lá sentada, imóvel, por um longo tempo...

III

Elinor foi, enfim, à procura de Roddy. Encontrou-o no salão matinal. Estava de pé, olhando pela janela. Voltou-se bruscamente quando Elinor entrou.

Ela relatou:

– Consegui terminar tudo! Quinhentos para sra. Bishop, ela está aqui há tantos anos. Cem para a cozinheira e cinquenta para Milly e também Olive. Cinco libras para cada um dos outros. Vinte e cinco para Stephens, o chefe da jardinagem; e há o velho Gerrard, é claro, no Alojamento. Não resolvi nada ainda em relação a ele. É constrangedor. Vai ter direito a receber uma pensão, imagino?

Fez uma pausa, então continuou com bastante pressa:

– Estou destinando duas mil para Mary Gerrard. Acha que teria sido esse o desejo de tia Laura? Pareceu-me uma quantia justa.

Roddy falou sem olhar para ela:

– Sim, bem correta. Você sempre demonstrou um excelente discernimento, Elinor.

Virou-se para contemplar a janela de novo.

Elinor trancou a respiração por um instante, então desatou a falar com uma pressa nervosa, as palavras jorrando sem coerência:

– Tem mais uma coisa: quero, é no mínimo justo, digo, *você* tem que receber uma parcela adequada, Roddy.

Enquanto ele se voltava, com uma expressão de raiva, ela acelerou:

– Não, *escute*, Roddy. É justiça pura! O dinheiro que fora do seu tio, o qual deixou para a esposa, naturalmente sempre entendeu que iria para você. Tia Laura também queria assim. Sei que queria, por várias coisas que dizia. Se *eu* fiquei com o dinheiro *dela*, *você* deveria ficar com a quantia que era *dele*, é apenas justo. Eu... não suporto a ideia de ter lhe roubado, apenas porque tia Laura falhou não deixando um testamento. Precisa... *precisa* ver sentido nisso!

O rosto longo e delicado de Roderick empalideceu por completo.

– Meu Deus, Elinor, quer que me sinta um gigolô por excelência? Pensa por um segundo que eu poderia... poderia tirar esse dinheiro de você?

– Não estou lhe *dando*. É apenas… justo.

Roddy exclamou:

– Não quero o seu dinheiro!

– Não é meu!

– É seu de acordo com a lei, e é tudo o que importa! Pelo amor de Deus, não tenhamos outra postura que a puramente profissional! Não vou tirar um centavo de você. Não venha dar uma de Fada Madrinha para cima de mim!

Elinor gritou:

– Roddy!

Ele fez um gesto rápido.

– Oh, minha querida, sinto muito. Não sei o que estou dizendo. Estou me sentindo tão desnorteado... tão absolutamente perdido...

Elinor disse com suavidade:

– Pobre Roddy...

Virou-se de novo e estava brincando com o puxador da cortina da janela. Falou usando um tom diferente, imparcial:

– Sabe o que... Mary Gerrard está planejando fazer?

– Vai estudar para ser massagista, é o que disse.

Ele comentou:

– Entendo.

Houve um silêncio. Elinor ergueu-se; jogou a cabeça para trás. Quando falou, o tom subitamente ficou convincente.

Disse:

– Roddy, quero que me ouça com atenção!

Virou-se para ela, com leve assombro.

– É claro, Elinor.

– Quero que, por favor, siga meu conselho.

– E que conselho é esse?

Elinor disse com toda a calma:

– Não está atrelado a nada específico? Sempre pode tirar umas férias, não pode?

– Ah, sim.

– Então vá... faça isso. Vá para algum lugar no estrangeiro por... digamos, uns três meses. Vá sozinho. Faça novos amigos e conheça novos lugares. Sejamos francos. Neste momento, acha que está apaixonado por Mary Gerrard. Talvez esteja. Mas não é o momento para abordá-la, sabe disso melhor do que ninguém. Nosso noivado está rompido em definitivo. Vá viajar então como um homem livre; no final dos três meses, como um homem livre, tome sua decisão. Vai saber então se realmente ama Mary ou se era apenas uma paixão passageira. E se estiver bastante seguro de que a *ama* de fato… bem, então, retorne e vá dizer tudo a ela, e explique que tem muita certeza disso e, então, quem sabe, ela o escute.

Roddy foi até ela. Apanhou a mão na sua.

– Elinor, você é maravilhosa! Tem tanta clareza nos pensamentos! Tão maravilhosamente impessoal! Não há o menor traço de mesquinhez ou vilania em você. Eu a admiro mais do que sou capaz de demonstrar. Farei exatamente o que está sugerindo. Vou embora, romperei relações com tudo... e descobrirei se a doença é genuína ou se estou fazendo o mais medonho papel de bobo. Oh, Elinor, minha querida, não sabe o quanto gosto de você. Estou ciente de que sempre foi mil vezes melhor do que alguém como eu.

Que Deus a abençoe, querida, por toda a sua bondade.

Com rapidez e impulsividade, beijou-lhe a bochecha e saiu da sala.

Foi melhor, talvez, que não tenha olhado para trás e visto a expressão dela.

IV

Alguns dias mais tarde foi que Mary participou à enfermeira Hopkins sobre a melhoria em suas perspectivas.

A mulher, muito prática, deu-lhe calorosos parabéns.

– É uma sorte grande, Mary – disse. – A velha senhora pode ter tido as melhores intenções para você, mas a menos que algo tenha sido colocado preto no branco, intenções não contam muito! Poderia facilmente ter ficado sem nada.

– Srta. Elinor contou que, na noite em que sra. Welman morreu, pediu-lhe para fazer algo por mim.

A enfermeira Hopkins resfolegou.

– Talvez tenha. Mas muita gente teria esquecido por conveniência depois. Parentes são assim. Já vi muita coisa, *isso* eu garanto! Gente que morre afirmando ter certeza de poder confiar no filho ou na filha queridos para cumprir seus desejos. Em noventa por cento das vezes, o querido filho e a querida filha encontram uma razão muito boa para não fazer nada do tipo. A natureza humana é a natureza humana, e ninguém gosta de se desfazer de dinheiro quando não é legalmente obrigado a fazer isso! Vou lhe dizer, Mary, você deu sorte. Srta. Carlisle é mais correta que a maioria.

Mary disse devagar:

– E, no entanto... seja do jeito que for... sinto que não gosta de mim.

– E com motivo, eu diria – falou a enfermeira Hopkins, sendo bastante direta. – Ora, não se faça de inocente, Mary! O sr. Roderick tem lançado a você olhares apaixonados já há algum tempo.

Mary ficou vermelha.

A enfermeira Hopkins continuou:

– Aquele lá é um caso sério, na minha opinião. Ficou caidinho por você bem de repente. E você, minha menina? Tem algum sentimento por ele?

Mary respondeu, hesitante:

– Eu... não sei. Acho que não. Mas, é claro, ele é muito simpático.

– Humpf – resmungou a enfermeira Hopkins. – Não faria o *meu* tipo! É daquele tipo de homem fresco e uma pilha de nervos. Deve ser chato para comer também, a chance é grande. Os homens não são grande coisa na maioria das vezes. Não precisa se apressar demais, Mary, querida. Com a sua beleza, pode se dar ao luxo de escolher. A enfermeira O'Brien comentou comigo outro dia que você deveria ir para o cinema. Gostam de loiras, sempre ouvi dizer isso.

Mary perguntou com uma leve ruga na testa:

– Enfermeira, o que acha que devo fazer com meu pai? Ele pensa que devo dar a ele parte do dinheiro.

– Não faça nada do tipo – disse a enfermeira Hopkins, enraivecida. – Sra. Welman jamais destinou esse dinheiro a ele. Sou da opinião de que ele teria perdido o emprego anos atrás se não fosse por você. Nunca vi um homem tão preguiçoso!

Mary disse:

– É engraçado que, tendo todo aquele dinheiro, ela nunca tenha feito um testamento para dizer para quem ia o quê.

A enfermeira Hopkins balançou a cabeça:

– As pessoas são assim. Ficaria surpresa. Sempre adiando tudo.

Mary comentou:

– Para mim, parece uma idiotice completa.

A enfermeira Hopkins provocou com leve brilho no olhar:

– Já fez seu testamento, Mary?

Mary encarou-a.

– Ah, não.

– E você já tem mais de 21 anos.

– Mas eu... não tenho nada para deixar... pelo menos imagino que só agora tenha.

A enfermeira Hopkins disse com vivacidade:

– É claro que tem. E é uma bela quantia também.

Mary respondeu:

– Ah, bem, não tem pressa...

– Aí está – apontou a enfermeira Hopkins. – Igual a todo mundo. Só porque é uma jovem saudável não lhe garante que não possa ser esmagada

por um bonde, ou um ônibus, ou atropelada na rua a qualquer minuto.

Mary riu:

– Nem sei como se faz um testamento.

– É bem fácil. Pode buscar um formulário nos correios. Vamos lá pegar um agora mesmo.

Na cabana da enfermeira Hopkins, o formulário foi aberto, e a questão de suma importância, discutida. A enfermeira Hopkins estava se divertindo. Dizia: melhor que um testamento, só um falecimento, em sua opinião.

Mary indagou:

– Quem ficaria com o dinheiro se eu não fizesse um testamento?

A enfermeira Hopkins falou titubeante:

– Seu pai, suponho.

Mary disse rispidamente:

– Ele não vai ficar com nada. Prefiro deixar para minha tia na Nova Zelândia.

A enfermeira Hopkins falou com ar jovial:

– Não serviria para muita coisa deixar para o seu pai de qualquer maneira... *ele* não vai durar muito neste mundo, eu diria.

Mary já ouvira a enfermeira Hopkins fazer esse tipo de pronunciamento com frequência demais para se deixar impressionar.

– Não me lembro do endereço de minha tia. Não recebemos notícias dela há anos.

– Não imagino que isso faça diferença – disse a enfermeira Hopkins. – Sabe o nome de batismo dela?

– Mary. Mary Riley.

– Está bem assim. Escreva que você deixa tudo para Mary Riley, irmã da falecida Eliza Gerrard de Hunterbury, Maidensford.

Mary debruçou-se sobre o formulário, escrevendo. Ao chegar ao fim, estremeceu de repente. Uma sombra se havia interposto entre ela e o sol. Levantou a cabeça e deu de cara com Elinor Carlisle parada do lado de fora da janela olhando para dentro. Elinor perguntou:

– O que está fazendo assim tão ocupada?

A enfermeira Hopkins respondeu com uma risada:

– Está fazendo um testamento, é isso que está fazendo.

– Fazendo um testamento? – de repente, Elinor riu, uma gargalhada estranha, quase histérica.

Disse:

– Então está fazendo seu testamento, Mary. *Isso é engraçado. Isso é muito engraçado...*

Ainda rindo, foi embora, caminhando apressada pela rua.

A enfermeira Hopkins ficou parada, olhando.

– E essa agora? O que foi que deu nela?

V

Elinor não havia dado nem meia dúzia de passos, continuava rindo, quando a mão de alguém, atrás dela, recaiu sobre seu braço. Parou abruptamente e virou-se.

O dr. Lord olhou diretamente para ela, com a fisionomia franzida. Perguntou em tom peremptório:

– Está rindo do quê?

Elinor respondeu:

– Na verdade... não sei.

Peter Lord disse:

– Que resposta tola!

Elinor ruborizou-se. Explicou:

– Acho que devo estar nervosa... ou algo assim. Olhei pela janela da cabana da enfermeira distrital e... Mary Gerrard estava escrevendo seu testamento. Aquilo me fez rir; não sei por quê!

Lord perguntou, abrupto:

– *Não sabe?*

Elinor respondeu:

– Foi bobagem minha... estou dizendo... estou nervosa.

Peter Lord disse:

– Vou lhe receitar um tônico.

Elinor comentou:

– Que útil!

Ele sorriu, desarmando-a.

– É bastante inútil, concordo. Mas é a única coisa que posso fazer quando as pessoas não querem me contar o que se passa com elas!

Elinor disse:

– Não está se passando nada comigo.

Peter Lord insistiu com toda a calma:

– Tem muita coisa se passando com você.

Elinor replicou:

– Passei por uma boa dose de tensão nervosa, imagino...

Ele disse:

– Acho que passou por muita coisa. Mas não é disso que estou falando – fez uma pausa. – A senhorita... fica ainda aqui por muito tempo?

– Vou embora amanhã.

– Não vai... morar aqui?

Elinor meneou a cabeça.

– Não... nunca. Acho, eu acho... que vou vender a propriedade se receber uma boa oferta.

O dr. Lord respondeu sem graça:

– Entendo...

Elinor disse:

– Preciso voltar para casa agora.

Estendeu a mão com firmeza. Peter Lord apertou-a. Segurou. Falou com toda a sinceridade:

– Srta. Carlisle, poderia, por favor, me contar o que estava se passando pela sua cabeça quando gargalhava ainda agora?

Desvencilhou a mão o mais rápido que pôde.

– O que deveria estar passando pela minha cabeça?

– É o que eu gostaria de saber.

A expressão dele era grave e um pouco amargurada.

Elinor respondeu com impaciência:

– Só achei engraçado, foi só isso!

– Que Mary Gerrard estava deixando um testamento? Por quê? Fazer um testamento é um procedimento perfeitamente sensato. Evita uma série de problemas. Às vezes, claro, *causa* mais problemas!

Elinor falou impaciente:

– É claro... todo mundo deveria fazer seu testamento. Não foi isso que eu quis dizer.

O dr. Lord afirmou:

– Sra. Welman deveria ter deixado um testamento.

Elinor concordou de forma emotiva:

– Sim, de fato.

A cor subiu-lhe a face.

O dr. Lord disse inesperadamente:

– E a senhorita?

– *Eu*?

– Sim, disse ainda agora que todo mundo deveria fazer seu testamento! Já fez o *seu*?

Elinor olhou fixamente para ele por um minuto, então riu.

– Que extraordinário! – falou. – Não, não fiz. Não pensei nisso! Sou igual à tia Laura. Sabe, dr. Lord, vou para casa e mandarei um bilhete para o sr. Seddon sobre isso agora mesmo.

Peter Lord concordou:

– Muito sensato.

VI

Na biblioteca, Elinor acabara de terminar a carta:

Caro sr. Seddon, – Poderia esboçar um testamento para que eu assinasse?

Seria um documento bem simples. Quero deixar tudo para Roderick Welman integralmente.

Cordialmente,

Elinor Carlisle

Consultou o relógio de relance. O correio sairia em poucos minutos.

Abriu a gaveta da escrivaninha; então se lembrou de ter usado o último selo naquela manhã.

No entanto, havia alguns em seu quarto, tinha quase certeza.

Subiu as escadas. Quando voltou à biblioteca com o selo na mão, Roddy estava parado na janela.

Disse:

– Então partimos daqui amanhã. A boa e velha Hunterbury. Temos boas lembranças.

Elinor perguntou:

– Importa-se por ter posto à venda?

– Oh, não, não! Entendo bem que é o melhor a ser feito.

Fez-se um silêncio. Elinor apanhou a carta, deu uma olhada para conferir se estava tudo certo. Então lacrou e pôs o selo.

CAPÍTULO 6

Carta da enfermeira O’Brien para a enfermeira Hopkins, 14 de julho: *Laborough Court*

Querida Hopkins, já faz alguns dias que quero lhe escrever. Esta é uma casa adorável, e as pinturas, creio, bastante famosas. Mas não posso dizer que seja tão confortável quanto Hunterbury, se entende o que quero dizer. Sendo que é no meio do nada, é difícil se conseguir empregadas, e as meninas que têm aqui são despreparadas, algumas não muito solícitas, e, embora tenha certeza de que não dou muito trabalho, as refeições que são servidas na bandeja deveriam ao menos estar quentes, e não há equipamento para ferver uma chaleira, e o chá não é sempre feito com água fervente! Ainda assim, nada tão extremo. O paciente é um cavalheiro simpático e calmo – pneumonia dupla, mas a crise já passou, e o doutor diz que está melhorando.

O que tenho para lhe contar que vai realmente interessá-la é a coincidência mais estranha que pode imaginar. Na sala íntima, sobre o piano de cauda, há uma fotografia em um porta-retratos de prata; e acredita que é a mesma fotografia sobre a qual lhe contei – aquela assinada Lewis que a velha sra. Welman me pediu. Bem, fiquei intrigada – e quem não ficaria? Então perguntei ao mordomo sobre quem era, ao que ele respondeu prontamente, dizendo que era irmão de Lady Rattery – Sir Lewis Rycroft. Morava, parece, não muito longe daqui e foi morto na guerra. Muito triste, não é? Perguntei, de maneira casual, se fora casado, e o mordomo disse que sim, mas que Lady Rycroft foi para um asilo de loucos, a pobrezinha, logo depois do casamento. Ela ainda vive, ele falou. Não acha interessante? E estávamos bastante equivocadas, veja, em nossas ideias. Devem ter sentido muito afeto um pelo outro, ele e sra. W., e impedidos de se casarem porque a esposa estava num manicômio. Igualzinho ao cinema, não é? E a lembrança dela depois de tantos anos, olhando para a fotografia logo antes de morrer. Ele foi morto em 1917, disse o mordomo. Um romance e tanto, é o que eu acho.

Já assistiu ao novo filme com Myrna Loy? Vi que passaria em Maidensford esta semana. Não existe nenhum cinema em nenhum lugar perto daqui! Oh, é horrível estar enfiada no meio do campo. Não admira que não consigam empregadas decentes!
Bem, me despeço pelo momento, querida, escreva contando as novidades.
Cordialmente,
Eileen O'Brien

Carta da enfermeira Hopkins para a enfermeira O'Brien, 14 de julho:
Rose Cottage

Cara O'Brien, por aqui, tudo segue muito como de costume. Hunterbury está deserta – todos os criados foram embora, e uma placa foi colocada: Vende-se. Vi a sra. Bishop outro dia, está ficando com a irmã dela que mora a dois quilômetros daqui. Estava muito chateada, como pode imaginar, por estarem colocando o lugar à venda. Parece que ela tinha certeza de que a srta. Carlisle se casaria com o sr. Welman, e os dois morariam lá. Sra. B. disse que o noivado foi rompido! Srta. Carlisle foi embora para Londres assim que você partiu. Estava se comportando de um jeito muito esquisito uma ou duas vezes. De fato, eu não sabia o que pensar dela! Mary Gerrard foi para Londres e está começando seu treinamento para se tornar massagista. Muito sensato da parte dela, acho. A srta. Carlisle vai depositar duas mil libras para ela, o que acho bastante generoso e mais do que muita gente faria.
Aliás, é engraçado como as coisas se sucederam. Lembra-se de ter me contado algo sobre uma fotografia assinada Lewis, que sra. Welman lhe mostrou? Estava conversando outro dia com sra. Slattery (ela foi governanta do antigo dr. Ransome, que tinha a clínica antes de dr. Lord), e, é lógico, ela mora aqui a vida inteira e sabe muito sobre a pequena aristocracia desta região. Toquei no assunto de maneira casual, falando em nomes de batismo e dizendo que o nome Lewis era incomum e, dentre outros, ela mencionou Sir Lewis Rycroft de Forbes Park. Servira na guerra no 17º destacamento de lanceiros e foi morto mais para o final da guerra. Então perguntei se ele não era um amigo

próximo de sra. Welman em Hunterbury, será que não? E, prontamente, ela me olhou de um jeito e disse, Sim, muito bons amigos eles eram, e alguns dizem que eram mais do que amigos, mas que ela mesma não era dada a fofocas – e por que não seriam amigos? Então eu disse, mas certamente sra. Welman era viúva naquela época, e ela disse, Ah, sim, ela era viúva. Então, minha cara, logo vi que ela queria dizer alguma coisa com aquilo, então falei que era estranho, portanto, que nunca tivessem se casado, e ela foi dizendo, "Não podiam se casar. Ele tinha uma esposa em um asilo de loucos!". Então, veja só, nós já desconfiávamos de tudo! Curiosa a forma como as coisas acontecem, não é? Considerando o quanto é fácil conseguir um divórcio hoje em dia, é uma pena que a insanidade não poderia ter servido de base para pedir um naquela época.

Lembra-se daquele jovem camarada bonitão, Ted Bigland, que costumava ficar rodeando bastante Mary Gerrard? Veio me pedir o endereço dela em Londres, mas não passei para ele. Na minha opinião, Mary é um nível acima de Ted Bigland. Não sei se já percebeu, querida, mas o sr. R-W ficou muito impressionado com ela. Uma pena, pois causou problemas. Marque as minhas palavras, esse é o motivo pelo qual o noivado entre ele e srta. Carlisle foi desmanchado. E, se quer saber, ela ficou muito abalada. Não sei o que ela viu nele, estou certa de que ele não seria do meu feitio, mas ouvi de fonte confiável que ela sempre fora enlouquecidamente apaixonada por ele. Parece uma boa confusão, não é? E ela ficou com todo aquele dinheiro também. Acredito que sempre fora levado a acreditar que a tia deixaria para ele algo substancial.

O velho Gerrard, no Alojamento, está enfraquecendo com rapidez – teve uma série de tonturas muito fortes. Continua tão rude e intratável como sempre. Na verdade, chegou a dizer outro dia que Mary não era filha dele. "Bem", falei, "Eu teria vergonha de dizer uma coisa dessas sobre sua esposa se fosse o senhor." Ficou olhando para mim e disse: "Não passa de uma boba. Não entende nada". Educado, não? Fui bastante ríspida com ele, posso lhe garantir. A esposa era criada da sra. Welman antes de se casar, creio.

Assisti a Terra dos Deuses semana passada. Foi lindo! As mulheres tiveram de suportar muita coisa na China, parece.

Com carinho,
Jessie Hopkins

Cartão-postal da enfermeira Hopkins para a enfermeira O’Brien:

Imagine que nossas cartas acabam de cruzar uma pela outra! Este tempo não está odioso?

Cartão-postal da enfermeira O’Brien para a enfermeira Hopkins:

Recebi sua carta esta manhã. Que coincidência!

Carta de Roderick Welman para Elinor Carlisle, 15 de julho:
Querida Elinor, acabo de receber sua carta. Não, de verdade, não tenho nenhum problema com o fato de Hunterbury estar sendo vendida. Gentileza sua me consultar. Acho que está tomando a decisão mais sábia, se não gostaria de morar lá, e é claro que não gostaria. No entanto, pode ter alguma dificuldade para se livrar dela. É um lugar grande para as necessidades de hoje, embora tenha sido modernizada e esteja com tudo em dia, com bons alojamentos para a criadagem, gás, luz elétrica e tal. Enfim, espero que tenha sorte!

O calor aqui é glorioso. Passei horas no mar. A turma aqui é um tanto esquisita, mas não me misturo muito. Um dia me disse que eu não sabia me misturar bem. Receio que seja verdade. Acho a maior parte da raça humana de uma repugnância extraordinária. É provável que o sentimento seja recíproco.
Há muito sinto que você é uma das únicas representantes satisfatórias de fato da humanidade. Estou pensando em seguir adiante até a costa da Dalmácia daqui uma ou duas semanas. O endereço é a/c Thomas Cook, Dubrovnik, do dia 22 em diante. Se houver algo que eu possa fazer, me avise.
Seu, com admiração e gratidão,
Roddy

Carta de sr. Seddon do escritório Srs. Seddon, Blatherwick & Seddon para srta. Elinor Carlisle, 20 de julho:

104 Bloomsbury Square

Cara srta. Carlisle, penso que deveria aceitar a oferta do major Somervell, de doze mil e quinhentas libras (£12.500) por Hunterbury. Grandes propriedades estão extremamente difíceis de vender no momento, e o preço oferecido parece ser dos mais vantajosos. A oferta depende, entretanto, da posse imediata, e sei que o major Somervell andou vendo outras propriedades na vizinhança, então gostaria de aconselhá-la a aceitar de imediato.

Major Somervell deseja, pelo que entendi, alugar o local com toda a mobília por três meses, quando então as formalidades legais devem ser concluídas e a venda efetivada.

Em relação ao mantenedor do Alojamento, Gerrard, e a questão de garantir uma pensão a ele, escutei do dr. Lord que o velho está seriamente doente e não tem muita esperança de vida.

A homologação ainda não aconteceu, mas adiantei cem libras para srta. Mary Gerrard enquanto aguarda a liquidação.

Atenciosamente,

Edmund Seddon

Carta de dr. Lord para srta. Elinor Carlisle, 24 de julho:

Cara srta. Carlisle, o velho Gerrard faleceu no dia de hoje. Há qualquer coisa que possa fazer pela senhorita de alguma forma? Ouvi dizer que vendeu a casa para nosso novo representante do ministério público, Major Somervell.

Atenciosamente,

Peter Lord

Carta de Elinor Carlisle para Mary Gerrard, 25 de julho:

Cara Mary, meus pêsames, pois soube da morte de seu pai.

Recebi uma oferta por Hunterbury – de um tal major Somervell. Está ansioso para tomar posse assim que possível. Vou até lá para revisar a papelada de minha tia e fazer uma limpeza geral. Seria possível para você remover as coisas de seu pai do Alojamento o mais rápido possível? Espero que esteja tudo bem e que não esteja achando seu aprendizado de massagem muito extenuante.
Com muita cordialidade,
Elinor Carlisle

Carta de Mary Gerrard para a enfermeira Hopkins, 25 de julho:
Cara enfermeira Hopkins, muito obrigada por ter me escrito sobre meu pai. Fico feliz de que ele não tenha sofrido. Srta. Elinor escreveu dizendo que a casa foi vendida e que gostaria de ter o Alojamento liberado assim que possível. Poderia me hospedar se eu chegasse amanhã para o funeral? Não precisa responder se não houver nenhum problema.

Com carinho,
Mary Gerrard

CAPÍTULO 7

I

Elinor Carlisle saiu de King's Arms na manhã de quinta-feira, 27 de julho, e ficou, por um ou dois minutos, olhando de um lado a outro da rua principal de Maidensford.

De repente, com uma exclamação de prazer, atravessou a rua.

Não havia como se equivocar com aquela presença ampla e digna, o passo sereno como um galeão de velas enfunadas.

– Sra. Bishop!

– Ora, srta. Elinor! Que *surpresa*! Não tinha noção de que andava por essas bandas! Se soubesse que estava vindo para Hunterbury, eu mesma teria ido para lá! Quem a está auxiliando? Trouxe alguém de Londres?

Elinor meneou a cabeça.

– Não estou ficando na casa. Estou hospedada no King's Arms.

Sra. Bishop olhou para o outro lado da rua e fungou um tanto hesitante.

– É *possível* se hospedar lá, ouvi dizer – concedeu. – É limpo, que eu saiba. E a comida, dizem, é boa, mas nem de perto no nível a que a senhorita está *acostumada*, srta. Elinor.

Elinor falou sorridente:

– Estou, na verdade, bem acomodada. É apenas por um ou dois dias. Tenho que resolver umas coisas na casa. Todos os pertences pessoais de minha tia; e também há algumas peças de mobiliário que eu gostaria de levar para Londres.

– A casa foi de fato vendida, então?

– Foi. Para um tal major Somervell. Nosso novo membro do parlamento. Sir George Kerr faleceu, sabe, e houve uma eleição extraordinária para preencher a vaga.

– Sem qualquer oposição – disse a sra. Bishop com ares de grandeza. – Jamais tivemos alguém que não fosse conservador para Maidensford.

Elinor comentou:

– Fico feliz em saber que a pessoa que comprou a casa realmente deseja morar lá. Teria sentido muito se fosse transformada em hotel ou construíssem

algo em cima.

Sra. Bishop fechou os olhos e um calafrio percorreu da cabeça aos pés sua figura roliça e aristocrática.

– Sim, de fato, isso teria sido terrível, bastante terrível. Já é ruim o suficiente pensar em Hunterbury passando para a mão de estranhos.

Elinor disse:

– Sim, mas, veja bem, teria sido uma casa grande demais para eu morar... sozinha.

Sra. Bishop deu uma fungadela.

Elinor acrescentou rapidamente:

– Estava querendo lhe perguntar: há alguma peça do mobiliário em especial que gostaria de manter? Ficaria feliz em lhe dar de presente se fosse o caso.

Sra. Bishop deu um sorriso luminoso. Falou com afabilidade:

– Bem, srta. Elinor, isso é muita consideração sua, muita gentileza, tenho certeza. Se não for tomar liberdade demais...?

Ela fez uma pausa, e Elinor falou:

– Oh, não.

– Sempre tive grande admiração pela secretária do salão íntimo. É uma peça tão *elegante*.

Elinor lembrou do móvel, uma peça um pouco extravagante, ornada em marchetaria. Respondeu logo:

– É claro que pode ficar com ela, sra. Bishop. Mais alguma coisa?

– Não, de fato, srta. Elinor. A senhorita sempre foi extremamente generosa.

Elinor sugeriu:

– Há algumas cadeiras no mesmo estilo da secretária. Teria interesse nelas?

Sra. Bishop aceitou as cadeiras com os devidos agradecimentos. Explicou:

– No momento, estou hospedada com minha irmã. Há algo que possa fazer pela senhorita lá na casa, srta. Elinor? Poderia lhe acompanhar até lá, se quiser.

– Não, obrigada.

Elinor falou rápido, um tanto brusca.

Sra. Bishop insistiu:

– Não seria incômodo nenhum, eu lhe garanto; seria um prazer. Uma tarefa tão melancólica separar todas as coisas da querida sra. Welman.

Elinor afirmou:

– Obrigada, sra. Bishop, mas gostaria de enfrentar a tarefa sozinha. A gente faz certas coisas melhor quando está sozinha...

A sra. Bishop aceitou:

– Como desejar, é lógico.

Continuou:

– A filha do Gerrard está por lá. O funeral foi ontem. Ela está ficando na casa da enfermeira Hopkins. Ouvi dizer que *elas* estavam indo para o Alojamento hoje de manhã.

Elinor assentiu:

– Sim, pedi a Mary para cuidar disso. O major Somervell quer se mudar o mais rápido possível.

– Entendo.

Elinor despediu-se:

– Bem, preciso seguir adiante. Que bom encontrá-la, sra. Bishop. Vou me lembrar da secretária e das cadeiras.

Apertou a mão da outra e seguiu adiante.

Entrou na padaria e comprou um pão. Então, foi até o leiteiro e comprou meia libra de manteiga e um pouco de leite.

Por fim, foi até a mercearia.

– Gostaria de algum patê para sanduíches, por favor.

– Certamente, srta. Carlisle – o próprio senhor Abbott se apressou em servi-la, empurrando o aprendiz de lado com o cotovelo.

– O que gostaria? Salmão com camarão? Peru e língua? Salmão com sardinha? Presunto com língua?

Baixou pote por pote e arrumou-os no balcão.

Elinor respondeu com um sorriso apagado:

– Apesar dos nomes, sempre acho que todos têm o mesmo gosto.

Sr. Abbott concordou no mesmo instante.

– Bem, talvez tenham, de certo modo. Sim, de certo modo. Mas, é claro, são muito saborosos... muito saborosos.

Elinor indagou:

– Costumávamos sentir muito medo de comer patês de peixe. Houve casos de envenenamento por ptomaína por causa deles, não é verdade?

Sr. Abbott ficou com uma expressão horrorizada.

– Posso lhe garantir que esta é uma marca excelente – das mais *confiáveis*; nunca tivemos qualquer reclamação.

Elinor disse:

– Vou levar um de salmão com anchovas e um de salmão com camarão. Obrigada.

II

Elinor Carlisle entrou na propriedade de Hunterbury pelo portão dos fundos.

Era um dia de verão quente e límpido. As ervilhas de cheiro estavam em flor. Elinor passou perto de uma fileira delas. O subjardineiro, Horlick, que permanecera lá para manter o lugar em ordem, saudou-a respeitosamente.

– Bom dia, senhorita. Recebi sua carta. Vai encontrar a porta lateral aberta, senhorita. Já desamarrei as persianas e abri muitas das janelas.

Elinor agradeceu:

– Obrigada, Horlick.

Enquanto ela andava, o rapaz disse um tanto nervoso, com o pomo de Adão subindo e descendo em espasmos:

– A senhorita me desculpe...

Elinor se virou.

– Pois não?

– É verdade que a casa foi vendida? Digo, o negócio foi de fato fechado?

– Ah, sim!

Horlick comentou:

– Estava pensando, senhorita, se poderia interceder por mim... com o major Somervell, digo. Ele vai precisar de jardineiros. Talvez ache que sou muito novo para ser o jardineiro-chefe, mas já trabalhei sob a supervisão do sr. Stephens por quatro anos e acho que sei alguma coisa e tenho mantido tudo num ritmo muito bom desde que fiquei aqui, trabalhando sozinho.

Elinor foi logo dizendo:

– É claro que farei o que puder por você, Horlick. Na verdade, estava

planejando mencionar seu nome para o major Somervell, contando de seus talentos como bom jardineiro.

O rosto de Horlick ficou vermelho-escuro.

– Muito obrigado, senhorita. É muita gentileza sua. Pode entender que foi um certo abalo, digo... com a morte da sra. Welman, e o lugar sendo vendido com tanta rapidez... e eu... bem, a bem verdade é que eu ia me casar neste outono, só que é importante se assegurar...

Parou.

Elinor disse com delicadeza:

– Espero que major Somervell o mantenha aqui. Pode confiar que vou fazer o que estiver ao meu alcance.

Horlick agradeceu mais uma vez:

– Muito obrigado, senhorita. Todos esperávamos, entenda, que o lugar fosse mantido pela família. Obrigado, senhorita.

Elinor seguiu andando.

De repente, jorrando, como uma corrente de água que vem de uma represa arrebentada, uma onda de raiva, de incontrolável ressentimento, se abateu sobre ela.

"Todos esperávamos que o lugar fosse mantido pela família..."

Ela e Roddy poderiam ter morado lá! *Ela e Roddy*... Roddy teria feito questão. Ela própria teria feito questão. Os dois sempre adoraram Hunterbury. A querida Hunterbury... Nos anos anteriores ao falecimento de seus pais, quando estavam na Índia, ela passava as férias ali. Brincava no bosque, vagava pelo córrego, colhia ervilhas de cheiro, enchia os braços carregados de flores, comia groselhas imensas ainda verdes e framboesas bem vermelhas e suculentas. Depois, ainda viriam as maçãs. Havia lugares, recantos secretos, onde ela se deitara agarrada a um bom livro e lido por horas a fio.

Ela amara Hunterbury. Sempre tivera a tênue certeza de que moraria lá permanentemente algum dia. Tia Laura alimentara aquela ideia. Com palavras soltas e frases curtas:

– Um dia, Elinor, pode sentir vontade de cortar aqueles teixos. São um pouco tristonhos, quem sabe!

– Alguém poderia fazer um jardim aquático aqui. Um dia, quem sabe, *você* vai mandar construir.

E Roddy? Roddy também sonhava com Hunterbury sendo sua casa.

Talvez isso tenha servido de base para o sentimento que nutria por ela, Elinor. Sentira, em seu subconsciente, que era conveniente e correto que ficassem juntos em Hunterbury.

E *teriam* ficado juntos ali. Estariam juntos *ali*... *agora*... e não preparando a casa para a venda, mas redecorando, planejando novas coisas belas para a casa e o jardim, caminhando lado a lado com um prazer sutil e proprietário, felizes, sim, *felizes* juntos – não fosse pelo acidente fatal causado pela beleza intensa e rosada de uma garota...

O que Roddy sabia de Mary Gerrard? Nada... menos do que nada! O que admirava nela, na verdadeira Mary? Teria, é bem possível, qualidades admiráveis, mas Roddy saberia alguma coisa sobre elas? Era aquela velha história – o ancestral deboche da natureza!

Não foi o próprio Roddy quem disse que era um "feitiço"?

Não era o próprio Roddy quem, *de verdade*, queria se libertar disso?

Se Mary Gerrard... morresse, por exemplo, será que Roddy um dia não reconheceria: "Foi melhor assim. Agora eu sei. Não tínhamos nada em comum...".

Acrescentaria, talvez, com doce melancolia:

– Era uma criatura encantadora...

Que ela represente isso para ele, sim, uma memória primorosa... algo belo e alegre para todo o sempre...

Se acontecesse alguma coisa com Mary Gerrard, Roddy voltaria para ela, Elinor... Ela tinha certeza!

Se *acontecesse alguma coisa com Mary Gerrard*...

Elinor girou a maçaneta da porta lateral. Passou do calor da luz solar para a sombra da casa. Sentiu um calafrio.

Estava frio ali, escuro, sinistro... Era como se algo estivesse presente, esperando por ela na casa...

Caminhou pelo longo corredor e empurrou a porta de baeta que dava acesso à despensa do mordomo.

O cheiro ela levemente bolorento. Empurrou a janela para cima, escancarando-a.

Depositou seus pacotes, a manteiga, o pão, a pequena garrafa de leite. Pensou: "Tonta! Queria ter pegado café".

Examinou as latas de uma prateleira. Havia um pouco de chá em uma delas, mas nada de café.

Pensou: “Ah, não importa”.

Desembrulhou os dois potes de patê de peixe.

Ficou parada olhando para elas por um instante. Então saiu da despensa e subiu as escadas. Foi direto ao quarto de sra. Welman. Começou pela cômoda grande, abrindo gavetas, separando, ajeitando, dobrando as roupas em pequenas pilhas...

III

No Alojamento, Mary Gerrard estava olhando ao redor de modo bastante impotente.

Não havia, de certo modo, se apercebido do quanto tudo estava amontoado.

Sua vida passada retornou à memória como uma inundação. A mãe fazendo roupas para as bonecas. O pai sempre enfezado e ranzinza, antipatizando com ela. Sim, antipatizando...

Disse de repente à enfermeira Hopkins:

– Meu pai não falou nada, ou mandou alguma mensagem para mim antes de morrer, mandou?

A enfermeira Hopkins respondeu com alegria e falta de sensibilidade:

– Oh, minha nossa, não. Estava inconsciente por uma hora antes de falecer.

Mary confessou devagar:

– Sinto, talvez, que deveria ter vindo aqui para cuidar dele. Afinal de contas, era meu *pai*.

A enfermeira Hopkins disse com um indício de constrangimento:

– Agora, escute bem o que vou dizer, Mary: se era ou não seu pai, isso não entra na equação. Os filhos não se importam muito com os pais nos dias de hoje, conforme o que tenho visto, e muitos pais também não querem saber dos filhos. Srta. Lambert, na escola secundária, disse que é assim que deve ser. De acordo com ela, a vida familiar está toda errada, e os filhos deveriam ser criados pelo Estado. É assim que devia ser; a mim soa como um orfanato glorificado, mas, enfim, é um desperdício de saliva remoer o passado com sentimentalismo. Precisamos tocar a vida, essa é nossa função e, às vezes,

isso também não é lá muito fácil!

Mary concordou:

– Imagino que esteja certa. Mas sinto que talvez tenha sido culpa minha o fato de não nos darmos *melhor*.

A enfermeira Hopkins disparou com firmeza:

– Tolice.

A palavra caiu como uma bomba.

Aquilo conteve Mary. A enfermeira Hopkins voltou-se para questões mais práticas.

– O que vai fazer com a mobília? Guardar? Ou vender?

Mary respondeu de modo hesitante:

– Não sei. O que você acha?

Fazendo uma rápida avaliação, a enfermeira Hopkins sugeriu:

– Parte dela é boa e sólida. Pode guardar e depois mobiliar um apartamento para você em Londres algum dia. Jogue fora o que não presta. As cadeiras são boas, a mesa também. E aquele é um belo bureau, o modelo saiu de moda, mas é mogno maciço, e dizem que o estilo vitoriano vai voltar um dia. Eu me livraria daquele guarda-roupa enorme, se fosse você. Grande demais para caber em qualquer lugar. Do jeito como está já toma metade do quarto.

As duas criaram uma lista das peças a serem mantidas ou doadas.

Mary disse:

– O advogado é muito gentil, sr. Seddon, digo. Ele me adiantou algum dinheiro para que eu pudesse começar a pagar meus estudos e outras despesas. Vai levar um mês ou mais até que o dinheiro passe em definitivo para mim, foi o que ele disse.

A enfermeira Hopkins perguntou:

– Está gostando do trabalho?

– Acho que vou gostar bastante. É cansativo no começo. Volto para casa à morte, de tão cansada.

A enfermeira Hopkins declarou com severidade:

– Achei que morreria quando fui enfermeira estagiária no St. Luke’s. Sentia que jamais conseguiria completar os três anos. Mas aguentei.

Haviam separado todas as roupas do velho. Então chegaram a uma lata repleta de papéis.

Mary disse:

– Precisamos dar uma olhada nisso, suponho.

Sentaram-se uma de cada lado da mesa.

A enfermeira Hopkins chiou ao começar com um punhado.

– É extraordinário o tipo de lixo que as pessoas guardam! Recortes de jornal! Cartas velhas! Todo tipo de coisa!

Mary abriu um documento:

– Aqui está a certidão de casamento do meu pai com a minha mãe. Em St. Albans, 1919.

A enfermeira Hopkins disse:

– Atestado de núpcias, como se dizia antigamente. Muita gente daqui do povoado ainda usa esse termo.

Mary disse com a voz abafada:

– Mas, enfermeira...

– O que houve?

Mary Gerrard falou com a voz trêmula:

– Não vê? Estamos em 1939. E tenho 21 anos. Em 1919, eu já tinha um ano. Isso significa, significa... que meu pai e minha mãe não eram casados até... até... *depois*.

A enfermeira Hopkins enrugou a testa. Declarou vigorosamente:

– Bem, afinal, e daí? Não vai começar a se preocupar com isso a *esta* altura!

– Mas, enfermeira, não tenho como evitar.

A enfermeira Hopkins falou com autoridade:

– Há muitos casais que não vão até a igreja até passar um pouco do tempo que deveriam. Mas, contanto que façam isso no fim das contas, que diferença faz? É o que eu digo!

Mary disse baixinho:

– Será por isso, você acha, que meu pai nunca gostou de mim? Porque, talvez, minha mãe o *obrigou* a se casar?

A enfermeira Hopkins hesitou. Mordeu o lábio, então disse:

– Não foi bem assim, imagino – fez uma pausa. – Ah, se vai ficar se preocupando, é melhor que saiba logo a verdade: você não é filha do Gerrard mesmo.

Mary disse:

– Então *esse* é o motivo!

A enfermeira Hopkins respondeu:

– Talvez.

Mary continuou, uma mancha vermelha agora queimava cada uma das bochechas:

– Suponho que seja errado, mas estou aliviada! Sempre me senti desconfortável porque não me importava com meu pai, mas se ele *não* era meu pai, bem, isso resolve tudo! Como soube?

A enfermeira Hopkins contou:

– Gerrard falou bastante do assunto antes de morrer. Fui ríspida para que se calasse, mas ele não se importava. Naturalmente, *eu* não teria dito nada para você se não tivesse vindo à tona.

Mary falou devagar:

– Fico tentando imaginar quem seria meu pai verdadeiro...

A enfermeira Hopkins hesitou. Abriu a boca, então fechou de novo. Demonstrou estar encontrando dificuldades para se decidir.

Então uma sombra recaiu sobre a sala, e as duas se viraram para ver Elinor Carlisle parada na janela.

Elinor disse:

– Bom dia.

A enfermeira Hopkins respondeu:

– Bom dia, srta. Carlisle. Um dia adorável, não é mesmo?

Mary disse:

– Oh... bom dia, srta. Elinor.

Elinor convidou:

– Estava preparando uns sanduíches. Não gostariam de subir para comer algum? É recém uma da tarde, e é um incômodo tão grande ter de voltar para casa para almoçar. Trouxe comida o suficiente para três pessoas de propósito.

A enfermeira Hopkins disse com alegre surpresa:

– Devo dizer, srta. Carlisle, que isso é muita consideração sua. É *mesmo* trabalhoso ter de interromper o que se está fazendo e percorrer todo o caminho de volta para o vilarejo. Tinha esperanças de que terminaríamos ainda de manhã. Saí bem cedo para ver meus pacientes. Mas, aí está, remexer tudo leva mais tempo do que se imagina.

Mary agradeceu:

– Obrigada, srta. Elinor, é muita gentileza sua.

As três seguiram pelo caminho até a casa. Elinor deixara a porta da frente aberta. Passaram para o ambiente fresco do corredor. Mary teve um

leve calafrio; Elinor olhou para ela de maneira incisiva.

– O que foi?

Mary respondeu:

– Ah, nada... só um calafrio. Por ter entrado aqui... saindo do sol...

Elinor disse em voz baixa:

– Que estranho. Também senti isso pela manhã.

A enfermeira Hopkins disse, com uma voz alta e alegre, dando risada:

– Parem com isso! Daqui a pouco vão dizer que tem fantasmas na casa. *Eu* não senti nada!

Elinor sorriu. Guiou o caminho passando pelo salão matinal, à direita da porta de entrada. As persianas estavam levantadas, e as janelas, abertas. Tinha um aspecto leve.

Elinor cruzou o corredor e trouxe da despensa um prato grande de sanduíches. Entregou um para Mary, dizendo:

– Aceita?

Mary pegou um. Elinor ficou observando a garota por um momento enquanto seus dentes brancos e alinhados mordiam o sanduíche.

Prendeu a respiração por um instante, então exalou com um leve suspiro.

Distraída, ficou parada um minuto com o prato na altura da cintura; então, ao ver a enfermeira Hopkins com os lábios entreabertos e a expressão faminta, corou e rapidamente ofereceu o prato à mulher mais velha.

Elinor apanhou um sanduíche para si. Desculpou-se:

– Tive a intenção de fazer um café, mas esqueci de comprar. Há um pouco de cerveja sobre aquela mesa, se alguém quiser.

A enfermeira Hopkins falou entristecida:

– Se ao menos eu houvesse lembrado de trazer um pouco de chá.

Elinor disse distraída:

– Há um pouco de chá ainda na lata na despensa.

O rosto da enfermeira Hopkins iluminou-se.

– Então vou me apressar em botar a chaleira no fogo. Não há leite, imagino?

Elinor disse:

– Tem, eu trouxe um pouco.

– Bem, então está tudo resolvido – disse a enfermeira Hopkins e saiu apressada.

Elinor e Mary foram deixadas a sós.

Uma estranha tensão foi se alastrando na atmosfera. Elinor, com um esforço evidente, tentou começar uma conversa. Seus lábios estavam secos. Passou a língua para umedecê-los. Perguntou, bastante desajeitada:

– Você... está gostando do trabalho em Londres?

– Estou, obrigada. Sou... sou muito grata à senhorita...

Um ruído súbito e desagradável saiu da boca de Elinor. Uma gargalhada tão dissonante, tão diferente dela, que Mary ficou olhando assombrada.

Elinor disse:

– Não precisa ficar tão grata!

Mary, bastante constrangida, disse:

– Não foi minha intenção... quer dizer...

Parou.

Elinor estava encarando-a... um olhar tão escrutinador, tão estranho, que Mary recuou diante dele.

– Há... algo errado?

Elinor levantou-se depressa. Disse, dando-lhe as costas:

– O que poderia haver de errado?

Mary murmurou.

– A senhorita... parecia...

Elinor completou com uma risadinha:

– Eu a estava encarando? Sinto muito. Faço isso às vezes... quando estou pensando em outra coisa.

A enfermeira Hopkins espiou pela porta e observou animada:

– Já coloquei a chaleira no fogo – e saiu de novo.

Elinor foi acometida de um ataque de riso.

– Polly, ponha a chaleira no fogo, Polly, ponha a chaleira no fogo... vamos todos tomar chá! Lembra que brincávamos disso, Mary, quando éramos crianças?

– Sim, de fato lembro.

Elinor disse:

– *Quando éramos crianças*... É uma pena, Mary, não é mesmo, que nunca possamos voltar à infância?

Mary perguntou:

– Gostaria de voltar?

Elinor respondeu com obstinação:

– Sim... *sim*...

O silêncio recaiu entre as duas por um momento.

Então, Mary falou com o rosto corando:

– Srta. Elinor, por favor, não pense que...

Interrompeu-se, alarmada pelo subido enrijecimento da silhueta magra de Elinor, a linha erguida do queixo.

Elinor disse com uma voz fria como o aço:

– O que não devo pensar?

Mary balbuciou:

– Eu... esqueci o que ia dizer.

O corpo de Elinor relaxou... como se um perigo tivesse acabado de passar.

A enfermeira Hopkins entrou com a bandeja. Sobre ela estava um bule de chá marrom, leite e três xícaras.

Anunciou, bastante alheia ao anticlímax:

– Aqui está o chá!

Pôs a bandeja diante de Elinor, que balançou a cabeça.

– Não vou querer.

Empurrou a bandeja na direção de Mary.

Mary serviu as duas xícaras.

A enfermeira Hopkins suspirou com satisfação.

– Está gostoso e bem forte.

Elinor levantou-se e foi até a janela. A enfermeira Hopkins disse de maneira persuasiva:

– Tem certeza de que não vai querer uma xícara, srta. Carlisle? Vai lhe fazer bem.

Elinor murmurou:

– Não, obrigada.

A enfermeira Hopkins secou sua xícara, depositou sobre o pires e resmungou:

– Vou só desligar a chaleira. Coloquei no fogo caso fosse preciso encher de novo o bule.

Saiu lépida dali.

Elinor deu a volta, retornando da janela.

Subitamente carregava uma súplica desesperada na voz:

– Mary...

Mary Gerrard respondeu logo:

– Pois não?

Devagar, a luz apagou-se no rosto de Elinor. Os lábios fecharam-se. A súplica esmaeceu e deixou uma simples máscara... congelada e imóvel.

Ela disse:

– Nada.

Um silêncio pesado se abateu sobre a sala.

Mary pensou: “Como tudo está estranho hoje. Como se... como se estivéssemos esperando por alguma coisa”.

Elinor por fim se mexeu.

Saiu da janela e apanhou a bandeja de chá, colocando-a sobre o prato vazio dos sanduíches.

Mary deu um salto.

– Ora, srta. Elinor, deixe-me ajudá-la.

Elinor foi brusca:

– Não, você fique aqui. Vou cuidar disso.

Levou a bandeja da sala. Olhou para trás, uma vez, por sobre o ombro, e viu Mary Gerrard na janela, jovem, viva e linda...

IV

A enfermeira Hopkins estava na despensa. Estava limpando o rosto com o lenço. Levantou o olhar, de modo um tanto brusco, quando Elinor entrou. Disse:

– Virgem santa, como está quente aqui!

Elinor respondeu em tom mecânico:

– Sim, a despensa é voltada para o sul.

A enfermeira Hopkins tomou a bandeja da outra.

– Deixe que eu lavo, srta. Carlisle. A senhorita não parece muito bem.

Elinor disse:

– Oh, me sinto bem.

Apanhou um pano de prato.

– Eu seco.

A enfermeira Hopkins removeu os punhos. Derramou a água quente da chaleira em uma bacia de papel machê.

Elinor comentou, despreocupada, olhando para o pulso da outra:

– Espetou-se em alguma coisa.

A enfermeira Hopkins riu.

– Na treliça de rosas do Alojamento... um espinho. Já vou remover em seguida.

A treliça de rosas no Alojamento... As memórias foram se derramando em ondas sobre Elinor. Ela e Roddy discutindo... a Guerra das Rosas. Ela e Roddy discutindo... e fazendo as pazes. Uma época adorável, divertida, feliz. Uma onda enjoativa de asco tomou conta dela. No que ela se transformara? Que abismo negro era esse de ódio... de maldade... Balançou um pouco o corpo, parada de pé.

Pensou: "Fiquei louca... muito louca".

A enfermeira Hopkins olhava fixamente para ela, com curiosidade.

"Estranha, sem dúvida nenhuma, era assim que ela parecia...", essa seria a narrativa da enfermeira Hopkins mais tarde. "Falando como se não soubesse o que estava dizendo, e os olhos brilhavam esquisitos."

As xícaras e os pires chacoalhavam na bacia. Elinor apanhou um pote vazio de patê de peixe da mesa e pôs na bacia. Ao fazer isso, anunciou, e ficou assombrada com a firmeza de sua própria voz:

– Separei algumas roupas lá em cima, coisas da tia Laura. Pensei, talvez, enfermeira, que pudesse me aconselhar onde poderiam ser mais úteis no vilarejo.

A enfermeira Hopkins respondeu cintilante:

– Vou com certeza. Temos a sra. Parkinson e a velha Nellie, e aquela pobre criatura que não está batendo muito bem em Ivy Cottage. Vai ser uma dádiva para elas.

Ela e Elinor esvaziaram a despensa. Subiram juntas as escadas.

No quarto da sra. Welman, as roupas estavam dobradas em pilhas organizadas: roupa de baixo, vestidos e certos artigos elegantes de vestuário, longos de veludo, um casaco de rato-almiscarado. Este último, Elinor explicou, pensava em dar para sra. Bishop. A enfermeira Hopkins concordou assentindo.

Reparou que as zibelinas da sra. Welman estavam dispostas sobre a cômoda.

"Vai mandar reformar para si mesma", pensou ela.

Lançou um olhar para a cômoda grande. Ficou se perguntando se Elinor

havia encontrado a fotografia assinada “Lewis” e o que teria pensado daquilo, caso houvesse.

“Que engraçado”, pensou consigo, “a maneira como a carta da O’Brien se cruzou com a minha. Nunca sonhei que algo assim pudesse acontecer. Ela dando de cara com a foto no mesmo dia em que escrevi para ela sobre a sra. Slattery”.

Ajudou Elinor a separar as roupas e se ofereceu para amarrar tudo em trouxas separadas para as diferentes famílias e cuidar ela mesma da distribuição.

– Posso ir dando um jeito nisso enquanto Mary desce para o Alojamento e termina por lá. Ela tem apenas uma caixa de papéis para revisar. Onde está essa menina, aliás? Desceu para o Alojamento?

Elinor respondeu:

– Deixei-a no salão matinal...

A enfermeira Hopkins disse:

– Não deve ter ficado lá este tempo todo – consultou o relógio. – Nossa, faz quase uma hora que estamos aqui em cima!

Desceu as escadas apressada. Elinor a seguiu.

Entraram no salão matinal.

A enfermeira Hopkins exclamou:

– Ora, eu jamais... ela adormeceu.

Mary Gerrard estava sentada na poltrona grande junto da janela. Afundara um pouco nela. Um som estranho permeava a sala: uma respiração laboriosa, estertorante.

A enfermeira Hopkins foi até lá sacudir a menina.

– Acorde, querida...

Calou-se. Ela se abaixou, puxou uma das pálpebras para baixo. Então deu um salto, sacudindo a garota com sincero desespero.

Voltou-se para Elinor. Havia algo ameaçador na voz dela ao indagar:

– O que significa isso?

Elinor retrucou:

– Não sei do que está falando. Ela está passando mal?

A enfermeira Hopkins perguntou:

– Onde está o telefone? Chame logo o dr. Lord.

Elinor indagou:

– Qual é o problema?

– O problema? A garota está passando mal. Está morrendo.
Elinor deu um passo para trás.
– *Morrendo?*
A enfermeira Hopkins afirmou:
– Foi envenenada...
Seus olhos, enrijecidos de desconfiança, fitavam Elinor.

PARTE II

Capítulo 1

Hercule Poirot, com sua cabeça oval levemente inclinada, as sobrancelhas erguidas com ar questionador e pontas dos dedos coladas umas às outras, observava o rapaz dando passadas nervosas de um lado a outro da sala, seu rosto agradável e sardento franzido e repuxado.

Hercule Poirot perguntou:

– *Eh bien*, meu amigo, o que *significa* tudo isso?

Peter Lord parou de andar de repente.

– Monsieur Poirot. O senhor é o único homem no mundo que pode me ajudar. Ouvi Stillingfleet falando sobre o senhor; contou o que o senhor fez no caso Benedict Farley. De como todos os mortais acreditavam ter sido suicídio, e o senhor demonstrou que fora assassinato.

Hercule Poirot perguntou:

– O senhor tem, então, um caso de suicídio entre seus pacientes sobre o qual não está satisfeito?

Peter Lord balançou a cabeça negativamente.

Sentou-se diante de Poirot.

– É uma jovem. Foi presa e vai ser julgada por assassinato! Quero que descubra indícios provando que ela não o cometeu!

As sobrancelhas de Poirot levantaram-se ainda mais. Então adotou uma postura discreta e confidencial.

Indagou:

– O senhor e esta jovem senhora... estão comprometidos... certo? Estão apaixonados um pelo outro?

Peter Lord riu – uma gargalhada aguda e amarga.

– Não, nada parecido! Ela teve o mau gosto de preferir um sujeito narigudo e arrogante com cara de cavalo melancólico! Tolice dela, mas, enfim, é isso!

Poirot respondeu:

– Compreendo.

Lord continuou, amargo:

– Ah, sim, está compreendendo tudo! Não precisa de tanto tato assim. Eu me apaixonei por ela assim que a conheci. E por causa disso não quero

vê-la enforcada. Entende?

Poirot perguntou:

– Qual é a acusação?

– É acusada de ter assassinado uma garota chamada Mary Gerrard, por envenenamento com cloridrato de morfina. É provável que tenha lido o relado do inquérito nos jornais.

Poirot indagou:

– E o motivo?

– Ciúme!

– E, na sua opinião, não é culpada?

– Não, é claro que não.

Hercule Poirot olhou para ele, pensativo, por alguns instantes. Então declarou:

– O que exatamente quer que eu faça? Investigue o assunto?

– Quero livrá-la.

– Não sou advogado de defesa, *mon cher*.

– Vou me fazer entender com mais clareza: *quero que o senhor descubra provas que permitirão que o advogado consiga livrá-la*.

Hercule Poirot disse:

– Está colocando isso de forma um tanto curiosa.

Peter Lord falou:

– Por que não estou mascarando nada, é isso? A mim, parece bastante simples. *Quero essa moça absolvida*. Acho que *o senhor* é o único homem capaz de fazê-lo!

– Deseja que eu verifique os fatos? Que apure a verdade? Que descubra o que realmente aconteceu?

– Quero que descubra qualquer fato que conte a favor dela.

Hercule Poirot, com cuidado e precisão, acendeu um cigarro muito diminuto e disse:

– Mas não seria um pouco antiético o que está propondo? Chegar à verdade, sim, isso sempre me interessa. Mas a verdade é uma faca de dois gumes. Suponhamos que eu descubra fatos *contra* essa senhora? Exige que eu os abafe?

Peter Lord colocou-se de pé. Estava muito pálido:

– É impossível! Nada que possa descobrir poderia ser mais contra ela do que os fatos já são! São total e absolutamente condenatórios! Há todo tipo de

prova contra ela, preto no branco, para o mundo inteiro ver! Não poderia descobrir nada que a condene mais completamente do que ela já está! Estou pedindo que use de toda a sua engenhosidade, Stillingfleet diz que o senhor é danado de engenhoso, para desentocar algum furo, uma alternativa possível.

Hercule Poirot indagou:

– Certamente os advogados dela farão isso?

– Será que vão? – o jovem riu desdenhoso. – Já se dão por satisfeitos antes mesmo de começar! Acham que é uma causa perdida! Passaram o caso para Bulmer, K.C.; o homem dos desesperançosos; isso já entrega todo o jogo! Um grande orador, um choramingo só, reforçando a pouca idade do prisioneiro, essa coisa toda! Mas o juiz não vai deixar que leve essa. Sem chance!

Hercule Poirot perguntou:

– Suponhamos que ela *seja* culpada. Ainda assim quer que ela seja absolvida?

Peter Lord falou baixinho:

– Sim.

Hercule Poirot mexeu-se na cadeira. Confessou:

– O senhor me interessa...

Depois de um ou dois minutos, exigiu:

– É melhor, acho, que me relate os fatos exatos do caso.

– Não leu nada a respeito nos jornais?

Hercule Poirot abanou a mão.

– A menção do caso, sim. Mas os jornais são muito imprecisos. Jamais vou pelo que dizem.

Peter Lord resumiu:

– É bastante simples. Terrivelmente simples. Esta moça, Elinor Carlisle, acabara de herdar um lugar perto daqui, Hunterbury Hall, e uma fortuna de sua tia, que morreu intestada. O nome da tia era Welman. A tia tinha um sobrinho por conta de seu casamento, Roderick Welman. Ele estava noivo de Elinor Carlisle, uma história antiga, pois se conheciam desde a infância. Havia uma moça lá em Hunterbury: Mary Gerrard, filha do caseiro. A velha sra. Welman causara uma sensação por causa da garota, pagou por sua educação etc. Em consequência, a menina, sob todos os aspectos, tornou-se uma dama. Roderick Welman, ao que parece, se apaixonou por ela. Por conseguinte, o noivado foi rompido.

“Então chegamos à sequência de acontecimentos. Elinor Carlisle pôs a propriedade à venda, e um homem chamado Somervell comprou. Elinor veio remover todos os pertences pessoais da tia e assim por diante. Mary Gerrard, cujo pai acabara de morrer, estava desocupando o Alojamento. O que nos leva à manhã do dia 27 de julho.

“Elinor Carlisle estava ficando na hospedaria local. Andando na rua, encontrou a antiga governanta, sra. Bishop, que se ofereceu para acompanhá-la até a casa para ajudar. Elinor recusou com muita veemência. Então, foi até a mercearia e comprou um pouco de patê de peixe e lá fez um comentário sobre intoxicação alimentar. Está vendo? Algo bastante inocente de se fazer, mas conta contra ela! Foi até a casa e, em torno da uma da tarde, foi até o Alojamento, onde Mary Gerrard estava ocupada com a enfermeira distrital, uma abelhuda chamada Hopkins, que a estava ajudando, e disse às duas que tinha alguns sanduíches preparados na casa. As duas foram até lá com ela, comeram os sanduíches e, mais ou menos uma hora mais tarde, mandaram me chamar. Encontrei Mary Gerrard inconsciente. Fiz o que pude, mas não adiantou. A autópsia indicou que uma dose grande de morfina fora administrada um pouco antes. E a polícia encontrou um fragmento de rótulo dizendo cloridrato de morfina exatamente no local onde Elinor Carlisle estava montando os sanduíches.”

– O que mais Mary Gerrard comeu ou bebeu?

– Ela e a enfermeira distrital tomaram chá com os sanduíches. A enfermeira preparou, e Mary serviu. Não poderia ter havido nada ali. Entendo que o advogado vá fazer uma ópera falando dos sanduíches também, dizendo que as três comeram, portanto seria *impossível* garantir que apenas uma pessoa fosse envenenada. Usaram isso no caso Hearne, lembra-se?

Poirot assentiu. Comentou:

– Mas na verdade é bastante simples. Você monta sua pilha de sanduíches. *Em um deles, está o veneno*. Você oferece o prato. Em nosso estado civilizatório, é uma conclusão inevitável que a pessoa a quem o prato é oferecido vai pegar *o sanduíche que estiver mais próximo dela.* Presumo que Elinor Carlisle tenha passado o prato para Mary Gerrard primeiro?

– Exatamente.

– Embora a enfermeira, que é uma mulher mais velha, estivesse na sala?

– Sim.

– Isso não parece muito bom.

– Não quer dizer nada, na verdade. Ninguém faz cerimônia em um almoço no estilo piquenique.

– Quem montou os sanduíches?

– Elinor Carlisle.

– Havia mais alguém na casa?

– Ninguém.

Poirot balançou a cabeça.

– Isso é ruim. E a garota não consumiu mais *nada* além do chá e dos sanduíches?

– Nada. O conteúdo estomacal demonstra isso.

Poirot prosseguiu:

– Estão sugerindo que Elinor Carlisle tinha esperanças de que a morte da moça fosse passar por intoxicação alimentar? Como ela se propunha explicar o fato de que apenas *uma* pessoa foi afetada?

Peter Lord explicou:

– Acontece às vezes. Também há a questão de que havia dois potes de patê, muito parecidos na aparência. A ideia seria de que um pote estaria bom e que, por coincidência, todo o patê ruim fora consumido por Mary.

– Um estudo interessante das leis da probabilidade – comentou Poirot. – As chances matemáticas contra algo assim acontecer seriam bastante altas, imagino. Mas, outro ponto, se a ideia era para ter sido intoxicação alimentar: *por que não escolher um veneno diferente*? Os sintomas de morfina não são nada parecidos com os de intoxicação alimentar. Atropina, com certeza, teria sido uma escolha melhor!

Peter Lord falou devagar:

– Sim, é verdade. Porém, há algo mais. Aquela desgraçada da enfermeira distrital jura que perdeu um vidro de morfina!

– Quando?

– Ah, semanas atrás, na noite que a velha sra. Welman faleceu. A enfermeira disse ter deixado a maleta no corredor e descobriu que faltava uma ampola de morfina pela manhã. Tolice pura, creio eu. Provavelmente quebrou o vidro em casa em algum momento e esqueceu.

– Ela só lembrou *depois* da morte de Mary Gerrard?

Peter Lord disse, relutante:

– Na verdade, *mencionou* na época para a enfermeira de plantão.

Hercule Poirot estava olhando para Peter Lord com certo interesse.

Falou com sutileza:

– Acho, *mon cher*, que há algo mais, algo que ainda não me contou.

Peter Lord admitiu:

– Ah, bem, suponho que seja melhor que saiba de tudo de uma vez. Estão pedindo uma ordem de exumação e vão desencavar a velha sra. Welman.

Poirot disse:

– *Eh bien?*

Peter Lord explicou:

– Quando assim fizerem, *provavelmente vão encontrar o que estão procurando: morfina!*

– Já sabia disso?

Peter Lord, com o rosto pálido sob as sardas, balbuciou:

– Suspeitava.

Hercule Poirot bateu com a mão no braço da poltrona. Esbravejou:

– *Mon Dieu*, não entendo o senhor! *Sabia* quando ela morreu que havia sido assassinada?

Peter Lord gritou:

– Deus me livre, não! Jamais sonhei com algo assim! Achei que havia tirado a própria vida.

Poirot afundou-se na poltrona.

– Ah! O senhor pensou *isso*...

– É claro que pensei! Ela tocou no assunto comigo. Perguntara repetidas vezes se eu não poderia "dar cabo da vida dela". Detestava a doença, o estado de impotência daquilo... a... o que ela chamava de *indignidade* de ficar lá deitada sendo cuidada como um bebê. E era uma mulher bastante determinada.

Ficou em silêncio por um momento, então prosseguiu:

– Fiquei surpreso com a morte. Não esperava. Tirei a enfermeira do quarto e fiz a investigação mais completa que pude. Era impossível ter certeza sem uma autópsia. E de que serviria aquilo? *Caso* ela tivesse tomado um atalho, porque fazer um estardalhaço e gerar um escândalo? Melhor assinar a certidão e deixar que seja enterrada em paz. Afinal de contas, não podia ter certeza. Decidi mal, suponho. Contudo, jamais sonhei por um instante que se tratasse de crime. Tinha quase certeza de que ela própria fora responsável.

Poirot perguntou:

– Como acha que poderia ter conseguido a morfina?

– Não fazia a menor ideia. Mas, como lhe falei, era uma mulher inteligente, cheia de expedientes, com engenhosidade de sobra e uma determinação excepcional.

– Teria conseguido com as enfermeiras?

Peter Lord balançou a cabeça.

– De jeito nenhum! O senhor não conhece as enfermeiras!

– Com os familiares?

– É possível. Pode ter apelado para os sentimentos deles.

Hercule Poirot indagou:

– Relatou que sra. Welman morreu intestada. Se tivesse vivido, teria feito um testamento?

Peter Lord abriu um sorriso repentino.

– Está recapitulando com precisão diabólica todos os pontos vitais, não está? Sim, ela queria deixar um testamento; estava muito agitada por conta disso. Não conseguia falar de maneira inteligível, mas deixou claro o seu desejo. Elinor Carlisle ficara de chamar o advogado na primeira hora da manhã.

– Então, Elinor Carlisle sabia que a tia queria deixar um testamento? E se a tia morresse sem deixá-lo, Elinor Carlisle herdaria tudo?

Peter Lord apressou-se em dizer:

– Ela não sabia disso. Não fazia ideia de que a tia jamais fizera um testamento.

– Isso, meu amigo, é o que *ela* afirma. *Talvez* ela soubesse.

– Olhe aqui, Poirot, o senhor é o advogado de acusação?

– No momento, sim. Preciso saber a totalidade da força das alegações contra ela. Teria sido possível para Elinor Carlisle pegar a morfina da maleta?

– Sim. Tanto quanto qualquer outra pessoa. Roderick Welman. A enfermeira O’Brien. Qualquer um dos criados.

– Ou o dr. Lord?

Os olhos de Peter Lord arregalaram-se.

– Certamente... mas com que intenção?

– Piedade, talvez.

Peter Lord meneou a cabeça.

– Não tem nada aí! Vai ter de acreditar em mim!

Hercule Poirot recostou-se na poltrona. Sugeriu:

– Vamos trabalhar com uma suposição. Digamos que Elinor Carlisle tenha retirado aquela morfina da valise e ministrado à sua tia. Comentaram alguma coisa sobre o sumiço da morfina?

– Não para a casa. As duas enfermeiras mantiveram o assunto entre elas.

Poirot disse:

– Qual, na sua opinião, seria a atitude da Coroa?

– No caso de encontrarem morfina no corpo de sra. Welman?

– Isso.

Peter Lord pronunciou-se com austeridade:

– É possível que, caso Elinor seja absolvida da presente acusação, seja presa novamente e acusada pelo assassinato da tia.

Poirot disse pensativo:

– Os motivos são distintos; quer dizer, no caso da sra. Welman, o motivo poderia ser *lucro*, conquanto, no caso de Mary Gerrard, o motivo suposto é o de *ciúme*.

– Correto.

Poirot perguntou:

– Qual linha a defesa está se propondo a adotar?

Peter Lord contou:

– Bulmer propõe que sigam a linha de que não havia motivo. Vai pleitear a teoria de que o noivado entre Elinor e Roderick era um assunto de família com o qual concordaram por motivos familiares, para agradar sra. Welman, e que, no momento em que a velha morreu, Elinor terminou tudo por vontade própria. Roderick Welman vai testemunhar para este efeito. Acho que ele mesmo quase acredita nisso!

– Ele acredita que Elinor não gostava tanto assim dele?

– Sim.

– Nesse caso – prosseguiu Poirot –, ela não teria motivo para assassinar Mary Gerrard.

– Exato.

– Mas, nesse caso, *quem* teria assassinado Mary Gerrard?

– Aí está.

Poirot balançou a cabeça.

– *C’est difficile*.

Peter Lord defendeu com veemência:

– Esta é a questão! Se não foi *ela*, então *quem* matou? Temos o chá, mas tanto a enfermeira Hopkins quanto Mary beberam. A defesa vai tentar sugerir que a própria Mary Gerrard ingeriu a morfina depois que as outras duas saíram da sala; que ela de fato teria cometido suicídio.

– E teria algum motivo para cometer suicídio?

– Nenhum mesmo.

– Era do tipo suicida?

– Não.

Poirot perguntou:

– Como era ela, essa Mary Gerrard?

Peter Lord considerou:

– Era, bem, era uma boa menina. Sim, definitivamente, uma boa menina.

Poirot suspirou. Murmurou:

– Este Roderick Welman se apaixonou por ela porque era uma boa menina?

Peter Lord sorriu.

– Ah, entendi o que quer dizer. Era linda, com certeza.

– E o senhor? Não sentia nada por ela?

Peter Lord olhou espantado.

– Deus me livre, não.

Hercule Poirot refletiu por alguns momentos, então disse:

– Roderick Welman afirma que havia afeto entre ele e Elinor Carlisle, porém nada mais forte do que isso. O senhor concorda?

– E como diabos vou saber?

Poirot meneou a cabeça.

– O senhor me disse quando entramos nesta sala que Elinor Carlisle teve o mau gosto de se apaixonar por um sujeito arrogante e narigudo. Essa, presumo, foi uma descrição de Roderick Welman. Então, de acordo com o senhor, *ela* gosta dele.

Peter Lord falou em voz baixa, exasperado:

– Ela gosta dele, certo! Gosta que é o inferno!

Poirot disse:

– Então *havia* um motivo...

Peter Lord deu uma guinada para cima dele, com o rosto aceso de fúria.

– Faz diferença? Pode ser que ela tenha cometido o crime, sim! *Não me importo se foi ela*.

Poirot exclamou:

– A-há!

– Mas não quero que seja enforcada, confesso! Suponhamos que ela *estivesse* nas raias do desespero? O amor é um assunto desesperador e retorcido. Pode transformar um verme em um bom sujeito ou arrastar um homem correto e decente para o fundo do poço! Suponhamos que ela *cometeu* o crime. O senhor não tem piedade?

Hercule Poirot declarou:

– Não aprovo assassinatos.

Peter Lord ficou atônito, desviou o olhar, olhou mais uma vez com assombro, então, por fim, soltou uma gargalhada.

– De tudo o que poderia dizer... a mais formal e presunçosa! Quem está pedindo sua aprovação? Não estou lhe pedindo para contar mentiras! A verdade é a verdade, não é? Se descobrir algo que conte a favor da pessoa sendo acusada, não será inclinado a suprimir a informação porque ela é culpada, ou será?

– É certo que não.

– Então por que diabos não pode fazer o que estou pedindo?

Hercule Poirot disse:

– Meu amigo, estou perfeitamente preparado para fazer isso...

CAPÍTULO 2

Peter Lord fixou o olhar nele, puxou um lenço, secou o rosto e atirou-se em uma poltrona.

– Ufa! – exclamou. – O senhor me deixou nervoso! Não estava conseguindo obter nenhum indício de onde pretendia chegar!

Poirot disse:

– Estava examinando o caso contra Elinor Carlisle. Agora, estou a par. Administraram uma dose de morfina para Mary Gerrard; e, até onde posso ver, *deve* ter sido ministrada nos sanduíches. Ninguém tocou nos sanduíches, *exceto Elinor Carlisle*. Elinor Carlisle tinha *motivos* para matar Mary Gerrard, e é, na sua opinião, *capaz* de ter matado Mary Gerrard e, segundo todas as probabilidades, *matou* Mary Gerrard. Não vejo motivos para pensar diferente.

"Esse, *mon ami*, é um lado da questão. Agora prosseguiremos à segunda fase. Vamos dispensar todas essas considerações da nossa mente e abordaremos o assunto pelo ângulo oposto: *se Elinor Carlisle não matou Mary Gerrard, quem a matou?* Ou teria Mary Gerrard cometido suicídio?"

Peter Lord sentou-se mais ereto. Uma ruga franziu-lhe a testa.

– O senhor não foi muito preciso agora mesmo.

– Eu? *Não fui preciso?*

Poirot soou afrontado.

Peter Lord insistiu de modo inflexível:

– Não. Afirmou que ninguém mais tocou nos sanduíches, exceto por Elinor Carlisle. O senhor não sabe.

– Não havia ninguém mais na casa.

– *Segundo sabemos.* Mas está excluindo um curto período de tempo. *Houve um momento no qual Elinor Carlisle saiu da casa para ir até o Alojamento*. Durante esse período de tempo, os sanduíches ficaram sobre um prato na despensa, e alguém *poderia* ter adulterado um deles.

Poirot inspirou profundamente e concordou:

– Está certo, meu amigo. Admito. *Houve* um período durante o qual alguém poderia ter obtido acesso ao prato de sanduíches. Precisamos tentar formular alguma ideia de *quem poderia ter sido essa pessoa*, ou seja, *que tipo*

de pessoa...

Fez uma pausa.

– Consideremos essa Mary Gerrard. *Alguém*, que não Elinor Carlisle, deseja sua morte. *Por quê?* Alguém ganharia com a morte dela? Ela tinha dinheiro para deixar?

Peter Lord balançou a cabeça.

– Não ainda. Dentro de um mês teria recebido duas mil libras. Elinor Carlisle estava passando-lhe essa quantia por acreditar que a tia assim teria desejado, mas os bens da velha não foram liberados ainda.

Poirot ponderou:

– Então podermos descartar o ângulo do dinheiro. Mary Gerrard era linda, como disse. Com isso sempre vêm complicações. Tinha admiradores?

– É provável. Não sei muito do assunto.

– Quem saberia?

Peter Lord abriu o sorriso.

– Melhor colocá-lo em contato com a enfermeira Hopkins. É o arauto da cidade. Sabe tudo o que acontece em Maidensford.

– Estava prestes a pedir que comentasse suas impressões sobre as duas enfermeiras.

– O'Brien é irlandesa, boa enfermeira, competente, um pouco tola, pode se tornar rancorosa, um pouco mentirosa, mas do tipo imaginativo que não chega a ser traiçoeiro, que faz questão de tornar uma história sempre mais interessante.

Poirot assentiu.

– Hopkins é uma mulher de meia-idade sensata, perspicaz, bastante gentil e competente, porém um pouco interessada demais nos assuntos alheios!

– Se existisse algum problema com algum rapaz do vilarejo, a enfermeira Hopkins saberia a respeito?

– Pode acreditar!

Acrescentou devagar:

– Mesmo assim, não creio que haja nada muito óbvio nessa linha. Mary não estava em casa há muito tempo. Acabara de passar dois anos na Alemanha.

– Tinha 21 anos?

– Tinha.

– Pode haver alguma complicação germânica.

O rosto de Peter Lord se iluminou; e então falou:

– Está falando de algum camarada alemão que pode ter caído por ela? Pode ter seguido a moça até aqui, esperado a hora certa e finalmente atingiu seu objetivo?

– Soa um pouco melodramático – disse Hercule Poirot, hesitante.

– Mas é *possível*?

– Embora não muito provável.

Peter Lord discordou:

– Não concordo. Alguém *poderia* ficar todo empolgado por causa da garota e depois irado quando ela o rejeitou. Pode ter imaginado que o tratou mal. É uma ideia.

– É uma ideia, sim – falou Hercule Poirot, mas seu tom não era animador.

Peter Lord implorou:

– Continue, monsieur Poirot.

– Está querendo, pelo que vejo, que eu faça o papel de mágico. Que tire da cartola vazia um coelho atrás do outro.

– Pode colocar desse modo, se prefere assim.

– Há *outra* possibilidade – disse Hercule Poirot.

– Prossiga.

– *Alguém* subtraiu o tubo de morfina da maleta da enfermeira Hopkins naquela noite em junho. *Suponhamos que Mary Gerrard tenha visto quem fez isso?*

– Teria dito alguma coisa.

– Não, não, *mon cher*. Seja razoável. Se Elinor Carlisle ou Roderick Welman, ou a enfermeira O'Brien, ou mesmo qualquer um dos criados, fosse abrir a valise e subtrair um pequeno vidro, o que qualquer um pensaria? Simplesmente que a pessoa em questão fora enviada pela enfermeira para buscar algo dali. A questão poderia ter sumido das lembranças de Mary Gerrard, mas é possível que, mais tarde, *pudesse* lembrar do fato e mencioná-lo, de maneira casual, para a pessoa em questão... ah, sem suspeitar de absolutamente nada. Porém, para a pessoa culpada do assassinato de sra. Welman, imagine o efeito daquele comentário! Mary havia visto: Mary precisa ser silenciada a qualquer custo! Posso lhe assegurar, meu amigo, que qualquer um que algum dia cometeu um assassinato acha muito mais fácil

cometer o segundo!

Peter Lord falou com o cenho franzido:

– Todo esse tempo eu acreditando que a própria sra. Welman havia tomado o remédio...

– Mas ela estava paralisada... impotente... acabara de ter um segundo derrame.

– Oh, eu sei. Minha ideia era que, tendo conseguido a morfina de um jeito ou de outro, ela a manteve em um receptáculo ao alcance da mão.

– Mas, nesse caso, deve ter conseguido a morfina *antes* do segundo ataque, e a enfermeira só se deu conta da falta depois.

– Hopkins pode ter dado falta da morfina apenas naquele dia de manhã. Pode ter sido *retirada* dali uns dias antes, e ela não percebeu.

– Como a velha poderia ter se apoderado do vidro?

– Não sei. Subornado um criado, quem sabe. Se for isso, esse criado nunca vai falar.

– Não acredita que alguma das enfermeiras fosse subornável?

Lord fez que não.

– De jeito nenhum! Para começo de conversa, as duas são muito rígidas sobre ética profissional e, além disso, ficariam morrendo de medo de fazer algo assim. Saberiam do risco para si mesmas.

Poirot concordou:

– Isso é verdade.

Acrescentou de modo pensativo:

– Parece então que retornamos ao ponto inicial, não é mesmo? Quem é a pessoa mais provável que poderia ter pegado aquele vidro de morfina? *Elinor Carlisle*. Poderíamos dizer que desejava garantir a herança de uma grande fortuna. Podemos ser mais generosos e dizer que foi estimulada pela compaixão, que pegou a morfina e administrou para compactuar com o pedido tantas vezes repetido pela tia, mas *ela* pegou, e *Mary Gerrard a viu fazendo isso*. E assim voltamos aos sanduíches e à casa vazia, e temos Elinor Carlisle, mais uma vez, porém agora com um motivo diferente: para salvar sua pele.

Peter Lord exclamou:

– Isso é fantasia. Estou lhe dizendo. Não é desse tipo de pessoa! O dinheiro não quer dizer muita coisa para ela... nem para Roderick Welman, sou forçado a admitir. Já escutei os dois falando isso!

– Escutou? Isso é muito interessante. É o tipo de declaração que eu mesmo sempre recebo com uma boa dose de desconfiança.

Peter Lord disse:

– Por favor, Poirot, precisa sempre distorcer tudo para voltar direto para aquela menina?

– Não sou eu quem está distorcendo as coisas: estão voltando por si só. É como a seta no parque de diversões. Dá voltas e voltas e, quando para, aponta sempre para o mesmo nome: *Elinor Carlisle*.

Peter Lord disse:

– Não!

Hercule Poirot balançou a cabeça com tristeza.

Então perguntou:

– Tem algum parente, essa Elinor Carlisle? Irmãs, primos? Pai ou mãe?

– Não. É órfã... sozinha no mundo...

– Soa tão patético! Bulmer, tenho certeza, vai fazer bom uso disso! Quem, então, vai herdar o dinheiro se ela morrer?

– Não sei. Não pensei nisso.

Poirot disse com ar de reprovação:

– Sempre devemos pensar nessas coisas. Ela fez um testamento, por exemplo?

Peter Lord corou. Falou titubeando:

– Eu... eu não sei.

Hercule Poirot olhou para o teto e uniu as pontas dos dedos:

– Seria bom, sabe, me contar tudo.

– Contar o quê?

– Exatamente o que está passando pela sua cabeça, não importa o quanto possa ser prejudicial a Elinor Carlisle.

– Como é que sabe...?

– Sim, sim, eu sei. Há *algo*, algum incidente na sua cabeça! É melhor me contar; caso contrário, vou imaginar que é algo pior do que de fato é!

– Não é nada, verdade...

– Concordaremos que não é nada. Mas me deixe escutar do que se trata.

Devagar, contra a vontade, Peter Lord permitiu que a história fosse arrancada dele; aquela cena de Elinor debruçada na janela da cabana da enfermeira Hopkins e da gargalhada dela.

Poirot comentou de modo pensativo:

– Ela disse isso: “*Então está fazendo seu testamento, Mary? Que engraçado... isso é muito engraçado*”. E ficou muito claro para o senhor o que estava se passando na cabeça dela... Que estava cogitando, talvez, que *Mary Gerrard não viveria por muito tempo*...

Peter Lord retrucou:

– Foi apenas imaginação. Não sei.

Poirot afirmou:

– Não, não foi apenas imaginação...

CAPÍTULO 3

Hercule Poirot estava sentado na cabana da enfermeira Hopkins.

Dr. Lord o levara até lá, o apresentara e, então, após um sinal de Poirot, o deixara a sós para o tête-à-tête.

Depois de, a princípio, ter avaliado a aparência estrangeira com desconfiança, a enfermeira Hopkins estava agora se derretendo rapidamente.

Falou com deleite um pouco sorumbático:

– Sim, é algo terrível. Uma das coisas mais tenebrosas de que já tive notícia. Mary era uma das moças mais lindas que o senhor já viu. Poderia ter ido parar no cinema quando quisesse! Uma moça boa, séria, e não era metida como poderia ter ficado com toda a atenção que recebeu.

Poirot, inserindo a pergunta com habilidade, inquiriu:

– Refere-se à atenção que recebeu por parte da sra. Welman?

– É disso que estou falando. A velha tinha adoração por ela, uma tremenda adoração.

Hercule Poirot murmurou:

– Surpreendente, quem sabe?

– Depende. Pode ter sido algo bastante natural, de fato. Digo... – a enfermeira Hopkins mordeu o lábio e parecia confusa. – O que quero dizer é que Mary tinha um jeito muito gracioso: a voz doce e modos agradáveis. Sou da opinião que faz bem a uma pessoa idosa ter um rostinho jovem por perto.

Hercule Poirot disse:

– Srta. Carlisle fazia visitas ocasionais, suponho, para ver a tia?

A enfermeira Hopkins respondeu de forma ácida:

– Srta. Carlisle vinha quando lhe era conveniente.

Poirot murmurou:

– Não gosta da srta. Carlisle.

A enfermeira Hopkins bradou:

– É óbvio que não, francamente! Uma envenenadora! Uma envenenadora de sangue-frio!

– Ah – comentou Hercule Poirot –, vejo que sua decisão já foi tomada.

A enfermeira Hopkins perguntou desconfiada:

– Como assim? Minha decisão foi tomada?

– Tem certeza de que foi ela quem ministrou morfina à Mary Gerrard?

– Quem mais poderia ter feito? É o que eu gostaria de saber! Não está sugerindo que fui *eu*?

– Jamais pensei isso. Mas a culpa dela ainda não foi provada, lembre-se.

A enfermeira Hopkins falou com toda a calma e segurança:

– Foi ela, isso é certo. Além de tudo, dava para perceber. Andava esquisita o tempo todo. E me levando lá para cima e me segurando lá... demorando tudo o que podia. E depois, quando me voltei contra ela, ao encontrar Mary daquele jeito, estava estampado no rosto, claro como o dia. Viu que eu sabia!

Hercule Poirot ponderou pensativo:

– É certamente difícil ver quem mais poderia ter feito aquilo. A menos, é claro, que ela mesma o tivesse feito.

– Como assim *ela mesma*? Está dizendo que Mary cometeu suicídio? Nunca escutei tamanha bobagem!

Hercule Poirot disse:

– Nunca se sabe. O coração de uma jovenzinha é algo muito sensível, muito frágil – fez uma pausa. – Teria sido possível, imagino? Que houvesse posto algo no chá sem que a senhora percebesse?

– Posto na xícara, o senhor diz?

– Sim. A senhora não estava observando a moça o tempo todo.

– Não estava observando, não. Sim, suponho que ela *poderia* ter feito isso… Mas é um disparate! Por que faria algo do tipo?

Hercule Poirot balançou a cabeça, recompondo sua postura anterior.

– O coração de uma jovem, como eu disse, é muito sensível. Alguma paixão malsucedida, quem sabe...

A enfermeira Hopkins bufou.

– As meninas não saem por aí se matando por conta de histórias de amor, não a menos que estejam de barriga, e Mary *não* estava, escute bem o que estou dizendo! – olhou para ele fixamente com ar belicoso.

– E não estava apaixonada?

– Ela, não. Era bem descompromissada. Focada no trabalho e aproveitando a vida.

– Mas deve ter tido admiradores, já que era uma moça tão atraente.

A enfermeira Hopkins retrucou:

– Não era desse tipo de moça sexualmente atraente e dada a intimidades.

Era do tipo comportada!

– Mas havia rapazes, sem dúvida, do povoado que a admiravam.

– Havia o Ted Bigland, é óbvio – disse a enfermeira Hopkins.

Poirot extraiu vários detalhes sobre Ted Bigland.

– Muito interessado na Mary, que ele andava – contou a enfermeira Hopkins. – Mas, como falei para ela, estava um nível acima dele.

Poirot perguntou:

– Ele deve ter se zangado quando ela não quis nada com ele.

– Ficou magoado com isso, sim – admitiu a enfermeira Hopkins. – Culpou a *mim* por isso também.

– Achou que era culpa sua?

– Foi o que ele disse. Eu tinha todo o direito de aconselhar a menina. Afinal, conheço um pouco do mundo. Não queria que ela jogasse a vida fora.

Poirot falou com delicadeza:

– O que fez a senhora se interessar tanto pela menina?

– Bem, não sei... – hesitou a enfermeira Hopkins. Ela parecia tímida e um pouco constrangida. – Havia algo... bastante... romântico em Mary.

Poirot murmurou:

– Na *moça*, talvez, mas não nas circunstâncias. Era filha do caseiro, não era?

A enfermeira Hopkins confirmou:

– Sim... sim, claro. Pelo menos...

Hesitou, olhou para Poirot, que a fitava da forma mais compreensiva possível.

– A bem da verdade – disse a enfermeira Hopkins, em uma explosão de confiança – ela não era filha do velho Gerrard. Ele me confidenciou isso. O pai dela era um cavalheiro.

Poirot murmurou:

– Entendo... E a mãe?

A enfermeira Hopkins hesitou, mordeu o lábio e então continuou:

– A mãe fora aia da velha sra. Welman. Casou-se com Gerrard depois de Mary ter nascido.

– Como a senhora disse, um romance e tanto, um romance misterioso.

O rosto da enfermeira Hopkins se iluminou.

– E não foi? Não há como evitar que nos interessemos pelas pessoas quando sabemos algo que ninguém mais sabe sobre elas. Justamente por

acaso, aconteceu de eu descobrir um bocado. Na verdade, foi a enfermeira O'Brien quem me deu a primeira pista, mas esta é outra história. Porém, como diz, é interessante saber de histórias do passado. Há muitas tragédias que passam batido. É um mundo muito triste.

Poirot suspirou e balançou a cabeça.

A enfermeira Hopkins falou com súbito alarme:

– Mas eu não deveria ter saído falando desse jeito. Não deveria ter deixado escapar uma palavra sobre esse assunto! Afinal, não tem nada a ver com o caso. No que diz respeito ao mundo, Mary era filha de Gerrard, e não deve haver nada sugerindo outra coisa. Prejudicá-la aos olhos do mundo depois de ter morrido! Ele casou com a mãe dela, e isso basta.

Poirot murmurou:

– Mas a senhora saberia dizer, talvez, quem era o pai verdadeiro dela?

A enfermeira Hopkins disse relutante:

– Bem, talvez saiba, mas talvez não saiba. É isso, não *sei* de nada. Poderia arriscar um palpite. Os pecados antigos têm sombras compridas, como se diz! Mas não sou de falar e não vou dizer mais nem uma palavra.

Poirot, com todo o tato, desistiu da briga e partiu para o ataque em outro assunto.

– Há outra coisa, uma questão delicada. Mas tenho certeza de que posso contar com sua discrição.

A enfermeira Hopkins conteve-se. Um sorriso largo se abriu em seu rosto desprovido de beleza.

Poirot prosseguiu:

– Falo de sr. Roderick Welman. Ele se sentia, segundo ouvi dizer, atraído por Mary Gerrard.

A enfermeira Hopkins confirmou:

– Ficou encantado por ela!

– Embora na época estivesse noivo de srta. Carlisle?

– Se quer saber minha opinião – comentou a enfermeira Hopkins –, ele nunca foi de fato muito enamorado da srta. Carlisle. Não era o que eu chamaria de *enamorado* por ela.

Poirot perguntou usando um termo antiquado:

– Mary Gerrard... hã... encorajava os avanços dele?

A enfermeira Hopkins respondeu com rispidez:

– Comportou-se muito bem. Ninguém poderia dizer que deu corda para

ele!

Poirot inquiriu:

– Estava apaixonada por ele?

A enfermeira Hopkins foi ríspida:

– Não, não estava.

– Mas gostava?

– Ah, sim, *gostava* bastante dele.

– E, suponho, com o tempo, poderia ter dado em alguma coisa?

A enfermeira Hopkins admitiu tal suposição.

– Isso poderia acontecer. Mas Mary não teria tomado nenhuma atitude apressada. Disse a ele aqui mesmo que não tinha cabimento falar com ela daquele jeito enquanto estava noivo de srta. Elinor. E, quando ele foi visitá-la em Londres, repetiu a mesma coisa.

Poirot perguntou com ar de cativante candidez:

– O que a senhora acha de sr. Roderick Welman?

A enfermeira Hopkins disse:

– É um rapaz bonzinho, mas nervoso. Tem cara de quem poderia se tornar dispéptico mais adiante. Os nervosos quase sempre ficam.

– Ele era bastante afeiçoado à tia?

– Acredito que sim.

– Passava algum tempo sentado junto dela quando estava doente daquele jeito?

– Está falando de quando ela teve o segundo derrame? Na noite antes de ela morrer, quando vieram da cidade? Acredito que nem tenha chegado a entrar no quarto!

– É mesmo?

A enfermeira Hopkins acrescentou rapidamente:

– Ela nem perguntou por ele. E não fazíamos ideia de que o fim estava tão próximo. Há muitos homens assim, sabe: acovardados diante de um quarto de doente. Não conseguem evitar. E não é falta de coração. Apenas não querem mexer com seus sentimentos.

Poirot assentiu compreensivo:

– Tem *certeza* de que sr. Welman não entrou no quarto da tia antes de ela falecer?

– Bem, não enquanto *eu* estava de plantão! A enfermeira O’Brien me rendeu às três da manhã, e ela pode ter ido buscá-lo antes do fim; porém, se o

fez, ao menos não comentou nada comigo.

Poirot sugeriu:

– Ele poderia ter entrado no quarto quando a senhora estava ausente?

A enfermeira Hopkins estourou:

– Não deixo meus pacientes desassistidos, sr. Poirot.

– Mil desculpas. Não foi o que quis dizer. Pensei, talvez, que poderia ter precisado ferver uma água, ou descer correndo para buscar algum estimulante necessário.

Mais calma, a enfermeira Hopkins comentou:

– De fato, desci para trocar as garrafas e pedir que as enchessem de novo. Sabia que haveria alguma chaleira no fogo na cozinha.

– Ficou muito tempo longe do quarto?

– Cinco minutos talvez.

– Ah, sim, então sr. Welman *pode* ter dado uma espiada no quarto nesse momento?

– Deve ter sido muito rápido se o fez.

Poirot suspirou:

– Como a senhora disse, os homens se acovardam diante da doença. As mulheres é que são os anjos cuidadores. O que seria de nós sem elas? Em especial as mulheres da sua profissão, uma vocação verdadeiramente nobre.

A enfermeira Hopkins, com leve rubor na face, disse:

– É muita gentileza sua dizer isso. Eu mesma nunca havia pensado assim. Tanto trabalho pesado na enfermagem impede que nos lembremos da nobreza da profissão.

Poirot perguntou:

– E não há mais nada que possa me contar sobre Mary Gerrard?

Houve uma pausa apreciável antes de a enfermeira Hopkins responder:

– Não sei de nada.

– A senhora tem certeza?

A enfermeira Hopkins disse de forma um tanto incoerente:

– Não está entendendo. Eu sentia *afeição* por Mary.

– E não há mais nada que possa me contar?

– Não, não há! Agora chega.

CAPÍTULO 4

Na assombrosa majestade da presença totalmente de preto da sra. Bishop, Hercule Poirot sentava-se em humilde insignificância.

O degelo da sra. Bishop não foi tarefa fácil. Pois a sra. Bishop, uma dama de hábitos e visão conservadores, desaprovava fortemente os estrangeiros. E um estrangeiro, sem a menor sombra de dúvida, Hercule Poirot era. Dava respostas gélidas e o observava com desfavor e desconfiança.

A introdução que dr. Lord fez ao apresentá-lo ajudou muito pouco a amenizar a situação.

– Tenho certeza – declarou a sra. Bishop quando o doutor saíra – de que o dr. Lord é um médico muito inteligente e tem boas intenções. Dr. Ransome, seu predecessor, estava aqui há *muitos* anos!

Ou seja, confiavam que dr. Ransome se comportaria da maneira adequada ao condado. O dr. Lord, um jovenzinho meramente irresponsável, um arrivista que tomara o lugar do dr. Ransome, recebera apenas um elogio em sua profissão: "inteligência".

E inteligência, como tudo na postura da sra. Bishop parecia declarar, não era o suficiente!

Hercule Poirot era persuasivo. Ele era astuto. Porém, mesmo com todo o seu charme, a sra. Bishop permanecia distante e implacável.

A morte da sra. Welman foi muito triste. Sempre fora muito respeitada nas redondezas. A prisão de sra. Carlisle foi: "Uma desgraça!", e acreditava que fosse resultado de "um desses métodos modernos e desnecessários da polícia". As opiniões de sra. Bishop a respeito da morte de Mary Gerrard eram vagas ao extremo. "Não posso dizer que tenho certeza", foi o máximo que conseguiu arrancar dela.

Hercule Poirot lançou sua última cartada. Relatou com orgulho inocente uma visita recente que fizera a Sandringham. Falou com admiração sobre a amabilidade e a deliciosa simplicidade e gentileza da família real.

Sra. Bishop, que acompanhava diariamente através da circular da corte todos os movimentos da realeza, fora subjugada. Afinal de contas, se Eles mandaram chamar sr. Poirot... Bem, naturalmente, aquilo fazia toda a

diferença. Estrangeiro ou não, quem era ela, Emma Bishop, para se esquivar quando a Realeza dera o primeiro passo?

Em seguida, ela e monsieur Poirot estavam engajados em uma conversa agradável sobre um tema muito interessante: nada mais nada menos do que a escolha disponível de futuros maridos adequados para a Princesa Elizabeth.

Tendo por fim exaurido todos os candidatos possíveis como "não sendo bons o suficiente", a conversa foi revertida para círculos menos enaltecidos.

Poirot observou sentencioso:

– O casamento, lamentavelmente, é cheio de perigos e ciladas!

A sra. Bishop concordou:

– Sim, de fato, com esse sórdido divórcio – como se estivesse se referindo a alguma doença contagiosa como a catapora.

– Imagino – disse Poirot – que sra. Welman, antes de morrer, estivesse ansiosa por ver a sobrinha devidamente acertada na vida?

A sra. Bishop baixou a cabeça.

– Sim, de fato. O noivado entre srta. Elinor e sr. Roderick foi um grande alívio para ela. Era algo por que ela sempre esperou.

Poirot arriscou:

– O noivado foi quem sabe estabelecido parcialmente com o desejo de agradá-la?

– Oh, não, não diria *isso*, sr. Poirot. Srta. Elinor sempre foi devotada ao sr. Roddy; sempre foi, desde bem pequena, era lindo de se ver. Srta. Elinor tem uma natureza muito leal e dedicada!

Poirot murmurou:

– E ele?

A sra. Bishop respondeu austeramente:

– O sr. Roderick era devotado à srta. Elinor.

Poirot disse:

– No entanto, o noivado, creio, foi desfeito?

O rubor subiu pelas faces da sra. Bishop:

– Devido, sr. Poirot, às maquinações de uma cobra escondida na grama.

Poirot aparentava estar devidamente impressionado:

– É mesmo?

A sra. Bishop, com o rosto cada vez mais vermelho, explicou:

– Neste país, sr. Poirot, há uma certa decência que deve ser observada quando falamos dos mortos. Mas aquela jovem, sr. Poirot, fazia tudo por

baixo dos panos.

Poirot observou-a pensativo por um momento.

Então disse com aparente falta de malícia:

– A senhora me surpreende. Passaram a mim a impressão de que era uma moça muito simples e desinteressada.

O queixo da sra. Bishop tremeu um pouco.

– Era ardilosa, sr. Poirot. As pessoas ficavam encantadas com ela. Aquela enfermeira Hopkins, por exemplo! Sim, e a minha pobre patroa também!

Poirot balançou a cabeça, de modo compreensivo, e fez um som de estalidos com a língua.

– Sim, de fato – continuou a sra. Bishop, estimulada por aqueles ruídos encorajadores. – Estava fraca, a pobrezinha, e aquela jovem foi se infiltrando e ganhando a confiança dela. *Ela* sabia de que lado soprava o vento. Sempre pairando ali em volta, lendo para ela, trazendo ramalhetes de flores. Era um tal de Mary para cá e Mary para lá, e "Onde está Mary?" o tempo todo! O dinheiro que gastou com a menina também! Escolas caras e estudos complementares no estrangeiro, e a garota não passava da filha do velho Gerrard! *Ele* não gostava daquilo, vou lhe dizer! Costumava reclamar de seu jeito de moça fina. Metida a besta, era *isso* que ela era!

Dessa vez, Poirot balançou a cabeça e falou, comiserando-se:

– Que coisa, que coisa.

– E depois adulando o sr. Roddy do jeito como ela fez! Ele era simples demais para enxergar as intenções dela. E srta. Elinor, uma jovem senhora de cabeça boa como ela, é claro, não perceberia o que estava se passando. Mas os homens são todos iguais: são presas fáceis para elogios e um rostinho bonito!

Poirot suspirou.

– Ela tinha, suponho, admiradores de sua própria classe social? – perguntou.

– É claro que tinha. Havia o filho de Rufus Bigland, Ted; rapaz melhor não há. Mas, oh, não, a fina dama se achava boa demais para *ele*! Eu não teria paciência com tanta afetação!

Poirot perguntou:

– Ele não ficou bravo com o modo como ela o tratou?

– Sim, ficou. Acusou-a de estar tendo um caso com sr. Roddy. Isso eu

sei de *primeira mão*. Não culpo o menino por ter ficado magoado!

– Nem eu – concordou Poirot. – A senhora é extremamente interessante, sra. Bishop. Algumas pessoas têm o talento de descrever um personagem com muita clareza e vigor com poucas palavras. É um grande dom. Finalmente tenho uma imagem clara de Mary Gerrard.

– Preste atenção – disse a sra. Bishop –, não estou dizendo nenhuma palavra *contra* a menina! Não faria uma coisa dessas com ela na sepultura. Mas não há dúvida de que causou uma série de problemas!

Poirot murmurou:

– Onde isso iria terminar, fico me perguntando?

– É o que *eu* digo! – exclamou a sra. Bishop. – Tem a minha palavra, sr. Poirot, de que, se minha querida patroa não tivesse morrido quando morreu, por maior que fosse o choque naquele momento, agora vejo que foi a misericórdia disfarçada, não sei o que teria acontecido no final!

Poirot estimulou, incitando-a:

– Quer dizer?

A sra. Bishop disse com ar solene:

– Já vi isso acontecer repetidas vezes. Minha própria irmã estava trabalhando onde isso aconteceu. Certa vez, quando o velho coronel Randolph morreu e deixou cada centavo da pobre esposa para uma atrevida que morava em Eastbourne; e, outra vez, a velha sra. Dacres deixou tudo para o organista da igreja, um daqueles rapazes de cabelos compridos, e ela tinha filhos e filhas casados.

Poirot sugeriu:

– Quer dizer, pelo que entendo, que sra. Welman poderia ter deixado todo o dinheiro para Mary Gerrard?

– Não teria ficado nem um pouco surpresa! – declarou a sra. Bishop. – Era isso que a mocinha estava tramando, não tenho dúvidas. E, se eu me atrevesse a dizer uma palavra, sra. Welman estava pronta para cortar a minha cabeça, embora eu já trabalhasse com ela por quase vinte anos. É um mundo ingrato, sr. Poirot. Tentamos cumprir com nossas obrigações e não somos apreciados.

– Ai, ai – suspirou Poirot –, verdade seja dita!

– Mas a maldade nem sempre floresce – disse a sra. Bishop.

Poirot disse:

– Verdade. Mary Gerrard está morta...

A sra. Bishop declarou de maneira muito confortável:

– Foi ao encontro do acerto final, e não devemos julgá-la.

Poirot devaneou:

– As circunstâncias da morte dela parecem bastante inexplicáveis.

– Essa polícia e suas ideias modernas – disse a sra. Bishop. – Qual a probabilidade de uma jovem dama de berço, bem-criada, como a srta. Elinor, sair por aí envenenando alguém? Tentando me implicar nisso também, alegando que eu teria dito que o jeito dela andava estranho!

– E não estava estranho?

– E por que não estaria? – o busto da sra. Bishop arqueou-se com um lampejo reativo. – A srta. Elinor é uma jovem dama que tem sentimentos. Estava indo remexer as coisas da tia, e isso sempre é uma tarefa dolorosa.

Poirot assentiu de modo compreensivo:

– Teria sido mais fácil para ela se a senhora a houvesse acompanhado.

– Eu quis, sr. Poirot, mas ela recusou de maneira bastante brusca. Ah, bem, a srta. Elinor sempre fora muito orgulhosa e reservada. Entretanto, queria que *tivesse* ido com ela.

Poirot murmurou:

– Não pensou em segui-la até a casa?

A sra. Bishop elevou o pescoço majestosamente.

– Não vou onde não sou benquista, sr. Poirot.

Poirot ficou desconcertado. Murmurou:

– Além disso, a senhora sem dúvida tinha assuntos de importância para atender naquela manhã?

– Era um dia muito quente, lembro bem. Muito mormacento – suspirou. – Caminhei até o cemitério para deixar umas flores no túmulo de sra. Welman, uma demonstração de respeito, e precisei descansar lá por um bom tempo. Fui derrotada pelo calor, admito. Cheguei em casa tarde para almoçar, e minha irmã estava bastante irritada quando viu o estado de calor no qual me encontrava! Disse que nunca deveria ter feito isso num dia daqueles.

Poirot olhou para ela com admiração:

– Invejo a senhora, sra. Bishop. É agradável de fato não ter nada com que se recriminar depois de um falecimento. Sr. Roderick Welman, imagino, deve se culpar por não ter ido ver a tia naquela noite, embora naturalmente não pudesse imaginar que viria a falecer tão cedo.

– Ah, mas o senhor está bastante enganado, sr. Poirot. Posso lhe garantir

isso de fato. Sr. Roddy *entrou* no quarto da tia. Eu estava logo ali do lado de fora, no patamar da escada. Ouvi a enfermeira descendo as escadas e pensei que talvez devesse me certificar de que minha patroa não precisava de nada, pois o senhor sabe como são as enfermeiras: sempre ficam no andar de baixo fofocando com as empregadas, ou então as matando de preocupação pedindo mil coisas. Não que a enfermeira Hopkins fosse tão ruim quanto a enfermeira ruiva irlandesa. Sempre conversando e criando problemas, *aquela*! Mas, como digo, pensei em ver se estava tudo certo e foi então que vi o sr. Roddy se infiltrando no quarto da tia. Não sei se ela o reconheceu ou não. Mas, enfim, ele não tem nada com que se *recriminar*!

Poirot disse:

– Fico feliz. Ele tem um temperamento um tanto nervoso.

– Apenas um pouco irritadiço. Sempre foi.

Poirot falou:

– Sra. Bishop, a senhora é evidentemente uma mulher de grande entendimento. Adquiri um grande respeito pelo seu julgamento. Qual pensa ser a verdade sobre a morte de Mary Gerrard?

A sra. Bishop resfolegou.

– Bastante evidente, eu acho! Um daqueles potes de patê do Abbot's. Ele guarda aquilo nas prateleiras por meses! Minha prima em segundo grau ficou doente e quase morreu uma vez com caranguejo enlatado!

Poirot contestou:

– Mas e a morfina que foi encontrada no corpo?

Sra. Bishop declarou com solenidade:

– Não sei de morfina nenhuma! Conheço bem os *médicos*: diga para procurarem por algo e vão encontrar! Patê de peixe estragado não é *bom* o suficiente para *eles*!

Poirot indagou:

– Acha que seria possível que ela tivesse cometido suicídio?

– Ela? – a sra. Bishop bufou. – De fato não. Não havia se decidido a casar com sr. Roddy? Quero ver *aquela* cometendo suicídio!

CAPÍTULO 5

I

Como era domingo, Hercule Poirot encontrou Ted Bigland na fazenda do pai.

Não foi muito difícil fazê-lo falar. Parecia acolher bem a oportunidade, como se fosse um alívio.

Disse pensativamente:

– Então está tentando descobrir quem matou Mary? É um mistério sórdido isso tudo.

Poirot indagou:

– Não acredita então que srta. Carlisle a tenha matado?

Ted Bigland franziu a testa com uma expressão perplexa, quase infantil:

– Srta. Elinor é uma dama. É do tipo que não se pode imaginar fazendo uma coisa assim, qualquer coisa *violenta*, se sabe o que quero dizer. Afinal, não é muito provável, senhor, uma boa moça acabar fazendo uma coisa desse tipo.

Hercule Poirot assentiu de maneira contemplativa:

– Não, não é muito provável... Mas quando envolve ciúme...

Fez uma pausa, observando o belo gigante loiro à sua frente.

Ted Bigland perguntou:

– Ciúme? Sei que as coisas acontecem desse jeito, mas em geral é a bebida e a irritação que fazem o camarada enxergar vermelho e ficar doido. Srta. Elinor, uma dama simpática e calma como ela...

Poirot insistiu:

– *Mas Mary Gerrard morreu*... e não morreu de morte natural. Faz alguma ideia, há qualquer coisa que possa me contar que possa me ajudar a descobrir quem matou Mary Gerrard?

Devagar o outro balançou a cabeça:

Disse:

– Não parece direito. Nem parece *possível*, se é que me entende, que alguém pudesse matar Mary. Ela era... era como uma flor.

E de repente, por um vívido instante, Hercule Poirot formou um novo

conceito da garota morta... Naquela voz rústica, hesitante, a garota Mary vivia e desabrochava de novo: “*Ela era como uma flor*”.

II

De repente veio uma sensação aguda de perda, de algo valioso que fora destruído...

Em sua cabeça, uma frase surgia atrás da outra. Peter Lord dizendo: “*Ela era uma boa menina*”. A enfermeira Hopkins declarando: “*Podia ter ido fazer cinema quando quisesse*”. A sra. Bishop e seu comentário peçonhento: “*Não tenho paciência para aquela afetação*”. E então, por fim, humilhando e sobrepujando todas as outras opiniões, a reflexão acanhada: “*Ela era como uma flor*”.

Hercule Poirot indagou:

– Mas, então...?

Esparramou os braços em um gesto estrangeiro amplo e apelativo.

Ted Bigland assentiu com a cabeça. Os olhos ainda continham a expressão apatetada e vidrada de um animal sofrendo de dor:

– Sei, senhor. Sei que o que diz é verdade. Não morreu de morte natural. Mas andei pensando...

Fez uma pausa.

Poirot incitou:

– Andou pensando em quê?

Ted Bigland falou devagar:

– Andei pensando se de certa forma não poderia ter sido um *acidente*...

– Um acidente? Mas que tipo de acidente?

– Eu sei, senhor. Sei. Não parece fazer sentido. Mas fico pensando e pensando, e me parece que deve ter sido assim. Algo que não era para ter acontecido ou algo que foi um grande engano. Apenas... bem, apenas um *acidente*!

Olhou suplicante para Poirot, constrangido por sua falta de eloquência.

Poirot ficou em silêncio por alguns momentos. Parecia estar considerando. Enfim disse:

– É interessante que se sinta assim.

Ted Bigland falou em tom depreciativo:

– Arrisco dizer que não faz sentido para o senhor. Não consigo descobrir *como* ou *por quê*. É só uma *sensação* que eu tenho.

Hercule Poirot completou:

– As sensações por vezes são um guia importante... Vai me desculpar, espero, se aparento estar pisando em um território doloroso, mas gostava muito de Mary Gerrard, não é mesmo?

Uma cor mais escura subiu no rosto bronzeado.

Ted disse apenas:

– Todo mundo sabe disso por aqui, eu acho.

– Queria se casar com ela?

– Queria.

– Mas ela... não estava disposta?

O rosto de Ted ganhou um ar um pouco sombrio. Continuou, com uma pitada de raiva reprimida:

– A intenção é boa, das pessoas, mas não deviam enlamear a vida dos outros interferindo. Toda aquela educação e as viagens pro estrangeiro! Aquilo mudou a Mary. Não estou dizendo que ficou mimada, ou que ficou convencida, não ficou. Mas... ora, deixou ela desorientada! Não sabia mais onde estava. Era... bem, era demais para *mim*, mas ainda não chegava ao nível de um cavalheiro de verdade como o sr. Welman.

Hercule Poirot perguntou, observando o rapaz:

– Não gosta do sr. Welman?

Ted Bigland respondeu com uma violência direta:

– E por que diabos deveria? O sr. Welman não tem nada de mais. Não tenho nada contra ele. Não diria que é muito *homem*! Poderia pegar e partir ele em dois. Tem cérebro, suponho... Mas isso não ajuda muito se seu carro quebrar, por exemplo. Pode entender o princípio que faz o carro rodar, mas isso não impede que se porte como um bebê desamparado quando tudo o que precisa fazer é trocar uma vela.

Poirot ponderou:

– É claro, você trabalha em uma mecânica?

Ted Bigland assentiu.

– No Henderson, mais adiante aqui na rua.

– Estava lá na manhã em que... tudo aconteceu?

– Sim, testando o carro de um cavalheiro. Estava engasgando em algum

lugar, e eu não conseguia achar o problema. Andei com ele por aí um tanto. É esquisito lembrar disso agora. Estava um dia lindo, ainda havia algumas madressilvas nas sebes... Mary gostava de madressilvas. Costumávamos sair para colher juntos as flores, antes que fosse estudar no exterior...

Mais uma vez lá estava aquela expressão infantil pasma de perplexidade no rosto dele.

Hercule Poirot ficou em silêncio.

Com um susto, Ted Bigland saiu do transe:

– Desculpe, senhor, esqueça o que eu disse sobre o sr. Welman. Estava chateado... porque ele ficava cercando Mary. Deveria ter deixado ela em paz. Não fazia o tipo dele... não de verdade.

Poirot perguntou:

– Acha que ela gostava dele?

De novo Ted Bigland franziu a testa.

– Acho que não, não de verdade. Mas pode ser que tenha gostado. Não sei dizer.

Poirot indagou:

– Havia algum outro homem na vida de Mary? Alguém, por exemplo, que tenha conhecido no exterior?

– Não sei dizer, senhor. Nunca mencionou ninguém.

– Algum inimigo aqui em Maidensford?

– Diz alguém que desejasse o mal dela? – balançou a cabeça negativamente. – Ninguém a conhecia muito bem. Mas todos gostavam dela.

Poirot sugeriu:

– A sra. Bishop, a governanta de Hunterbury, gostava dela?

Ted deu um sorrisinho súbito. Declarou:

– Ah, aquilo era só despeito! A dama velha não gostava que a sra. Welman sentisse tanta afeição por Mary.

Poirot perguntou:

– Mary Gerrard estava feliz quando estava aqui? Ela gostava da velha sra. Welman?

– Teria ficado bem feliz, eu diria, se a enfermeira a tivesse deixado em paz. A enfermeira Hopkins, digo. Ficava botando ideias na cabeça dela de ganhar a vida e ir embora para fazer massagem.

– Ela, contudo, tinha afeição por Mary?

– Ah, sim, tinha *afeição* demais por ela, mas é do tipo que sempre sabe o

que é melhor para todo mundo!

Poirot falou devagar:

– Suponhamos que a enfermeira Hopkins saiba de alguma coisa... algo, digamos, que fosse causar demérito a Mary... acha que ela guardaria para si?

Ted Bigland olhou para ele com curiosidade.

– Não estou entendendo direito.

– Acha que, se a enfermeira Hopkins soubesse de algo contra Mary Gerrard, ela seguraria a língua?

Ted Bigland ponderou:

– Duvido que aquela mulher consiga segurar a língua a respeito de qualquer coisa! É a maior fofoqueira do povoado. Mas, se fosse morder a língua por *alguém*, seria provavelmente por Mary. – E acrescentou sem conseguir conter a curiosidade: – Gostaria de saber *por que* o senhor está perguntando isso.

Hercule Poirot respondeu:

– Falando com as pessoas, ficamos com certas impressões. A enfermeira Hopkins foi, de forma geral, perfeitamente franca e direta, mas fiquei com a impressão, muito forte, de que estava segurando *alguma informação*. Não que seja necessariamente algo *importante*. Pode não ter relação alguma com o crime. *Mas há alguma coisa que sabe e não contou*. Também fiquei com a impressão de que esta coisa, o que quer que seja, seria algo, sem dúvida, prejudicial em detrimento do caráter de Mary Gerrard...

Ted balançou a cabeça, parecendo perdido.

Hercule Poirot suspirou:

– Ah, bem. Saberei o que é com o tempo.

CAPÍTULO 6

Poirot observou com interesse o rosto longo e sensível de Roderick Welman.

Os nervos de Roddy estavam em uma condição lastimável. Suas mãos se contraíam, os olhos pareciam injetados, a voz estava rouca e irritável.

Disse, baixando os olhos para o cartão:

– É claro, conheço seu nome, monsieur Poirot. Mas não entendo o que dr. Lord acha que o senhor pode ajudar nesta questão! E, de qualquer maneira, o que *ele* tem a ver com isso? Atendia minha tia, mas, fora isso, é um completo estranho. Elinor e eu nem sequer o conhecíamos até fazermos nossa visita em junho. Com certeza, seria da alçada de Seddon cuidar desse tipo de coisa.

Hercule Poirot concordou:

– Tecnicamente, está certo.

Roddy continuou em tom desgostoso:

– Não que Seddon me passe muita confiança. É tragicamente sombrio.

– É um hábito, esse, dos advogados.

– Mesmo assim – disse Roddy, alegrando-se um pouco –, já passamos o caso para Bulmer. Ele supostamente é um dos melhores do ramo, não é?

Hercule Poirot concordou:

– Tem uma reputação de defender causas perdidas.

Roddy ficou visivelmente estremecido.

Poirot disse:

– Não lhe desagrada, espero, que me esforce para assistir a srta. Elinor Carlisle?

– Não, não, claro que não. Mas...

– Mas que posso eu fazer? É isso que deseja perguntar?

Um rápido sorriso cintilou no rosto preocupado de Roddy; um sorriso subitamente encantador, que fez Hercule Poirot entender o charme sutil do homem.

Roddy disse, desculpando-se:

– Soa um pouco rude, colocando desse modo. Mas, de fato, a questão é *essa*. Não vou fazer rodeios. No *que* pode ajudar, monsieur Poirot?

Poirot respondeu:

– Posso buscar a verdade.

– Sim – Roddy soou um pouco descrente.

Poirot acrescentou:

– Posso descobrir fatos que poderiam ajudar a acusada.

Roddy suspirou.

– Ah, se o senhor conseguisse!

Hercule Poirot continuou:

– É meu desejo sincero prestar auxílio. Pode me ajudar contando exatamente o que pensa da função toda?

Roddy levantou-se e caminhou sem parar de um lado para o outro.

– O que posso dizer? A coisa toda é tão absurda... tão fantástica! A simples ideia que Elinor... Elinor, a quem conheço desde criança... de fato fazendo algo tão melodramático quanto envenenar alguém. É bem risível, evidente! Mas como é que se pode explicar isso para um júri?

Poirot disse de modo impassível:

– Considera impossível que srta. Carlisle tenha feito uma coisa assim?

– Ah, sim! Nem precisa dizer! Elinor é uma criatura primorosa, de uma serenidade linda e equilibrada, não há violência em sua natureza. É intelectual, sensível e inteiramente isenta de paixões animalescas. Mas ponha doze idiotas cabeçudos na bancada do júri e sabe Deus no que vão acabar acreditando! Afinal, sejamos razoáveis: não estão lá para julgar o caráter; estão lá para peneirar provas. Fatos, fatos, *fatos*. E os fatos são infelizes!

Hercule Poirot assentiu, pensativo:

– O senhor é um homem, sr. Welman, de sensibilidade e inteligência. Os fatos condenam a srta. Carlisle. O que conhece dela a absolve. *O que, então, de fato aconteceu?* O que *pode* ter acontecido?

Roddy abriu os braços, exasperado.

– Esse é o diabo nessa história toda! Suponho que não possa ter sido a enfermeira?

– Ela nunca esteve perto dos sanduíches. Conduzi o inquérito em todos os pormenores, e não pode ter envenenado o chá sem ao mesmo tempo ter envenenado a si mesma. Procurei me certificar desse dado. Além disso, *por que* ela desejaria matar Mary Gerrard?

Roddy exclamou:

– Por que *qualquer pessoa* desejaria matar Mary Gerrard?

– Essa – disse Poirot – parece ser a pergunta irrespondível neste caso. *Ninguém* queria matar Mary Gerrard. – Ele acrescentou mentalmente: "*Exceto Elinor Carlisle*". – Portanto, o próximo passo lógico seria: Mary Gerrard não foi assassinada! Porém isso, lamento, não funciona assim. Ela *foi* assassinada!

Acrescentou com um leve toque melodramático:

"Mas ela na sepultura, e oh,

Tudo muda para mim!"

– O senhor me desculpe – disse Roddy.

Hercule Poirot explicou:

– Wordsworth. Leio muito esse poeta. Essas linhas expressam, quem sabe, o que o senhor está sentindo?

– Eu?

Roddy pareceu rígido e inacessível.

Poirot disse:

– Eu lhe peço desculpas, me desculpo profundamente! É tão difícil ser um detetive e também um *pukka sahib*. [1] Como é tão bem expresso na sua língua, há certas coisas que não devemos dizer. Mas, infelizmente, um detetive é forçado a dizê-las! Precisa perguntar sobre os assuntos pessoais dos outros, sobre os sentimentos!

Roddy disse:

– Com certeza, isso é bastante desnecessário?

Poirot foi rápido e humilde ao insistir:

– Se me permite apenas compreender a situação? Então deixaremos para trás o assunto desagradável e não mais o mencionaremos. É de conhecimento bastante geral, sr. Welman, que o senhor... admirava Mary Gerrard. Isso é, creio, verdade?

Roddy levantou-se e parou na janela. Brincou com o puxador da cortina, dizendo:

– Sim.

– Apaixonou-se por ela?

– Suponho que sim.

– Ah, e o senhor agora está inconsolável com a morte dela...

– Eu... suponho... digo, bem, de fato, monsieur Poirot...

Transformou-se em uma criatura sensível, nervosa e irritada sendo acossada.

Hercule Poirot insistiu:

– Se pudesse apenas me contar... demonstrar com clareza, então podemos acabar com o assunto.

Roddy Welman sentou-se na cadeira. Não olhou para o outro. Falou com uma sequência de trancos.

– É muito difícil de explicar. Precisamos entrar no assunto?

Poirot considerou:

– Não podemos sempre dar as costas e desviar dos incômodos da vida, sr. Welman! Diz que *supõe* ter gostado da menina. Então agora não tem mais certeza?

Roddy tentou explicar:

– Não sei... Era tão encantadora. Como um sonho... É o que me parece agora. Um sonho! Não foi real! Tudo aquilo... a primeira vez que a vi... a minha... bem, paixão avassaladora por ela! Uma espécie de loucura! E agora está tudo acabado... terminou... como se, como se nunca tivesse acontecido.

Poirot assentiu com a cabeça:

– Sim, compreendo...

Acrescentou:

– O senhor não estava na Inglaterra na época da morte?

– Não, fui para o exterior no dia nove de julho e retornei em primeiro de agosto. O telegrama de Elinor me seguiu de um lugar para o outro. Voltei correndo para casa assim que recebi a notícia.

Poirot ponderou:

– Deve ter sido um grande choque para o senhor. Estava gostando demais da moça.

Roddy disse, havendo amargura e exasperação em sua voz:

– Por que coisas assim acontecem com as pessoas? Não é como se a gente *desejasse* que acontecessem! É contrário a tudo... a toda e qualquer expectativa ordenada da vida!

Hercule Poirot comentou:

– Ah, mas a vida é assim! Não permite que se arranje e organize como quisermos. Não permite que se fuja às emoções, que se viva pelo intelecto e pela razão! Não se pode dizer: “Vou sentir este tanto e nem um pouco a mais”. A vida, sr. Welman, seja lá o que for, não é *razoável*!

Roderick Welman murmurou:

– É o que parece...

Poirot ponderou:

– Uma manhã de primavera, o rosto de uma moça... e toda a sequência bem-ordenada da existência sofre um desvio.

Roddy retraiu-se, e Poirot continuou:

– Às vezes não passa muito disso... um *rosto*. O que de fato sabia sobre Mary Gerrard, sr. Welman?

Roddy falou com pesar:

– O que sabia? Tão pouco; agora vejo. Era doce, eu acho, e delicada, mas de fato, não sei nada... nada mesmo... É por isso, suponho, que não sinto falta dela...

Seu antagonismo e seu ressentimento se esvaíram. Falou com naturalidade e simplicidade. Hercule Poirot, como tinha talento em fazer, havia penetrado as defesas do outro. Roddy parecia sentir certo alívio em poder desabafar:

– Doce... delicada... não muito inteligente. Sensível, acho eu, e gentil. Tinha um refinamento que não se espera encontrar em uma garota de sua classe.

– Era do tipo que faria inimigos sem perceber?

Roddy meneou a cabeça com vigor.

– Não, não, não consigo imaginar ninguém a detestando... realmente detestando, digo. Despeito é diferente.

Poirot apressou-se:

– Despeito? Então havia despeito, acha?

Roddy respondeu com desatenção:

– Deve ter havido... para ter levado àquela carta.

Poirot interveio:

– Que carta?

Roddy corou e pareceu incomodado:

– Ah, nada importante.

Poirot repetiu:

– Que carta?

– Uma carta anônima.

Foi relutante.

– Quando chegou? Para quem foi escrita?

Muito a contragosto, Roddy explicou.

Hercule Poirot murmurou:

– Isso é interessante. Posso ver essa carta?

– Receio que não. Para falar a verdade, eu a queimei.

– Ora, por que faria isso, sr. Welman?

Roddy falou com certa rigidez:

– Parecia a atitude mais natural na hora.

Poirot indagou:

– E, como resultado dessa carta, o senhor e srta. Carlisle foram correndo para Hunterbury?

– Fomos para lá, sim. Não diria que foi *correndo*.

– Mas estavam um pouco apreensivos, não estavam? Quem sabe até um pouco alarmados?

Roddy respondeu ainda mais rigidamente:

– Não vou admitir isso.

Hercule Poirot exclamou:

– Mas com certeza isso é apenas natural! Sua herança, aquilo que lhes fora prometido, estava em perigo! É certo que é natural que ficassem inquietos sobre o assunto! O dinheiro é algo muito importante!

– Não tão importante quanto está dizendo.

Poirot disse:

– Tal desapego é de fato impressionante!

Roddy corou:

– Oh, é claro, o dinheiro *era* importante para nós. Não estávamos completamente indiferentes ao assunto. Mas nosso principal objetivo foi de... de ver minha tia e nos certificarmos de que ela estava bem.

Poirot disse:

– Foi até lá com a srta. Carlisle. Naquele momento, sua tia não havia feito um testamento. Logo em seguida, teve outro ataque de sua doença. Então, desejou deixar um testamento, mas, o que talvez tenha sido muito conveniente para srta. Carlisle, morreu na mesma noite antes que o testamento pudesse ser redigido.

– Olhe aqui, o que está sugerindo?

A expressão de Roddy era de ira.

Poirot respondeu como um raio:

– O senhor me contou, sr. Welman, com relação à morte de Mary

Gerrard, que o motivo atribuído a Elinor Carlisle era absurdo, que ela não era, e o senhor foi enfático, desse tipo. Mas há agora outra interpretação. Elinor Carlisle tinha motivo para temer que fosse deserdada para favorecer uma intrusa. A carta a havia prevenido... os murmúrios entrecortados da tia confirmaram o temor. No corredor logo abaixo estava a valise com vários medicamentos e material médico. É fácil suprimir um vidro de morfina. E depois, segundo fiquei sabendo, *ela se senta com a doente, a sós com a tia, enquanto o senhor e as enfermeiras jantavam*...

Roddy bradou:

– Deus meu, monsieur Poirot, o que está sugerindo agora? Que Elinor matou tia Laura? Que ideia mais ridícula!

Poirot indagou:

– Mas sabe que foi feito um pedido de exumação do corpo de sra. Welman, não sabe?

– Sim, sei. Mas não vão encontrar nada!

– Supondo que encontrem?

– Não vão! – Roddy foi assertivo.

– Não tenho tanta certeza. E havia apenas *uma* pessoa, o senhor percebe, que seria beneficiada com a morte da sra. Welman naquele momento...

Roddy sentou-se. Tinha o rosto pálido e tremia um pouco. Encarou Poirot. Então falou:

– Pensei... que estava do lado *dela*...

Hercule Poirot disse:

– Não importa o lado em que se esteja, é preciso encarar os *fatos*! Acho, sr. Welman, que até aqui tem preferido evitar encarar qualquer verdade incômoda sempre que possível.

Roddy declarou:

– Para que se atormentar olhando para o lado ruim?

Hercule Poirot respondeu com ar grave:

– Porque é necessário...

Fez um instante de pausa, então disse:

– Vamos encarar a possibilidade de que descubram que a morte de sua tia se deu devido à administração de morfina. Como ficaria então?

Roddy balançou a cabeça desesperado.

– Não sei.

– Mas deve fazer o esforço de *pensar*. Quem poderia ter dado a

morfina? Precisa admitir que Elinor Carlisle teve a melhor oportunidade de fazê-lo.

– E as enfermeiras?

– Qualquer uma das duas poderia tê-lo feito, com certeza. Mas a enfermeira Hopkins estava preocupada com o desaparecimento do vidro na ocasião e mencionou isso abertamente. Não havia necessidade de comentar. O atestado de óbito estava assinado. Para que chamar a atenção para a morfina desaparecida se fosse culpada? É provável que só isso já faça com que seja censurada por descuido, e, se envenenou sra. Welman, seria uma atitude muito idiota chamar a atenção para a morfina. Além disso, o que ela ganharia com a morte de sra. Welman? Nada. O mesmo se aplica à enfermeira O'Brien. Poderia ter administrado a morfina, poderia ter retirado da valise da enfermeira Hopkins, mas, de novo, *por que ela faria isso*?

Roddy meneou a cabeça.

– Isso faz sentido.

Poirot disse:

– Então temos o *senhor*.

Roddy agitou-se como um cavalo nervoso.

– Eu?

– Certamente. *O senhor* poderia ter subtraído a morfina. *Poderia* ter dado à sra. Welman! Esteve sozinho com ela por um curto período de tempo naquela noite. Mas, de novo, *por que faria isso*? Se vivesse para fazer o testamento, seria ao menos provável que o senhor fosse mencionado nele. Então, de novo, entenda, não há motivo. Apenas duas pessoas tinham motivo.

Os olhos de Roddy brilharam.

– *Duas* pessoas?

– Sim. Uma era Elinor Carlisle.

– E a outra?

Poirot falou devagar:

– A outra era a autora da carta anônima.

Roddy parecia incrédulo.

Poirot explicou:

– *Alguém* escreveu a carta, alguém que odiava Mary Gerrard ou pelo menos a detestava, alguém que estava, como se diz, "do seu lado". Ou seja, alguém *que não queria que Mary Gerrard se beneficiasse com a morte de sra. Welman*. Agora, faz alguma ideia, sr. Welman, de quem possa ser o autor

da carta?

Roddy fez que não.

– Não faço a menor ideia. Era uma carta iletrada, com erros, parecia bastante ordinária.

Poirot fez um gesto com a mão.

– Isso não quer dizer nada! Pode facilmente ter sido escrita por alguém culto que optou por esconder o fato. Este é o motivo pelo qual queria que ainda tivesse a carta. As pessoas que tentam escrever de maneira iletrada em geral se entregam.

Roddy falou pensativo:

– Elinor e eu pensamos que poderia ser algum dos criados.

– Faziam alguma ideia de qual?

– Não... nenhuma mesmo.

– Seria possível, o senhor acha, que fosse a sra. Bishop, a governanta?

Roddy pareceu chocado.

– Ah, não, é uma criatura das mais respeitáveis, autoritária. As cartas dela são bonitas e envolventes, rebuscadas, com palavras longas. Além disso, tenho certeza de que nunca...

No que hesitou, Poirot interveio:

– Ela não gostava de Mary Gerrard!

– Suponho que não. No entanto, nunca percebi nada.

– Mas quem sabe, sr. Welman, o senhor não perceba muita coisa?

Roddy enunciou devagar:

– Não acha, monsieur Poirot, que minha tia poderia ter tomado a morfina ela própria?

Poirot respondeu devagar:

– É uma ideia, sim.

Roddy disse:

– Ela odiava sua... sua impotência, sabe. Repetia com frequência como desejava que pudesse morrer.

Poirot considerou:

– Mas, neste caso, não poderia ter se levantado da cama, descido as escadas, apanhado o vidro de morfina que estava na maleta da enfermeira?

Roddy ponderou lentamente:

– Não, mas alguém poderia ter pegado o vidro para ela.

– Quem?

– Bem, uma das enfermeiras.

– Não, nenhuma das enfermeiras. Elas sabem muito bem o risco que representaria para elas. As enfermeiras são as últimas de quem se pode desconfiar.

– Bem, então outra pessoa...

Parou, abriu a boca e fechou de novo.

Poirot perguntou baixinho:

– Lembrou-se de alguma coisa, não foi?

Roddy respondeu de modo hesitante:

– Sim... mas...

– Está se perguntado se deve me contar?

– Bem, é...

Poirot indagou, com um sorriso curioso inclinando os cantos da boca:

– Quando foi que a srta. Carlisle mencionou?

Roddy inspirou profundamente.

– Por Júpiter, o senhor é um feiticeiro! Foi no trem vindo para cá. Recebêramos o telegrama, sabe, dizendo que tia Laura tivera outro derrame. Elinor comentou o quanto sentia por ela, como a pobrezinha odiava estar doente, que então estaria ainda mais incapacitada e seria o inferno absoluto para ela. Elinor disse: “A gente sente que as pessoas *deveriam* ser libertadas, se elas mesmas desejam isso de verdade”.

– E o senhor disse... o quê?

– Concordei.

Poirot falou em tom muito sombrio:

– Agorinha mesmo, sr. Welman, o senhor aventou a possibilidade de que a srta. Carlisle tivesse matado sua tia por ganhos monetários. Também aventa a possibilidade de que possa ter matado sra. Welman *por compaixão*?

Roddy disse:

– Eu... eu... não... não posso...

Hercule Poirot baixou a cabeça.

O rapaz desabafou:

– Sim, pensei... tive certeza de que o senhor diria isso...

[1] Termo retirado do híndi, durante o período do império britânico, usado para designar um cavalheiro europeu de classe superior, com atitude imparcial e incorruptível. (N.T.)

Capítulo 7

No escritório Blatherwick & Seddon, Hercule Poirot foi recebido com extrema cautela, para não dizer desconfiança.

O sr. Seddon, com o indicador acariciando o queixo de barba recém-feita, foi reservado, seus olhos acinzentados e astutos avaliaram o detetive cuidadosamente.

– Seu nome me é familiar, monsieur Poirot, é claro. Mas não consigo compreender seu envolvimento neste caso.

Hercule Poirot declarou:

– Estou agindo, monsieur, por conta dos interesses de sua cliente.

– Ah... é mesmo? E quem, hã, contratou o senhor nessa capacidade?

– Estou aqui a pedido do dr. Lord.

As sobrancelhas do sr. Seddon foram às alturas.

– Ah é? Isso me parece bastante irregular... muito irregular. O dr. Lord, pelo que entendo, foi intimado como testemunha da acusação.

Hercule Poirot deu de ombros.

– Isso importa?

O sr. Seddon disse:

– As medidas para a defesa de srta. Carlisle estão inteiramente em nossas mãos. De fato, não acho que necessitemos de nenhuma assistência externa com o caso.

Poirot perguntou:

– Isso por que a inocência de sua cliente será assim tão fácil de provar?

O sr. Seddon retraiu-se. Então se tornou irado, no estilo seco e jurídico:

– A pergunta – disse – é demasiado imprópria. Demasiado imprópria.

Hercule Poirot disse:

– O caso contra a sua cliente é bastante sólido...

– Realmente não vejo, monsieur Poirot, como o senhor pode saber qualquer coisa a respeito.

Poirot declarou:

– Embora eu tenha na verdade sido contratado pelo dr. Lord, tenho aqui comigo um bilhete do sr. Roderick Welman.

Entregou fazendo uma reverência.

O sr. Seddon examinou as poucas linhas ali contidas e observou de má vontade:

– Isso, é evidente, muda o ângulo da questão. O sr. Welman se responsabilizou pela defesa de srta. Carlisle. Estamos agindo a pedido dele.

Acrescentou com visível desgosto:

– Nosso escritório lida muito pouco com... hã... procedimentos criminais, mas senti que era minha obrigação para com... hã... minha falecida cliente... empreender a defesa de sua sobrinha. Posso afirmar que já passamos os detalhes para Sir Edwin Bulmer, K.C.[1]

Poirot disse com um súbito sorriso irônico:

– Não estão economizando. Que correto e apropriado!

Olhando por cima dos óculos, o sr. Seddon comentou:

– Francamente, monsieur Poirot...

Poirot interrompeu o protesto.

– Eloquência e apelo emocional não vão salvar a cliente de vocês. Será preciso mais.

O sr. Seddon indagou secamente:

– O que o senhor recomenda?

– Há sempre a verdade.

– Ah, sim.

– Mas a verdade nos ajudaria neste caso?

O sr. Seddon respondeu em tom ácido:

– Esse comentário, volto a dizer, é o mais inapropriado.

Poirot ponderou:

– Há certas perguntas para as quais eu gostaria de obter respostas.

O sr. Seddon falou com cautela:

– Não posso, é claro, garantir as respostas sem o consentimento de minha cliente.

– Naturalmente. Compreendo – fez uma pausa, então disse: – Elinor Carlisle tem algum inimigo?

O sr. Seddon demonstrou uma leve surpresa.

– Até onde saiba, nenhum.

– A falecida sra. Welman, em algum momento de sua vida, chegou a fazer um testamento?

– Nunca. Sempre adiava.

– Elinor Carlisle fez algum testamento?

– Sim.

– Recentemente? Depois da morte da tia?

– Sim.

– Para quem está deixando suas propriedades?

– Isso, monsieur Poirot, é confidencial. Não posso informar-lhe sem autorização de minha cliente.

Poirot disse:

– Então vou ter de conversar com a sua cliente!

O sr. Seddon observou com um sorriso frio:

– Isso, receio, não vai ser nada fácil.

Poirot levantou-se e fez um gesto.

– Tudo – declarou – é fácil para Hercule Poirot.

---

[1] Abreviação de King’s Counsel, advogado da Coroa. (N.T.)

CAPÍTULO 8

O inspetor-chefe Marsden foi afável.

– Bem, monsieur Poirot – disse. – Veio se atualizar sobre um dos meus casos?

Poirot murmurou de modo depreciativo:

– Não, não. Um pouco de curiosidade de minha parte, só isso.

– Estou ansioso em satisfazê-la. De que caso?

– Elinor Carlisle.

– Ah, sim, a moça que envenenou Mary Gerrard. O julgamento sai em duas semanas. Caso interessante. Apagou a velha também, a propósito. O relatório final ainda não chegou, mas parece não haver dúvida. Morfina. Uma figurinha de sangue-frio. Não se abalou nem na hora da prisão nem depois. Não entrega nada. Mas temos o pacote completo contra ela. Está no papo.

– Acha que foi ela?

Marsden, um homem experiente com aspecto gentil, assentiu afirmativamente.

– Sem a menor dúvida. Pôs o negócio no sanduíche de cima. Tem o coração de pedra.

– Não tem dúvidas? Nenhuma dúvida sequer?

– Ah, não! Tenho total certeza. É uma sensação bastante agradável quando a gente tem *certeza*! Não gostamos de cometer erros, assim como qualquer pessoa. Não estamos interessados em sair conseguindo condenações como alguns tendem a pensar. Desta vez posso tocar adiante com a consciência limpa.

Poirot disse lentamente:

– Sei.

O homem da Scotland Yard olhou para ele com curiosidade.

– Há algo pelo outro lado?

Devagar, Poirot balançou a cabeça.

– Ainda não. Até agora tudo o que descobri no caso aponta para Elinor Carlisle como culpada.

O inspetor Marsden disse com alegre convicção:

– Ela *é* culpada, isso é certo.

Poirot disse:
– Gostaria de vê-la.
Inspetor Marsden sorriu, indulgente, e comentou:
– Tem o atual Ministro da Casa Civil no bolso, não é? Vai ser fácil.

CAPÍTULO 9

Peter Lord disse:

– Bem?

Hercule Poirot respondeu:

– Não, não está muito bem.

Peter Lord falou com pesar:

– Não conseguiu descobrir nada?

Poirot explicou devagar:

– Elinor Carlisle matou Mary Gerrard por ciúmes... Elinor Carlisle matou a tia para que herdasse o dinheiro... Elinor Carlisle matou a tia por compaixão... Meu amigo, a escolha é sua!

Peter Lord retrucou:

– Só está dizendo asneiras!

Hercule Poirot indagou:

– Estou é?

O rosto sardento de Lord ficou irritado:

– O que *significa* isso?

Hercule Poirot perguntou:

– Acha possível, isso?

– Acho possível o quê?

– Que Elinor Carlisle não suportasse ver o martírio da tia e a tenha ajudado a acabar com a própria existência.

– Absurdo!

– Será um absurdo? O senhor mesmo me disse que a velha *lhe* pediu que a ajudasse.

– Não estava falando sério. Ela sabia que eu não faria nada do tipo.

– Ainda assim, a ideia estava na cabeça dela. Elinor Carlisle *pode* ter ajudado.

Peter Lord andou de um lado a outro. Enfim falou:

– Não podemos negar que esse tipo de coisa seja possível. Mas Elinor Carlisle é uma mulher com a cabeça no lugar, com pensamentos lógicos. Não creio que se deixaria levar pela piedade a ponto de perder de vista os riscos envolvidos. E ela teria consciência exata do tipo de risco. Estaria se

sujeitando a uma acusação de assassinato.

– Então não acha que ela o faria?

Peter Lord disse devagar:

– Acho que uma mulher faria algo assim pelo marido, ou pelo filho, ou pela mãe, talvez. Não acho que faria por uma tia, embora tivesse afeição por essa tia. E penso que, em qualquer circunstância, só o faria se a pessoa em questão estivesse de fato sofrendo de uma dor insuportável.

Poirot disse pensativo:

– Talvez tenha razão.

Então acrescentou:

– Acredita que os sentimentos de Roderick Welman poderiam ter sido suficientemente manipulados para que *ele* fosse induzido a fazer algo do tipo?

Peter Lord respondeu desdenhoso:

– Não teria coragem, é um frouxo!

Poirot murmurou:

– Fico pensando. De certa forma, *mon cher*, o senhor subestima o rapaz.

– Ah, ele é inteligente e intelectual e tudo o mais, eu diria.

– Exato – disse Poirot. – E tem seu charme também... Sim, percebi isso.

– Percebeu? Nunca notei!

Então Peter Lord perguntou com total sinceridade:

– Olhe aqui, Poirot, não existe *nada*?

Poirot declarou:

– Não foram muito felizes até agora as minhas investigações! Sempre levam de volta ao mesmo lugar. Ninguém lucraria com a morte de Mary Gerrard. Ninguém odiava Mary Gerrard, *exceto* Elinor. Há apenas uma questão que talvez devêssemos nos perguntar. Poderíamos dizer talvez: *será que alguém odiava Elinor Carlisle?*

Devagar, dr. Lord meneou a cabeça.

– Não que eu saiba... Diz... que alguém poderia tê-la enquadrado pelo crime?

Poirot assentiu:

– É uma especulação bastante improvável, essa, e não há nada que a apoie... exceto, talvez, a própria plenitude do caso contra ela.

Contou ao outro sobre a carta anônima.

– Está vendo – disse – isso possibilita formularem um argumento muito

forte contra ela. Fora advertida de que poderia ser totalmente cortada do testamento da tia... que esta moça, uma estranha, poderia ficar com todo o dinheiro. Então, quando a tia, em sua fala hesitante, estava pedindo por um advogado, Elinor não deu chance ao azar e tomou providências para que a velha morresse na mesma noite!

Peter Lord gritou:

– E o Roderick Welman? Ele podia perder também!

Poirot balançou a cabeça.

– Não, para ele seria vantajoso que a velha fizesse um testamento. Se morresse intestada, não ficaria com nada, lembre-se. Elinor era a parente mais próxima.

Lord disse:

– Mas ele se casaria com Elinor!

Poirot concordou:

– É verdade. Mas lembre-se que, logo em seguida, o noivado foi rompido, ele demonstrou com todas as letras que desejava ser liberado do compromisso.

Peter Lord rosnou e apoiou a cabeça:

– A coisa volta para ela, então. Todas as vezes!

– Sim. A menos...

Ficou em silêncio um minuto. Então arriscou...

– Existe *algo*...

– Sim?

– Algo... algum pedacinho do quebra-cabeça que está faltando. É algo, disso tenho certeza, que diz respeito a Mary Gerrard. Meu amigo, por aqui se escuta um bocado de fofocas, de boatos. Já ouviu alguma vez algo contra ela?

– Contra Mary Gerrard? O caráter dela, quer dizer?

– Qualquer coisa. Alguma história antiga. Alguma indiscrição por parte da moça. Um princípio de escândalo. Dúvidas sobre a sua honestidade. Algum rumor malicioso falando dela. Qualquer coisa... qualquer coisa mesmo... mas algo que definitivamente fosse *prejudicial a ela*...

Peter Lord respondeu devagar:

– Espero que não vá sugerir essa linha... Tentando levantar algo sobre uma moça inocente que está morta e não pode se defender... E, seja como for, não acredito que seja capaz de fazê-lo!

– Ela era um Sir Galahad de saias, tinha uma vida imaculada?

– Até onde eu saiba, era. Nunca ouvi nada em contrário.

Poirot disse com delicadeza:

– Não deve pensar, meu amigo, que eu jogaria lama onde não há lama... Não, não, não se trata disso. Mas a boa enfermeira Hopkins não é adepta de esconder seus sentimentos. Gostava de Mary, e existe algo sobre a moça que ela não queria que fosse de conhecimento público, ou seja, há algo contra Mary que teme que eu descubra. Não acha que tenha qualquer relação com o crime. Mas também está convencida de que o crime foi cometido por Elinor Carlisle, e, é claro, este fato, o que quer que seja, não tem relação nenhuma com Elinor. Porém, veja, meu amigo, é imperativo que eu saiba *tudo*, pois é possível que Mary tenha prejudicado algum terceiro, e, nesse caso, o terceiro pode ter motivos para desejar a sua morte.

Peter Lord ponderou:

– Mas, com certeza, nesse caso a enfermeira Hopkins também perceberia isso.

Poirot disse:

– A enfermeira Hopkins é uma mulher bastante inteligente dentro de suas limitações, mas seu intelecto não chega a ser páreo para o *meu*. *Ela* pode não enxergar, mas Hercule Poirot pode!

Peter Lord disse, balançando a cabeça:

– Sinto muito. Não sei de nada.

Poirot observou pensativo:

– Nem Ted Bigland sabe de nada... e morou aqui a vida inteira dele e a de Mary. Também não sabe a sra. Bishop; se soubesse de algo desagradável sobre a moça, não conseguiria guardar para si! *Eh bien*, resta-nos uma esperança.

– Qual?

– Vou me encontrar com a outra enfermeira, a enfermeira O’Brien, hoje.

Peter Lord assentiu, balançando a cabeça:

– Ela não sabe muito dessa região. Esteve aqui apenas por um ou dois meses.

Poirot reconheceu:

– Estou ciente. Contudo, meu amigo, já nos avisaram que a enfermeira Hopkins tem a língua comprida. Não fez fofoca no vilarejo, onde o disse me disse poderia prejudicar Mary Gerrard. Mas duvido que tenha conseguido se segurar sem ao menos lançar uma pista do que estava lhe passando na cabeça

para uma estranha e também colega! A enfermeira O’Brien *pode* saber de alguma coisa.

CAPÍTULO 10

A enfermeira O’Brien balançou a cabeleira vermelha e abriu um sorriso para o homenzinho sentado do outro lado da mesa de chá.

Pensou consigo: “Que sujeitinho engraçado esse... os olhos são verdes como um gato, e tem isso do dr. Lord dizer que ele é muito inteligente!”.

Hercule Poirot disse:

– É um prazer conhecer alguém com tanta saúde e vitalidade. Seus pacientes, tenho certeza, devem todos se recuperar.

A enfermeira O’Brien confirmou:

– Não sou do tipo que faz cara amarrada, e poucos pacientes meus morrem quando cuido deles, sou muito agradecida por isso.

Poirot disse:

– É claro, no caso de sra. Welman, foi uma libertação misericordiosa.

– Ah! Foi sim, a pobrezinha.

Seus olhos eram astutos ao observar Poirot:

– É sobre isso que deseja falar comigo? Ouvi dizer que a estão desenterrando.

Poirot indagou:

– A senhora não suspeitou de nada na época?

– Por nada no mundo, embora, de fato deveria, com a cara que o dr. Lord fez naquela manhã, me mandando para cima e para baixo atrás de coisas das quais ele não precisava! Porém, com tudo isso, ele assinou o atestado de óbito.

Poirot começou:

– Teve seus motivos... – mas ela lhe tirou as palavras da boca.

– De fato, e ele estava certo. Não serve de nada para um médico sair pensando coisas e ofendendo a família, e depois, se estiver errado, é o fim dele, e ninguém vai querer chamá-lo nunca mais. Um médico precisa ter *certeza*!

Poirot propôs:

– Supõe-se que a sra. Welman possa ter cometido suicídio.

– Ela? Deitada lá incapacitada? Podia levantar uma das mãos, era *só* o que ela conseguia fazer!

– Alguém pode tê-la ajudado?

– Ah! Agora entendo o que está dizendo. Srta. Carlisle ou sr. Welman, ou quem sabe Mary Gerrard?

– Seria possível, não seria?

A enfermeira O’Brien balançou a cabeça:

– Não ousariam, nenhum deles!

Poirot falou devagar:

– Talvez não.

Então disse:

– Quando foi que a enfermeira Hopkins deu falta do vidro de morfina?

– Foi naquela manhã mesmo. “Tenho certeza de que estava ali”, foi o que ela disse. Primeiro ela tinha muita certeza, mas o senhor sabe como é, depois de um tempo, a cabeça da gente fica confusa e, no fim, estava certa de que havia esquecido em casa.

Poirot murmurou:

– E ainda assim a senhora não suspeitou de nada?

– Por nada no mundo! É claro, nunca passou pela minha cabeça que as coisas não fossem como deveriam ser. Mas, mesmo agora, é só uma suspeita que eles têm.

– A lembrança do vidro desaparecido nunca causou em nenhuma de vocês duas um momento de inquietação?

– Bem, eu não diria isso... lembro que me veio à cabeça, e à da enfermeira Hopkins também, creio... no Blue Tit Café, onde estávamos naquele momento. E vi que o pensamento passou da minha cabeça para a dela. “Só pode ser que esqueci em cima da lareira e caiu no cesto de lixo, será que não?”, ela aventou. E: “Não, de fato, foi isso que aconteceu”, respondi para ela; e nenhuma das duas se atreveu a dizer o que estava passando pela nossa cabeça e o medo que sentíamos.

Hercule Poirot perguntou:

– E o que acha agora?

A enfermeira O’Brien disse:

– Se encontrarem morfina nela, não vai restar muita dúvida de quem pegou o vidro nem para o que foi usado, embora eu não acredite que tenha despachado a velha por esse caminho até que provem que tem morfina.

Poirot disse:

– Não tem nenhuma dúvida se foi Elinor Carlisle quem matou Mary

Gerrard?

– Não há dúvidas quanto a isso na minha opinião! Quem mais teria motivo ou vontade?

– Essa é a questão – disse Poirot.

A enfermeira O'Brien continuou com dramaticidade:

– E eu não estava lá na noite em que a velha senhora tentava falar, e srta. Elinor prometendo que tudo seria feito com decência e de acordo com o desejo da tia? E não vi a cara que fez ao olhar para Mary quando desceu as escadas um dia, e o ódio negro estampado no rosto? Era assassinato que ela tinha no coração naquele minuto.

Poirot disse:

– Se Elinor Carlisle matou a sra. Welman, porque teria feito isso?

– Por quê? Pelo dinheiro, é evidente. Nada menos do que duzentas mil libras. Foi isso que ganhou e o motivo de ter feito o que fez, se o fez. É uma jovem audaciosa, esperta, sem medo de nada e com um bocado de massa cinzenta.

Hercule Poirot instigou:

– Se a sra. Welman tivesse vivido para fazer o testamento, como supõe que teria distribuído o dinheiro?

– Ah, quem sou eu para dizer – declarou a enfermeira O'Brien, apresentando, entretanto, todos os sinais de estar prestes a fazer exatamente isso. – Mas sou da opinião de que cada centavo daquela senhora teria ido direto para Mary Gerrard.

– Por quê? – questionou Hercule Poirot.

A simplicidade da pergunta pareceu incomodar a enfermeira O'Brien.

– Por quê? É o *porquê* que o senhor está perguntando? Bem, diria que teria sido assim.

Poirot murmurou:

– Algumas pessoas diriam que Mary Gerrard soube jogar de maneira muito inteligente com as cartas que tinha, que conseguira cair nas graças da velha senhora, a ponto de fazê-la esquecer de seus laços de sangue e afeição.

– Podem dizer – disse a enfermeira O'Brien devagar.

Poirot perguntou:

– E Mary Gerrard era *mesmo* uma oportunista muito esperta?

A enfermeira O'Brien disse, embora falasse lentamente:

– Não vou pensar isso dela... Tudo o que fez foi muito natural, sem

pensar em criar intrigas. Não fazia o tipo. E, com frequência, há motivos para essas coisas que nunca chegam a se tornar públicas...

Hercule Poirot sugeriu com delicadeza:

– A senhora é, creio, uma mulher muito discreta, enfermeira O’Brien.

– Não sou de falar do que não me diz respeito.

Observando-a muito de perto, Poirot prosseguiu:

– A senhora e a enfermeira Hopkins concordaram as duas, não foi, de que há certas coisas que seria melhor que não fossem trazidas à tona.

A enfermeira O’Brien perguntou:

– O que quer dizer com isso?

Poirot foi rápido:

– Nada com relação ao crime ou aos crimes. Estou falando... da outra questão.

A enfermeira O’Brien disse, assentindo com a cabeça:

– De que serviria remexer na lama de uma história antiga? E ela, uma senhora idosa decente, sobre quem jamais se ouviu um suspiro de escândalo, morreu respeitada e admirada por todos.

Hercule Poirot assentiu, concordando. Disse cautelosamente:

– Como disse, a sra. Welman era muito respeitada em Maidensford.

A conversa tomara um rumo inesperado, mas o rosto dele não expressava surpresa ou perplexidade.

A enfermeira O’Brien continuou:

– Faz tanto tempo também. Tudo morto e enterrado. Eu mesma tenho um coração mole quando se trata de romance. Digo e sempre repito que é difícil para um homem que tem a esposa em um hospício permanecer amarrado a vida toda sem ter nada além da morte que possa libertá-lo.

Poirot murmurou, ainda estupefato:

– Sim... muito difícil...

A enfermeira O’Brien indagou:

– A enfermeira Hopkins lhe contou como nossas cartas se cruzaram uma pela outra?

Poirot falou com total sinceridade:

– *Isso* ela não me contou.

– Foi uma coincidência muito estranha. Mas aí está, é sempre assim! Uma vez que tenhamos escutado um nome, talvez um dia ou dois depois acabamos cruzando com ele de novo, e assim por diante. Que eu fosse

deparar com a mesma exata fotografia no piano no mesmo minuto em que a enfermeira Hopkins ouvia a história inteirinha da boca da governanta do doutor.

– Isso – declarou Poirot – é muito interessante.

Murmurou titubeante:

– E Mary Gerrard sabia... sobre isso?

– Quem lhe contaria? – perguntou a enfermeira O’Brien. – Não seria eu, e nem a Hopkins. Afinal, que bem poderia fazer para ela?

Jogou a cabeleira ruiva e fitou-o com firmeza.

Poirot respondeu com um suspiro:

– De fato, que bem?

CAPÍTULO 11

Elinor Carlisle...

Do outro lado do tampo da mesa que os separava, Poirot a perscrutava com o olhar.

Estavam a sós, juntos. Por trás de uma parede de vidro, um guarda os vigiava.

Poirot reparou na expressão sensível e inteligente, a testa branca e os traços delicados das orelhas e do nariz. Traços finos; uma criatura orgulhosa, sensível, denotando berço, autocontrole e algo mais: um potencial para a paixão.

– Eu me chamo Hercule Poirot. Fui enviado à senhorita pelo dr. Peter Lord. Ele acha que posso ajudá-la.

Elinor Carlisle disse:

– Peter Lord... – seu tom era de reminiscência. Por um momento, sorriu com um toque de melancolia. Então, prosseguiu formalmente: – Uma gentileza da parte dele, mas não creio haver algo que o senhor possa fazer.

Hercule Poirot propôs:

– Pode responder a minhas perguntas?

Ela suspirou.

– Acredite, realmente, seria melhor não perguntá-las. Estou em boas mãos. O sr. Seddon foi gentilíssimo. Terei um advogado muito famoso.

Poirot declarou:

– Não tão famoso quanto eu!

Elinor Carlisle disse com uma pitada de exaustão:

– Ele tem uma ótima reputação.

– Sim, para defender criminosos. Eu tenho uma ótima reputação para provar a inocência.

Por fim, ela levantou os olhos, olhos de um azul vívido, lindo. Olharam direto para os de Poirot. Falou:

– Acredita que eu seja inocente?

Hercule Poirot contestou:

– A senhorita é?

Elinor sorriu, um sorrisinho irônico:

– Essa é uma amostra de suas perguntas? É muito fácil, não é, responder que sim?

Ele disse de forma inesperada:

– Está muito cansada, não está?

Os olhos dela se arregalaram um pouco:

– Ora, estou... mais do que qualquer coisa. Como soube?

Hercule Poirot revelou:

– Eu sabia...

Elinor confessou:

– Vai ser um alívio quando tudo... terminar.

Poirot olhou para ela um minuto em silêncio. Então falou:

– Encontrei-me com seu... primo, posso chamá-lo assim por conveniência? ... o sr. Roderick Welman.

O rubor foi subindo devagar na face pálida e orgulhosa. Ele então soube que aquela pergunta fora respondida sem precisar ser enunciada.

Ela falou, e a voz tremia bem de leve:

– Falou com Roddy?

Poirot disse:

– Está fazendo o que pode pela senhorita.

– Eu sei.

O tom foi rápido e suave.

Poirot perguntou:

– Ele é pobre ou rico?

– Roddy? Não tem muito dinheiro no nome dele.

– E é extravagante?

Respondeu quase distraída:

– Nenhum de nós dois dava importância para isso. Sabíamos que um dia...

Parou.

Poirot disparou:

– Contavam com a herança? Isso é compreensível.

Continuou:

– Já ficou sabendo, talvez, do resultado da autópsia do corpo de sua tia. Ela morreu de envenenamento por morfina.

Elinor Carlisle declarou com frieza:

– Não a matei.

– Ajudou-a a se matar?

– Se ajudei...? Ah, entendo. Não, não ajudei.

– Sabia que sua tia não havia deixado um testamento?

– Não, não fazia ideia disso.

O tom dela agora era monótono, tedioso. A resposta foi mecânica, desinteressada.

Poirot indagou:

– E a senhorita já fez um testamento?

– Fiz.

– Preparou-o no dia em que dr. Lord comentou a respeito?

– Foi.

De novo, uma repentina onda de cor.

Poirot indagou:

– Como deixou sua fortuna, srta. Carlisle?

Elinor disse baixinho:

– Deixei tudo para Roddy... para Roderick Welman.

Poirot perguntou:

– Ele sabe disso?

Ela respondeu com rapidez:

– É certo que não.

– Não discutiu o assunto com ele?

– É claro que não. Teria ficado terrivelmente constrangido e teria detestado muitíssimo o que eu estava fazendo.

– Quem mais sabe do conteúdo de seu testamento?

– Apenas o sr. Seddon e seus funcionários, suponho.

– Foi o sr. Seddon quem redigiu o testamento para a senhorita?

– Sim. Escrevi para ele naquela noite, digo, na noite do dia em que o dr. Lord falou comigo a respeito.

– Foi a senhorita mesma que postou a carta?

– Não. Foi na caixa geral da casa com as outras cartas.

– Escreveu, pôs em um envelope, lacrou, selou e pôs na caixa, *comme ça*? Não parou para refletir? Reler?

Elinor declarou, olhando fixamente para ele:

– Reli tudo... sim. Saíra para procurar alguns selos. Quando retornei com eles, apenas reli para ter certeza de que havia redigido tudo com clareza.

– Havia mais alguém na sala com a senhorita?

– Só Roddy.

– Ele sabia o que a senhorita estava fazendo?

– Já lhe disse, não.

– Alguém poderia ter lido aquela carta quando esteve ausente da sala?

– Não sei... Um dos criados, o senhor diz? Suponho que poderiam se tivessem a chance de entrar enquanto eu estava ausente.

– E antes de o sr. Roderick Welman entrar?

– Sim.

Poirot perguntou:

– E ele também poderia ter lido?

A voz de Elinor era límpida e desdenhosa:

– Posso lhe assegurar, monsieur Poirot, que meu "primo", como o senhor o chamou, não lê as cartas dos outros.

Poirot ponderou:

– Essa é a ideia mais aceita, eu sei. Ficaria surpresa em descobrir quantas pessoas fazem aquilo que "não se deve".

Elinor deu de ombros.

Poirot falou em tom casual:

– Foi naquele dia que lhe ocorreu pela primeira vez a ideia de matar Mary Gerrard?

Pela terceira vez o rubor tomou conta do rosto de Elinor Carlisle. Desta vez, foi uma maré ardente. Perguntou:

– Peter Lord lhe contou isso?

Poirot falou com delicadeza:

– Então *foi*, não foi? Quando olhou pela janela e a viu redigindo seu testamento. Foi então, não foi, que lhe ocorreu como seria engraçado e tão conveniente... se acontecesse de Mary Gerrard morrer...

Elinor disse com uma voz sufocada:

– Ele sabia, olhou para mim e sabia...

Poirot comentou:

– O dr. Lord sabe de muita coisa... Não é bobo aquele rapaz de rosto sardento e cabelo vermelho...

Elinor disse baixinho:

– É verdade que o mandou para... me ajudar?

– É verdade, mademoiselle.

Suspirou e confessou:

– Não entendo. Não, não entendo.

Poirot disse:

– Escute, srta. Carlisle. É necessário que me conte exatamente o que aconteceu no dia em que Mary Gerrard morreu: aonde foi, o que fez; mais do que isso, quero saber até no que pensou.

Ela o fitou. Então, devagar, veio-lhe um sorrisinho estranho aos lábios. Disse:

– Deve ser um homem inacreditavelmente ingênuo. Não percebe como é fácil mentir para o senhor?

Hercule Poirot respondeu com placidez:

– Não importa.

Ela ficou intrigada.

– Não importa?

– Não. Pois as mentiras, mademoiselle, revelam tanto quanto as verdades para quem escuta. Às vezes, revelam até mais. Vamos lá, comece. Encontrou a governanta, a boa sra. Bishop. Estava querendo ajudá-la. A senhorita não permitiu. Por quê?

– Quis ficar sozinha.

– Por quê?

– *Por quê? Por quê?* Porque eu queria... pensar.

– Queria poder imaginar... sim. E então o que fez depois?

Elinor, com o queixo erguido em posição desafiadora, declarou:

– Comprei um pouco de patê para fazer sanduíches.

– Dois potes?

– Dois.

– E foi para Hunterbury. O que fez quando chegou lá?

– Subi para o quarto de minha tia e comecei a separar suas coisas.

– O que encontrou?

– Encontrei? – franziu a testa. – Roupas... cartas antigas... fotografias... joias.

Poirot perguntou:

– Nada que fosse segredo?

– Segredo? Não estou lhe entendendo.

– Então continuemos. E depois?

Elinor prosseguiu:

– Desci até a despensa e preparei os sanduíches...

Poirot falou com suavidade:

– E estava pensando... no quê?

Os olhos azuis de repente se injetaram:

– Pensei na minha xará histórica, Leonor da Aquitânia...

Poirot falou:

– Compreendo perfeitamente.

– Compreende?

– Ah, sim. Conheço a história. Ela ofereceu à bela Rosamunda, não foi, a escolha entre uma adaga ou *um copo de veneno*. Rosamunda escolheu o veneno...

Elinor não disse mais nada. Estava lívida.

Poirot disse:

– Mas talvez, desta vez, *não houvesse uma escolha*... Prossiga, mademoiselle, e depois?

Elinor contou:

– Deixei os sanduíches prontos em um prato e fui até o Alojamento. A enfermeira Hopkins estava lá junto com a Mary. Disse às duas que tinha alguns sanduíches em casa.

Poirot a observava. Falou com bastante delicadeza:

– Sim, e foram todas juntas até a casa, não foi?

– Foi. Nós... comemos os sanduíches no salão matinal.

Poirot falou no mesmo tom suave:

– Sim, sim; *ainda como um devaneio*... E então...

– Então? – ela o fitou. – Eu a deixei parada junto à janela. Fui para a despensa. Continuava, como o senhor disse, *devaneando*... A enfermeira Hopkins estava lavando a louça... entreguei o pote de patê para ela.

– Sim... sim. E o que aconteceu depois? No que pensou em seguida?

Elinor falou de modo delirante:

– Havia um sinal no pulso da enfermeira. Mencionei a marca, e ela disse que havia sido de um espinho da treliça de rosas junto do Alojamento. *As rosas do Alojamento*... Roddy e eu uma vez discutíramos... muito tempo atrás... sobre a Guerra das Rosas. Eu era Lancaster, e ele era York. Ele gostava de rosas brancas. Falei que não eram de verdade... nem sequer tinham cheiro! Preferia rosas vermelhas, grandes e escuras e aveludadas e com o perfume do verão... Discutimos do jeito mais idiota. Entende, aquilo tudo foi voltando para mim... lá na despensa, e alguma coisa se partiu... o

ódio negro que guardava no meu coração... foi embora... com a lembrança de como éramos unidos quando criança. Não odiava mais a Mary. Não queria que ela morresse...

Parou.

– Porém, mais tarde, quando voltamos no salão matinal, ela estava morrendo...

Parou. Poirot a observava com total atenção. Ela corou e perguntou:

– Vai me perguntar... mais uma vez... *se matei Mary Gerrard*?

Poirot se pôs de pé. Falou rapidamente:

– Não vou lhe perguntar mais nada. Há coisas que não me interessam saber...

Capítulo 12

I

Dr. Lord foi receber o trem na estação conforme o combinado.

Hercule Poirot apeou dele. Parecia bastante londrinizado e vestia sapatos de verniz pontudos.

Peter Lord examinou seu rosto minuciosamente, ansioso, mas Hercule Poirot não deixava transparecer coisa alguma.

Peter Lord disse:

– Fiz o melhor que pude para obter respostas às suas perguntas. Primeiro, Mary Gerrard saiu daqui e foi para Londres no dia 10 de julho. Segundo, não tenho governanta... apenas um par de mocinhas risonhas organizam minha casa. Acho que deve estar se referindo à sra. Slattery, que era governanta de Ransome (meu predecessor). Posso levá-lo até ela esta manhã se desejar. Já combinei, e ela estará em casa.

Poirot disse:

– Sim, acho que seria bom se falasse com ela primeiro.

– Depois, falou que quer ir a Hunterbury, posso acompanhá-lo até lá. Não entendo por que não foi lá até agora. Não consigo imaginar o motivo para não ter ido ao local antes. Pensaria que a primeira coisa a ser feita em um caso como este seria visitar o local do crime.

Apoiando a cabeça um pouco de lado, Hercule Poirot indagou:

– Por quê?

– Por quê? – Peter Lord ficou bastante desconcertado com a pergunta. – Não é o procedimento de praxe?

Hercule Poirot explicou:

– Não se pratica investigação seguindo os passos de um manual! É preciso usar nossa inteligência natural.

Peter Lord ponderou:

– Pode encontrar algum tipo de pista lá.

Poirot suspirou:

– Pelo visto, lê ficção policial demais. A polícia deste país é bastante admirável. Não tenho dúvidas de que revistaram a casa e o terreno com todo

o cuidado.

– Atrás de provas *contra* Elinor Carlisle, não atrás de provas que a favorecessem.

– Meu caro amigo, não é nenhum monstro... essa força policial! Elinor Carlisle foi presa porque foram encontradas provas suficientes para montar um caso contra ela... um caso muito sólido, eu diria. Era inútil para mim revistar o território quando a polícia já havia revistado tudo.

– Mas agora quer ir até lá? – Peter protestou.

Hercule Poirot assentiu com a cabeça:

– Sim... agora é necessário. Porque agora sei *exatamente o que estou procurando*. Primeiro precisamos entender com as células do cérebro antes de usar os olhos.

– Então *acha* que pode haver… algo… ainda por lá?

Poirot declarou com delicadeza:

– Tenho um leve pressentimento de que vamos encontrar algo... sim.

– Algo que prove a inocência de Elinor?

– Ah, não foi isso que eu disse.

Peter Lord travou.

– Não vá me dizer que *ainda* acha que ela é culpada?

Poirot falou com gravidade:

– Precisa esperar, meu amigo, antes de obter a resposta para essa pergunta.

II

Poirot almoçou com o médico em uma sala quadrada agradável com a janela aberta para o jardim.

Lord perguntou:

– Obteve o que queria da velha Slattery?

Poirot assentiu.

– Sim.

– O *que* queria com ela?

– Fofoca! Conversar sobre antigamente. Alguns crimes têm raízes no passado. Acho que este teve.

Peter Lord falou irritado:

– Não entendo uma só palavra do que está dizendo.

Poirot sorriu. Elogiou:

– Este peixe está deliciosamente fresco.

Lord falou de modo impaciente:

– Eu que o diga. Eu mesmo o pesquei antes do café hoje pela manhã. Olhe aqui, Poirot, é para eu ter alguma ideia de onde quer chegar? Por que está me deixando no escuro?

O outro balançou a cabeça.

– Porque até agora não há nenhuma luz. Fico sempre empacado com o fato de que não havia ninguém com motivos para matar Mary Gerrard; exceto por Elinor Carlisle.

Peter Lord retrucou:

– Não pode estar certo disso. Ela esteve no estrangeiro por algum tempo, lembre-se disso.

– Sim, sim, já conduzi meus inquéritos.

– Já foi à Alemanha pessoalmente?

– Eu, não – com leve risadinha, acrescentou: – Tenho meus espiões!

– Pode confiar nos outros?

– Com certeza. Não cabe a mim correr daqui para lá, fazendo com amadorismo as coisas que por uma pequena soma qualquer um faz com competência profissional. Posso lhe assegurar, *mon cher*, tenho vários espetos no fogo. Tenho alguns assistentes muito úteis, um deles é um antigo arrombador.

– Para que usa essa pessoa?

– A última tarefa que lhe passei foi dar uma busca muito minuciosa do apartamento do sr. Welman.

– E o que ele procurava?

Poirot disse:

– Gostamos de saber sempre com exatidão quais mentiras nos foram contadas.

– Welman lhe contou uma mentira?

– Sem sombra de dúvida.

– Quem mais mentiu para o senhor?

– Todo mundo, acho: a enfermeira O’Brien, por romantismo; a enfermeira Hopkins, por teimosia; a sra. Bishop, por puro veneno. O senhor

mesmo...

– Deus me livre! – Peter Lord interrompeu-o sem cerimônia. – Não está achando que menti para o senhor, está?

– Ainda não – admitiu Poirot.

O dr. Lord afundou de novo na poltrona:

– É um sujeito incrédulo, Poirot.

Então disse:

– Se já terminou, vamos para Hunterbury? Tenho pacientes para visitar mais tarde e também tenho a clínica.

– Estou a seu dispor, meu amigo.

Partiram a pé, entraram na propriedade pela passagem dos fundos. No meio do caminho, encontraram um camarada jovem, alto e bonito, empurrando um carrinho de mão. Ele tocou o chapéu em sinal de respeito ao dr. Lord.

– Bom dia, Horlick. Este é Horlick, o jardineiro, Poirot. Estava trabalhando aqui naquele dia de manhã.

Horlick disse:

– Isso, senhor, eu estava. Vi a srta. Elinor naquela manhã e falei com ela.

Poirot perguntou:

– O que ela falou para você?

– Contou que a casa estava praticamente vendida, e aquilo me pegou de surpresa, senhor, mas a srta. Elinor disse que falaria com o major Somervell sobre mim, e que talvez ele fosse me manter aqui, se não me achasse novo demais, quem sabe, como coordenador, já que aprendi muita coisa com o sr. Stephens.

O dr. Lord disse:

– Ela estava do mesmo jeito de sempre, Horlick?

– Ora, senhor, sim, exceto que parecia um pouco nervosa... como se tivesse com algum plano na cabeça.

Hercule Poirot perguntou:

– Conhecia Mary Gerrard?

– Oh, sim. Mas não muito bem.

Poirot disse:

– E como ela era?

Horlick ficou confuso.

– Era, senhor? Está falando de se olhar para ela?

– Não é bem isso. Digo, que tipo de moça ela era?

– Ah, bom, senhor, era uma moça do tipo muito superior. Falava bem e tudo o mais. Ela se achava demais, eu diria. Veja bem, a velha sra. Welman fez muito alvoroço por causa dela. Aquilo deixava o pai dela louco. Ele era como um urso com a cabeça doendo.

Poirot perguntou:

– Por tudo o que ouvi, ele não tinha um temperamento muito fácil, o velho?

– Não, de fato não tinha. Sempre resmungando e carrancudo que só. Raramente tinha uma palavra amiga para alguém.

Poirot prosseguiu:

– Você estava aqui naquela manhã. Em que parte estava trabalhando?

– A maior parte do tempo na horta da cozinha, senhor.

– Não consegue ver a casa de lá?

– Não, senhor.

Peter Lord interveio:

– Se alguém tivesse vindo até a casa, chegado até a janela da despensa... não teria visto essa pessoa?

– Não, não teria.

Peter Lord indagou:

– A que horas saiu para almoçar?

– Uma da tarde, senhor.

– E não viu nada... nenhum homem espiando por aí... ou um carro lá fora, algo do tipo?

As sobrancelhas do homem arquearam-se com leve assombro.

– Do lado de fora do portão, senhor? Seu carro estava lá, de mais ninguém.

Peter Lord exclamou:

– *Meu* carro: não era o meu carro! Eu fora para os lados de Withenbury naquela manhã. Só voltei depois das duas da tarde.

Horlick pareceu confuso.

– Fui me certificar de que era seu carro, senhor – falou de modo hesitante.

Peter Lord disse com presteza:

– Ah, bem, não importa. Bom dia, Horlick.

Ele e Poirot seguiram adiante. Horlick foi atrás deles por um ou dois minutos, então, devagar, retomou seu progresso com o carrinho de mão.

Peter Lord disse baixinho, mas com grande excitação:

– Alguma coisa... finalmente. De quem era o carro parado na entrada naquele dia?

Poirot perguntou:

– Qual a marca de seu carro, meu amigo?

– Um Ford dez, verde calipso. São bastante comuns, é claro.

– E tem certeza de que não era o seu? Não está confundindo as datas?

– Certeza absoluta. Estava em Withenbury, voltei tarde, comi qualquer coisa de almoço, depois veio o telefonema sobre Mary Gerrard e corri para cá.

Poirot falou em voz baixa:

– Então parece, meu amigo, que enfim chegamos a algo palpável.

Peter Lord disse:

– *Alguém esteve aqui naquela manhã*... alguém que não era Elinor Carlisle, nem Mary Gerrard, nem a enfermeira Hopkins...

Poirot declarou:

– Isso é muito interessante. Venha, sigamos com nossas investigações. Vejamos, por exemplo, supondo que um homem (ou mulher) fosse querer se aproximar da casa sem ser visto, como faria isso?

No meio do caminho da entrada, um atalho se ramificava passando por arbustos. Pegaram o atalho e, em determinada curva, Peter Lord agarrou o braço de Poirot, apontando para uma janela.

– Aquela é a janela da despensa onde Elinor Carlisle estava preparando os sanduíches.

Poirot murmurou:

– E daqui *qualquer um podia vê-la preparando o lanche*. A janela estava aberta, se estou bem lembrado?

Peter Lord confirmou:

– Estava bem aberta. Era um dia quente, lembra?

Hercule Poirot ponderou:

– Então, se qualquer um quisesse observar o que estava acontecendo sem ser visto, algum ponto por aqui seria um bom lugar.

Os dois se dispersaram. Peter Lord anunciou:

– Há um lugar aqui, atrás destes arbustos. As plantas foram pisoteadas.

Já cresceram de novo, mas dá para ver claramente.

Poirot juntou-se a ele. Declarou pensativo:

– Sim, é um bom lugar. Fica escondido do caminho, e aquela clareira nos arbustos dá uma boa visão da janela. Agora, o que ele fez, esse nosso amigo que estava aqui parado? Será que fumou?

Abaixaram-se, examinando o chão e limpando as folhas e os galhos.

De repente, Poirot emitiu um grunhido.

Peter Lord endireitou-se, parando com sua própria busca.

– O que foi?

– Uma caixa de fósforos, meu amigo. Uma caixa de fósforos vazia, bem pisada, amassada no chão, encharcada e deteriorada.

Com cuidado e delicadeza, recuperou o objeto. Enfim, o expôs sobre uma folha de papel tirada do bolso.

Peter Lord assinalou:

– É do estrangeiro. Meu Deus! *São fósforos alemães!*

Hercule Poirot disse:

– E Mary Gerrard recém havia retornado da Alemanha!

Peter Lord declarou exultante:

– Agora temos alguma coisa! Não pode negar!

Hercule Poirot disse devagar:

– Talvez...

– Mas, que droga, homem. Quem por aqui teria fósforos importados?

Hercule Poirot concordou:

– Eu sei... eu sei.

Seus olhos, olhos perplexos, foram até a falha nos arbustos e a vista para a janela.

– Não é tão simples quanto pensa. Existe uma grande dificuldade. Não vê por si mesmo?

– Qual? Diga.

Poirot suspirou.

– Se não consegue enxergar sozinho... Mas vamos, vamos adiante.

Foram até a casa. Peter Lord destrancou a porta dos fundos com a chave.

Ele entrou na frente, passando pela copa até a cozinha, depois dali, por uma passagem onde havia um vestiário de um lado e a despensa do mordomo de outro. Os dois deram uma olhada na despensa.

Tinha os armários habituais com portas de correr em vidro para os copos

e as porcelanas. Havia um fogareiro, duas chaleiras e duas latas que diziam Chá e Café em uma prateleira logo acima. Havia uma pia, um escorredor de louças e uma bacia de papel machê. Em frente à janela, havia uma mesa.

Peter Lord disse:

– Foi nesta mesa que Elinor Carlisle preparou os sanduíches. O fragmento do rótulo de morfina foi encontrado nesta fresta do chão, embaixo da pia.

Poirot comentou pensativo:

– Os policiais são investigadores cuidadosos. Não deixam passar muita coisa.

Peter Lord falou com violência:

– Não existem provas de que Elinor chegou a tocar naquele vidro! Estou falando, alguém a vigiava daquele arbusto ali fora. Ela desceu até o Alojamento, e ele viu ali a chance, entrou sorrateiramente, desarrolhou o vidro, esmagou alguns comprimidos de morfina para virar pó e colocou no sanduíche de cima.

"Não chegou a notar que rasgara um pedacinho do rótulo e que caiu pela fresta. Saiu apressado, deu a partida no carro e foi embora."

Poirot suspirou.

– E ainda assim não consegue ver! É extraordinário como um homem inteligente pode ser tão estulto.

Peter Lord exigiu em tom raivoso:

– Está dizendo que não acredita que alguém ficou parado naqueles arbustos vigiando a janela?

Poirot respondeu:

– Sim, nisso acredito...

– Então temos que descobrir quem era!

Poirot murmurou:

– Não vamos precisar procurar muito, imagino.

– Está dizendo que já *sabe*?

– Tenho uma ideia muito engenhosa.

Peter Lord falou devagar:

– Então seus agentes que fizeram as investigações na Alemanha lhe *trouxeram* alguma informação…

Hercule Poirot disse, batendo de leve na testa:

– Meu amigo, está tudo aqui, na minha cabeça... Venha, vamos revistar

a casa.

III

Pararam por fim na sala onde Mary Gerrard morrera.

A casa continha uma atmosfera estranha: parecia viva com memórias e presságios.

Peter Lord escancarou uma das janelas.

Falou com um leve estremecimento:

– Este lugar parece uma tumba...

Poirot comentou:

– Se as paredes falassem... Está tudo aqui, não está, aqui dentro da casa... o começo de toda essa história.

Fez uma pausa e depois continuou em voz baixa:

– Foi aqui, nesta sala, que Mary Gerrard morreu.

Peter Lord comentou:

– Encontraram-na sentada naquela poltrona junto da janela...

Hercule Poirot disse pensativo:

– Uma moça jovem, bonita... romântica? Será que era dada a maquinações e intrigas? Era uma pessoa altiva que se portava com afetação? Era gentil e doce, sem cogitar nenhuma intriga... apenas uma jovenzinha começando a vida... uma garota que era como uma flor?...

– O que quer que fosse – disse Peter Lord –, alguém a queria morta.

Hercule Poirot murmurou:

– Fico me perguntando...

Lord fitou-o.

– O que quer dizer?

Poirot meneou a cabeça.

– Ainda não.

Deu meia-volta.

– Já passamos pela casa inteira. Já vimos tudo o que havia para ser visto. Vamos descer até o Alojamento.

Ali também tudo estava em ordem: os quartos empoeirados, mas arrumados, e sem nenhum pertence pessoal. Os dois ficaram apenas alguns

minutos. Ao saírem ao sol, Poirot tocou nas folhas de uma rosa-trepadeira que crescia em uma treliça. Era cor-de-rosa e de aroma adocicado.

Murmurou:

– Sabe o nome desta roseira? É *Zephyrine Drouhin*, meu amigo.

Peter Lord indagou, irritado:

– O que tem ela?

Hercule Poirot explicou:

– Quando me encontrei com Elinor Carlisle, ela me falou de rosas. Foi então que comecei a enxergar, não claro como o dia, mas como aquela pequena nesga de luz que se vê de um trem quando se está prestes a sair do túnel. Não chega ainda a ser a claridade do dia, mas a promessa dessa claridade.

Peter Lord perguntou grosseiramente:

– O que foi que ela lhe contou?

– Contou da infância, das brincadeiras aqui no jardim, de como ela e Roderick Welman estavam de lados opostos. Eram inimigos, pois ele preferia a rosa branca de York, fria e austera, enquanto ela, segundo me falou, amava rosas vermelhas, a rosa vermelha de Lancaster. Rosas vermelhas têm aroma, cor, paixão e calor. E essa, meu amigo, é a diferença entre Elinor Carlisle e Roderick Welman.

Peter Lord indagou:

– Isso explica... alguma coisa?

Poirot insistiu:

– Explica Elinor Carlisle, que é passional e orgulhosa e amava desesperadamente um homem que era incapaz de amá-la...

Peter Lord retrucou:

– Não entendo o senhor...

Poirot falou:

– Mas eu *a* entendo... entendo os dois. Agora, meu amigo, retornaremos mais uma vez até a pequena clareira nos arbustos.

Foram até lá em silêncio. O rosto sardento de Peter Lord estava perturbado e enraivecido.

Quando chegaram ao local, Poirot ficou parado sem se mover por algum tempo, e Peter Lord observou-o.

Então, de repente, o pequeno detetive deu um suspiro contrariado:

– É tão simples, de fato. Não vê, meu amigo, a falácia fatal de seu

raciocínio? De acordo com a sua teoria, alguém, um homem, presume-se, que teria conhecido Mary Gerrard na Alemanha, teria vindo aqui decidido a matá-la. Mas, *veja*, meu amigo, *veja*! Use seus dois olhos físicos, já que os da mente não parecem ter muita serventia. O que vê daqui: uma janela, não é? E naquela janela... uma moça. Uma moça preparando sanduíches. Ou seja, Elinor Carlisle. Mas reflita por um minuto sobre isso: *O que daria a entender ao homem que espionava que aqueles sanduíches seriam oferecidos a Mary Gerrard?* Ninguém sabia disso, exceto por *Elinor Carlisle, a própria, ninguém mais*! Nem mesmo Mary Gerrard, nem a enfermeira Hopkins.

"Então o que deduzimos em seguida, se um homem ficou aqui parado observando, e se ele, depois, foi até a janela, escalou, entrou e sabotou os sanduíches? No que ele estava pensando e acreditando? Ele achava, deve ter achado, *que os sanduíches seriam consumidos pela própria Elinor Carlisle...*"

CAPÍTULO 13

Poirot bateu à porta do chalé da enfermeira Hopkins. Ela abriu para ele com a boca cheia de pão doce.

Resmungou com aspereza:

– Bem, sr. Poirot, o que quer *agora*?

– Posso entrar?

Um tanto contrariada, a enfermeira Hopkins deu um passo para trás, e Poirot teve permissão de cruzar o umbral. A enfermeira Hopkins foi hospitaleira com o bule de chá, e, no minuto seguinte, Poirot já olhava com algum desalento para uma xícara da bebida escura.

– Acabei de fazer, saboroso e forte! – disse a enfermeira Hopkins.

Poirot mexeu o chá com cuidado e tomou um gole heroico, perguntando:

– Faz alguma ideia de por que estou aqui?

– É certo que não poderia dizer até que o senhor me diga. Não professo ser capaz de ler a mente.

– Vim lhe pedir pela verdade.

A enfermeira Hopkins levantou-se irada.

– E o que significa isso? É o que eu gostaria de saber. Uma mulher sincera é o que sempre fui. Não sou do tipo que se esquiva de modo algum. Alertei sobre o vidro de morfina que sumira no inquérito quando muitas no meu lugar teriam ficado quietas sem falar nada. Pois sabia muito bem que seria criticada pelo descuido de deixar minha valise solta por aí; e, afinal, é algo que pode acontecer com qualquer um! Sou culpada disso... e não vai me ajudar em nada na minha profissão, posso lhe garantir. Mas isso não importava para mim! Sabia de algo que era relevante para o caso, então me manifestei. E vou ficar agradecida, sr. Poirot, se mantiver qualquer insinuação nojenta para si mesmo! Não há nada sobre a morte de Mary Gerrard sobre a qual eu não tenha sido aberta e clara como o dia e, se o *senhor* pensa diferente, ficaria agradecida se me recitasse o capítulo e o versículo de onde tirou isso! Não escondi nada... nada mesmo! E estou preparada para fazer o juramento e ficar de pé no tribunal para repetir tudo.

Poirot não fez nenhum esforço para interromper. Sabia muito bem a técnica para lidar com qualquer mulher furiosa. Deixou que a enfermeira

Hopkins explodisse e esfriasse. Então falou, com a voz baixa e mansa:

– Não estava sugerindo que exista qualquer coisa a respeito do crime que a senhora não tenha declarado.

– Então o que sugeriu, pode me dizer?

– Pedi que me contasse a verdade não sobre a morte, mas sobre a *vida* de Mary Gerrard.

– Ah! – a enfermeira Hopkins pareceu desconcertada por um momento. – Então é aí que quer chegar? Mas isso não tem nada a ver com o assassinato.

– Não disse que teria. Afirmei que a senhora estava sonegando informações a respeito dela.

– E por que não deveria, se não tem relação com o crime?

Poirot deu de ombros.

– Por que deveria?

A enfermeira Hopkins, com o rosto muito vermelho, declarou:

– Porque é uma questão de decoro! Estão todos mortos agora, todos os envolvidos. E não é da conta de mais ninguém!

– Se for apenas conjectura, talvez não. Mas se tiver *conhecimento de fatos verdadeiros,* isso é diferente.

A enfermeira Hopkins falou devagar:

– Não sei o que exatamente está dizendo...

Poirot continuou:

– Vou ajudá-la. Recebi pistas da enfermeira O'Brien e tive uma longa conversa com a sra. Slattery, que tem uma ótima memória para eventos que aconteceram há mais de vinte anos. Vou lhe relatar com exatidão o que apreendi. Bem, há mais de vinte anos, houve um caso de amor entre duas pessoas. Uma delas era a sra. Welman, que já estava viúva há alguns anos e que era uma mulher capaz de amar com profundidade e intensidade. A outra pessoa era Sir Lewis Rycroft, que teve a grande infelicidade de ter uma esposa que era irremediavelmente insana. A lei naquele tempo não dava abertura para uma libertação por divórcio, e Lady Rycroft, cuja saúde física era excelente, poderia viver noventa anos. Deveria haver alguma suspeita da *liaison* entre aquelas duas pessoas, mas eram ambas discretas e cuidadosas para manter as aparências. Então Sir Lewis Rycroft morreu em combate.

– E? – indagou a enfermeira Hopkins.

– Suponho – disse Poirot – que houve uma criança nascida depois de sua morte e que essa criança era Mary Gerrard.

A enfermeira Hopkins disse:

– Parece estar sabendo de tudo!

Poirot replicou:

– Isso é o que eu *acho*. Mas é possível que a senhora tenha provas em definitivo de que de fato foi assim.

A enfermeira Hopkins ficou em silêncio por alguns minutos, franzindo o cenho. Então, levantou-se abruptamente, atravessou a sala, abriu uma gaveta e tirou dali um envelope. Levou-o para Poirot.

– Vou lhe contar como isso chegou às minhas mãos. Atente que eu tinha lá minhas suspeitas. A maneira como a sra. Welman olhava para a menina, por uma, e depois ouvindo os rumores sobre isso. E o velho Gerrard me contou quando estava doente que Mary não era filha dele.

"Bem, depois que Mary morreu, terminei de esvaziar o Alojamento e, em uma gaveta, em meio a alguns pertences do velho, encontrei esta carta. Veja o que está escrito nela:"

Poirot leu a inscrição no envelope com tinta desbotada:

"Para Mary – para que lhe seja enviada depois de minha morte."

Poirot perguntou:

– Essa inscrição não é recente?

– Não foi Gerrard que escreveu isso – explicou a enfermeira Hopkins. – Foi a mãe de Mary, que morreu há catorze anos. Pretendia que isso chegasse à menina, mas o velho guardou entre suas coisas, e assim ela jamais leu, e fico agradecida que não tenha visto! Foi capaz de manter a cabeça erguida até o final e não teve motivos para se sentir envergonhada.

Fez uma pausa e depois disse:

– Bem, estava lacrada, mas quando encontrei, admito ao senhor, que abri e li tudo ali mesmo, o que, ouso dizer, não deveria ter feito. Porém, Mary estava morta, eu mais ou menos tinha um palpite do conteúdo e não achei que fosse da alçada de mais ninguém. Mesmo assim, não quis destruir porque, de certa forma, não achei que fosse correto fazer isso. Mas, aí está, melhor ler por si mesmo.

Poirot retirou a folha de papel coberta em escrita pequena e angular:

É a verdade que aqui escrevo caso um dia seja necessária. Eu era camareira de sra. Welman em Hunterbury, e ela era muito gentil

comigo. Acabei grávida, e ela me apoiou e me aceitou de volta no serviço quando tudo estava resolvido, mas o bebê morreu. Minha patroa e Sir Lewis Rycroft gostavam muito um do outro, mas não podiam casar porque ele já tinha uma esposa, e ela estava num manicômio, a pobre. Ele era um cavalheiro educado e devotado à sra. Welman. Foi morto, e ela em seguida me contou que teria um filho. Depois disso, foi para a Escócia e me levou junto. A criança nasceu lá, em Ardlochrie. Bob Gerrard, que lavou as mãos e me abandonou quando engravidei, voltara a me escrever. O combinado foi que eu me casaria e moraria no Alojamento, e ele deveria pensar que o bebê era meu. Se morássemos na propriedade, pareceria natural que a sra. Welman acabasse se interessando pela criança, e ela cuidaria da educação da menina, dando-lhe um lugar no mundo. Pensou que seria melhor que Mary nunca soubesse da verdade. A sra. Welman deu a nós dois uma bela quantia de dinheiro, mas eu a teria ajudado mesmo sem isso. Fui bastante feliz com Bob, mas ele nunca se apegou à Mary. Segurei minha língua e jamais disse nada para ninguém, mas acho que é certo, caso eu morra, que deveria colocar tudo isso preto no branco.

Eliza Gerrard (nascida Eliza Riley)

Hercule Poirot inspirou profundamente e dobrou a carta novamente.

A enfermeira Hopkins perguntou ansiosamente:

– O que vai fazer a respeito? Estão todos mortos agora! Não serve para nada remexer nessas coisas. Todo mundo admirava a sra. Welman por essas bandas; nunca falaram nada contra ela. Todo esse escândalo antigo seria cruel. O mesmo vale para Mary. Era um doce de menina. Por que as pessoas precisam saber que era bastarda? Vamos deixar os mortos descansarem em paz em suas sepulturas, é o que digo.

Poirot sugeriu:

– É preciso considerar os vivos.

A enfermeira Hopkins disse:

– Mas isso não tem relação com o assassinato.

Hercule Poirot declarou com ar grave:

– Pode ter muita relação.

Saiu do chalé, deixando a enfermeira Hopkins boquiaberta, fitando-o ao

longe.

Andara um bocado quando percebeu passos hesitantes vindos logo atrás. Parou e virou-se.

Era Horlick, o jovem jardineiro de Hunterbury. Era o retrato do constrangimento, revirando e retorcendo a boina que segurava nas mãos.

– Me desculpe, senhor. Posso ter uma palavra com o senhor?

Horlick falou com uma espécie de engasgo:

– É claro. O que houve?

Horlick torceu a boina com ainda mais ferocidade. Desviou os olhos e aparentava o retrato da miséria e do constrangimento.

– É sobre o carro.

– O carro que estava do lado de fora do portão dos fundos naquela manhã?

– É, senhor. O dr. Lord disse hoje de manhã que não era o dele, *mas era*.

– Sabe isso de fato?

– Sei. Por causa do número, senhor. Era MSS 2022. Reparei em particular: MSS 2022. O senhor vê, nós conhecemos a placa no povoado e sempre chamamos de Miss Dois mais Dois! Tenho bastante certeza disso.

Poirot falou com um sorriso apagado:

– Mas o dr. Lord afirmou que estava em Withenbury naquela manhã.

Horlick falou com um ar lastimoso:

– Sim, senhor. Eu ouvi. Mas era o carro *dele*... Posso jurar.

Poirot falou com jeito:

– Obrigado, Horlick, talvez seja exatamente isso que você vá precisar fazer.

PARTE III

CAPÍTULO 1

I

Estava muito quente no tribunal? Ou muito frio? Elinor Carlisle não conseguia ter certeza. Às vezes, sentia-se queimando, como que ardendo em febre, e, logo em seguida, tremia.

Não ouviu o final do discurso do advogado de acusação. Ela retornara ao passado... recapitulou sem pressa toda a história mais uma vez, desde o dia em que aquela carta miserável chegara até o momento em que o policial imberbe afirmara com terrível fluência:

– A senhorita é Elinor Katharine Carlisle. Tenho aqui um mandado de prisão pela acusação de ter assassinado Mary Gerrard, tendo lhe administrado veneno no dia 27 de julho último, e devo adverti-la de que tudo o que disser será registrado por escrito e poderá ser utilizado como provas durante o seu julgamento.

Uma fluência terrível, assustadora... Sentiu-se aprisionada em uma máquina bem azeitada que funcionava muito bem: desumana, desapaixonada.

E agora lá estava ela, de pé no banco dos réus, exposta ao olhar penetrante da notoriedade pública, sob a mira de centenas de rostos que não eram nem impessoais nem inumanos, devorando e se deleitando...

Apenas o júri não a observava. Acanhados, mantinham os olhos diligentemente voltados para o lado oposto... Ela pensou: “É porque... em breve... eles sabem como vão se pronunciar...”.

II

Dr. Lord estava dando o seu testemunho. Era este o mesmo Peter Lord, aquele médico jovem sardento e jovial que fora tão simpático em Hunterbury? Estava todo duro. De uma rigidez profissional. Suas respostas chegavam monótonas: fora chamado por uma ligação telefônica para comparecer em Hunterbury Hall; tarde demais para fazer qualquer coisa; Mary Gerrard morrera poucos minutos depois de sua chegada; a morte era

consistente, em sua opinião, com envenenamento por morfina em uma de suas formas menos comuns: a variedade “foudroyante”.

Sir Edwin Bulmer levantou-se para interrogar.

– O senhor era o atendente médico habitual da falecida sra. Welman?

– Era.

– Durante suas visitas a Hunterbury em junho passado, teve a oportunidade de ver a acusada e Mary Gerrard juntas?

– Diversas vezes.

– Como o senhor descreveria a conduta da acusada para com Mary Gerrard?

– Perfeitamente agradável e natural.

Sir Edwin Bulmer perguntou com um sorriso desdenhoso:

– Nunca viu nenhum sinal do tal “ódio ciumento” do qual tanto ouvimos falar?

Peter Lord, com o maxilar assentado, afirmou com firmeza:

– Não.

Elinor pensou:

“*Mas ele viu, ele viu... Contou uma mentira por mim ali... Ele sabia...*”

Peter Lord foi sucedido pelo médico da polícia. Seu depoimento foi mais longo e detalhado. A morte fora causada por envenenamento por morfina da variedade “foudroyante”. Poderia, por gentileza, explicar melhor o termo? Com certo prazer, ele o fez. A morte por envenenamento por morfina pode ocorrer de diversas maneiras distintas. A mais comum era um período de intensa excitação seguida por sonolência e narcose, as pupilas dos olhos se contraíam. Outra forma, menos vulgar, fora chamada pelos franceses de “foudroyante”. Nesses casos, um sono profundo sobrevém em um tempo muito curto, em torno de dez minutos; as pupilas dos olhos em geral se dilatam...

III

O julgamento fora interrompido e retomado. Passaram algumas horas ouvindo testemunhos de especialistas médicos.

Dr. Alan Garcia, o distinto analista, cheio de terminologias cultas, falou

com gosto sobre o conteúdo estomacal: pão, patê de peixe, chá, presença de morfina... alguns vocábulos mais cultos e vários pontos decimais. Estimava-se que a quantidade absorvida pela falecida seria de uns quatro grãos. Bastava um para constituir uma dose fatal.

Sir Edwin levantou-se, ainda brando.

– Gostaria de deixar isso muito claro. O senhor não encontrou no estômago nada além de pão, manteiga, patê de peixe, chá e morfina. Não havia nenhum outro tipo de alimento?

– Nenhum.

– Ou seja, a falecida não comera nada além dos sanduíches e do chá por um tempo considerável?

– Correto.

– Havia algo que demonstrasse em qual veículo em particular a morfina fora administrada?

– Não estou entendendo.

– Vou simplificar a pergunta. A morfina poderia ter sido ingerida no patê de peixe, ou no pão, ou na manteiga do pão, ou no chá, ou no leite que fora acrescentado ao chá?

– Certamente.

– Não há nenhuma evidência em especial de que a morfina se encontrava no patê de peixe e não em nenhum dos outros veículos?

– Não.

– E, na realidade, a morfina *poderia* ter sido ingerida separadamente, ou seja, sem estar contida em qualquer veículo condutor? Poderia ter sido engolida de forma simples em comprimidos?

– Está correto, é claro.

Sir Edwin sentou-se.

Sir Samuel conduziu a acareação:

– Não obstante, o senhor é da opinião de que, não importando a forma como a morfina tenha sido ingerida, ela foi ingerida ao mesmo tempo do que as outras bebidas e comidas?

– Sim.

– Obrigado.

IV

O inspetor Brill fizera o juramento com fluência mecânica. Ficou lá parado, valente e imperturbável, desenrolando seu testemunho com tranquilidade ensaiada.

– Chamado até a casa... A acusada disse que “Deve ter sido patê de peixe estragado”... fizemos uma busca no local... um pote de patê que fora lavado estava no secador de louças na despensa, o outro estava pela metade... conduzimos mais uma busca na cozinha da despensa...

– O que encontraram?

– Em uma fresta atrás da mesa, entre as tábuas do piso, encontrei um pedaço diminuto de papel.

A prova foi mostrada ao júri.



– O que acreditou que fosse aquilo?

– Um fragmento rasgado de um rótulo impresso, do mesmo tipo usado nos vidros de morfina.

O advogado de defesa levantou-se com uma tranquilidade despreocupada e perguntou:

– Encontrou esse fragmento em uma fresta do piso?

– Sim.

– Faz parte de um rótulo?

– Sim.

– Encontrou o restante desse rótulo?

– Não.

– Não encontrou nenhuma ampola ou vidro ao qual o rótulo possa ter sido afixado?

– Não.

– Qual era o estado desse fragmento de papel quando o encontraram? Limpo ou sujo?

– Estava novo em folha.

– O que quer dizer com novo em folha?

– Havia poeira da superfície do piso sobre ele, mas, fora isso, estava bem limpo.

– Não poderia ter estado lá por muito tempo?

– Não, fora parar lá bem recentemente.

– O senhor diria, então, que o fragmento chegara lá no mesmo dia em que o encontraram, e não antes?

– Isso.

Com um resmungo, Sir Edwin sentou-se.

V

A enfermeira Hopkins foi para o banco. Tinha a face vermelha e a expressão moralista.

Mesmo assim, pensou Elinor, a enfermeira Hopkins não era tão assustadora quanto o inspetor Brill. Era a inumanidade do inspetor que era tão paralisante. Ele era tão definitivamente uma peça daquela grande máquina. A enfermeira Hopkins tinha paixões humanas, preconceitos.

– Seu nome é Jessie Hopkins?

– Sim.

– A senhora é uma enfermeira distrital certificada e reside em Rose Cottage, Hunterbury?

– Sim.

– Onde estava no último dia 28 de junho?

– Estava em Hunterbury Hall.

– Mandaram chamá-la?

– Sim. A sra. Welman teve um derrame... o segundo. Fui para assistir a enfermeira O’Brien até que encontrassem uma segunda enfermeira.

– Levou consigo uma pequena valise?

– Sim.

– Descreva para o júri o que havia dentro dela.

– Bandagens, curativos, uma seringa hipodérmica e certos medicamentos, incluindo um vidro de cloridrato de morfina.

– Por que motivo o vidro se encontrava lá?

– Um dos pacientes do vilarejo precisava receber injeções hipodérmicas de morfina pela manhã e à noite.

– Qual era o conteúdo do vidro?

– Havia vinte comprimidos, cada um contendo meio grão de cloridrato de morfina.

– O que fez com a valise?

– Deixei no corredor.

– Isso foi na noite do dia 28. Quando teve a chance de novamente revisar a valise?

– Na manhã seguinte, por volta das nove horas, quando me preparava para deixar a casa.

– Faltava alguma coisa?

– O vidro de morfina havia sumido.

– Mencionou esse fato?

– Falei sobre isso com a enfermeira O'Brien, a enfermeira encarregada da paciente.

– Essa valise ficou parada no corredor, onde pessoas têm o hábito de transitar, de ir e vir?

– Sim.

Sir Samuel fez uma pausa. Então perguntou:

– Conhecia intimamente a garota morta, Mary Gerrard?

– Conhecia.

– Qual era a sua opinião sobre ela?

– Era uma menina muito doce... uma boa menina.

– Era de temperamento feliz?

– Muito feliz.

– Não tinha problemas que a senhora saiba?

– Não.

– Na época de sua morte, havia qualquer coisa que a preocupasse ou a deixasse infeliz quanto ao futuro?

– Nada.

– Não teria motivos para tirar a própria vida?

– Nenhum motivo.

Aquilo não tinha fim, a história condenatória. Como a enfermeira Hopkins acompanhara Mary até o Alojamento, o aparecimento de Elinor, seu comportamento excitável, o convite para comer sanduíches, o prato sendo servido primeiro para Mary. A sugestão de Elinor de que tudo fosse lavado e a posterior sugestão para que a enfermeira Hopkins subisse com ela para ajudar a separar as roupas.

Houve frequentes interrupções e objeções de Sir Edwin Bulmer.

Elinor pensou:

– Sim, é tudo verdade... e ela acredita. Tem certeza de que fui eu. E cada palavra que diz é verdade... isso é o mais terrível. É tudo pura verdade.

Mais uma vez, ao olhar para o outro lado do tribunal, viu o rosto de Hercule Poirot, contemplando-a pensativo, com expressão quase gentil. *Olhando para ela como quem sabe de muita coisa...*

O pedaço de papelão com o fragmento do rótulo colado nele foi passado para a testemunha.

– Sabe o que é isso?

– Um pedaço de rótulo.

– Pode informar ao júri de que rótulo?

– Sim... é parte de um rótulo tirado de um vidro de comprimidos hipodérmicos. Tabletes de morfina, de meio grão, como o que perdi.

– Tem certeza disso?

– É claro que tenho certeza. Saiu do meu vidro.

O juiz indagou:

– Há alguma marca especial nele através da qual pode identificá-lo como sendo do tubo que a senhora perdeu?

– Não, meu senhor, mas deve ser o mesmo.

– Na verdade, tudo o que pode afirmar é que é exatamente similar?

– Bem, sim, é o que quis dizer.

A sessão foi suspensa.

CAPÍTULO 2

I

Era um novo dia.

Sir Edwin Bulmer estava de pé conduzindo sua interrogação. Não estava mais brando. Falou com aspereza:

– Esta é a valise da qual tanto ouvimos falar. No dia 28 de junho, foi deixada no corredor principal de Hunterbury durante toda a noite?

A enfermeira Hopkins concordou.

– Foi.

– Uma atitude bastante descuidada, não é mesmo?

A enfermeira Hopkins corou.

– Sim, suponho que tenha sido.

– Tem o costume de deixar drogas perigosas largadas por aí onde qualquer um pode ter acesso?

– Não, é claro que não.

– Oh! Não tem? Mas nesta ocasião o fez?

– Sim.

– E é fato, não é, que *qualquer um na casa* poderia ter apanhado a morfina se quisesse?

– Suponho que sim.

– Não suponha. Foi assim, não foi?

– Bem, sim.

– Não era apenas a srta. Carlisle que poderia ter acesso? Qualquer um dos criados poderia. Ou o dr. Lord. Ou o sr. Roderick Welman. Ou a enfermeira O'Brien. Ou a própria Mary Gerrard.

– Suponho que sim... sim.

– É isso, não é?

– É.

– Alguém estava ciente de que a senhora tinha morfina naquela valise?

– Não sei.

– Conversou sobre o assunto com alguém?

– Não.

– Então, é fato que a srta. Carlisle não teria como saber que havia morfina lá?

– Pode ter espiado para ver.

– Isso é bastante improvável, não é?

– Não sei, isso é certo.

– Havia pessoas com maior probabilidade de saber sobre a morfina do que a srta. Carlisle. O dr. Lord, por exemplo. Ele saberia. Estava ministrando essa morfina por ordem dele, não estava?

– Evidente.

– Mary Gerrard também sabia que o medicamento estava lá?

– Não, não sabia.

– Ela ia com frequência ao seu chalé, não ia?

– Não com muita frequência.

– Sugiro à senhora que ela andava lá com bastante frequência e que ela, de todas as pessoas da casa, teria maior probabilidade de adivinhar que havia morfina na valise.

– Não concordo.

Sir Edwin fez uma pausa.

– Contou à enfermeira O'Brien pela manhã que a morfina havia sumido?

– Contei.

– Eu lhe digo que o que relatou de fato foi: "Deixei a morfina em casa. Vou precisar voltar lá para apanhar".

– Não, não disse.

– Não sugeriu que a morfina fora deixada sobre a lareira no seu chalé?

– Bem, quando não a encontrei, pensei que deveria ter acontecido isso.

– Na verdade, não sabia realmente o que fizera com o vidro!

– Sim, sabia. Coloquei na valise.

– Então por que sugeriu na manhã do dia 29 de junho que havia esquecido em casa?

– Porque achei que tivesse feito isso.

– Eu lhe digo que a senhora é muito descuidada.

– Não é verdade.

– Faz declarações bastante errôneas às vezes, não faz?

– Não, não faço. Sou muito cuidadosa com o que digo.

– Fez um comentário sobre ter sido espetada por uma roseira no dia 27 de julho, mesmo dia da morte de Mary Gerrard?

– Não vejo o que isso tem a ver com o assunto!

O juiz interveio:

– Isso é relevante, Sir Edwin?

– Sim, meritíssimo, é parte essencial da defesa e pretendo chamar testemunhas para provar que a declaração tratava-se de uma mentira.

Retomou:

– Ainda afirma que espetou seu pulso em uma roseira no dia 27 de julho?

– Sim, afirmo.

A enfermeira Hopkins estava insolente.

– E quando espetou?

– Um pouco antes de sair do Alojamento e subir até a casa na manhã do dia 27 de julho.

Sir Edwin perguntou de modo cético:

– E que roseira foi essa?

– Uma trepadeira que fica no pátio do Alojamento, com flores cor-de-rosa.

– Tem certeza?

– Bastante certeza.

Sir Edwin fez uma pausa, então perguntou:

– Insiste em afirmar que a morfina estava na valise quando foi a Hunterbury no dia 28 de junho?

– Sim. Tinha o vidro comigo.

– Suponhamos que, daqui a pouco, a enfermeira O’Brien sente aí no banco e jure que a senhora havia dito que provavelmente deixara o vidro em casa?

– Estava na minha valise. Estou segura disso.

Sir Edwin suspirou.

– Não ficou apreensiva com o desaparecimento da morfina?

– Não... apreensiva... não.

– Ah, então estava bastante tranquila, a despeito do fato de que uma grande quantidade de uma droga perigosa havia desaparecido?

– Na hora, não pensei que alguém tivesse pegado.

– Entendo. Apenas não conseguia se lembrar na hora o que havia feito com aquilo?

– De jeito nenhum. Estava na valise.

– Vinte tabletes de meio grão... ou seja, dez grãos de morfina. O suficiente para matar várias pessoas, não é mesmo?

– Sim.

– Mas não ficou apreensiva... e nem chegou a reportar a perda oficialmente?

– Achei que estava tudo bem.

– Sugiro que, se a morfina de fato desaparecera da forma como aconteceu, a senhora teria sido obrigada, como uma pessoa conscienciosa, a reportar o fato oficialmente.

A enfermeira Hopkins, com o rosto muito vermelho, disse:

– Bem, não o fiz.

– Foi com certeza um exemplo de descuido criminoso de sua parte? Não parece levar suas responsabilidades muito a sério. Com frequência extravia essas drogas perigosas?

– Nunca aconteceu antes.

Aquilo seguiu por alguns minutos. A enfermeira Hopkins, afobada, com o rosto vermelho, se contradizia... uma presa fácil para a habilidade de Sir Edwin.

– É fato que na quinta-feira, dia 6 de julho, a garota morta, Mary Gerrard, fez um testamento?

– Fez.

– Por que ela fez isso?

– Por achar que era a coisa certa a se fazer. E era.

– Tem certeza de que não era porque ela estava deprimida e insegura quanto ao futuro?

– Tolice.

– Mostrava, no entanto, que a ideia de morte estava presente na cabeça dela... que estava cismada com o assunto.

– De jeito nenhum. Apenas achou que era a coisa certa a se fazer.

– É este o testamento? Assinado por Mary Gerrard, testemunhado por Emily Biggs e Roger Wade, assistentes de confeiteiro, e deixando tudo o que fosse de sua posse no momento da morte para Mary Riley, irmã de Eliza Riley?

– Isso mesmo.

Foi entregue ao júri.

– Segundo o seu conhecimento, Mary Gerrard tinha alguma propriedade

para deixar?

– Não, naquele momento não tinha.

– Mas em breve teria?

– Sim.

– Não é fato que uma quantia considerável de dinheiro, duas mil libras, estava sendo presenteada à Mary pela srta. Carlisle?

– Sim.

– Não havia nenhuma pressão para que a srta. Carlisle fizesse isso? Foi um impulso totalmente generoso da parte dela?

– Ela fez por vontade própria, sim.

– Mas, certamente, se tivesse odiado Mary Gerrard, como foi sugerido, não teria, por vontade própria, entregue uma grande quantia de dinheiro.

– Pode ser.

– O que quer dizer com essa resposta?

– Não quero dizer nada.

– Exato. Agora, ouviu alguma fofoca local sobre Mary Gerrard e sr. Roderick Welman?

– Ele estava encantado com ela.

– Tem alguma prova disso?

– Eu sabia, só isso.

– Ah, a senhora "sabia". Receio que isso não seja muito convincente para o júri. Disse alguma vez que Mary não deveria se envolver com ele porque estava noivo de srta. Elinor, e ela repetiu o mesmo para ele em Londres?

– Foi o que ela me contou.

Sir Samuel Attenbury voltou a interrogar:

– Quando Mary Gerrard estava conversando com a senhora sobre o conteúdo do testamento, a acusada espiou pela janela?

– Sim, espiou.

– O que ela disse?

– Disse: "Então está fazendo seu testamento, Mary. Que engraçado". E riu. Riu às gargalhadas. E é minha opinião – disse a testemunha com maldade – que foi naquele momento que lhe ocorreu a ideia. A ideia de dar um fim na menina! Estava com assassinato no coração naquele mesmo minuto.

O juiz falou com rispidez:

– Limite-se a responder as perguntas que lhe são feitas. A última parte

da resposta deve ser riscada...

Elinor pensou: “Que estranho... Quando alguém diz uma verdade, eles riscam...”.

Teve vontade de dar uma gargalhada histérica.

II

A enfermeira O’Brien estava no banco.

– Na manhã de 29 de junho, a enfermeira Hopkins lhe fez alguma declaração?

– Sim. Disse que sumira um vidro de cloridrato de morfina da valise dela.

– O que a senhora fez?

– Ajudei-a a procurar.

– Mas não encontraram?

– Não.

– Segundo o seu conhecimento, a valise fora deixada durante a noite no corredor?

– Sim.

– O sr. Welman e a acusada estavam ambos hospedados na casa na ocasião da morte de sra. Welman, ou seja, nos dias 28 e 29 de junho?

– Sim.

– Pode nos contar sobre o incidente ocorrido no dia 29 de junho, o dia seguinte à morte de sra. Welman?

– Vi o sr. Roderick Welman com Mary Gerrard. Ele dizia que a amava e tentou beijá-la.

– Estava naquele momento noivo da acusada?

– Estava.

– O que aconteceu depois?

– Mary disse que ele deveria se envergonhar, sendo noivo da srta. Elinor!

– Na sua opinião, qual era o sentimento da acusada com relação à Mary Gerrard?

– Ela a odiava. Ficava olhando para ela como se desejasse destruí-la.

Sir Edwin deu um salto.

Elinor pensou: “Por que ficam brigando por conta disso? Faz alguma *diferença*?”.

Sir Edwin Bulmer contrainterrogou:

– Não é verdade que a enfermeira Hopkins afirmou pensar que teria deixado a morfina em casa?

– Bem, entenda, foi assim, depois...

– Por gentileza, responda à minha pergunta. Ela não disse que havia provavelmente esquecido a morfina em casa?

– Disse.

– Não estava de fato preocupada naquela hora com isso?

– Não, não naquela hora.

– Porque achou que havia esquecido em casa. Então, naturalmente, não estava apreensiva.

– Não podia imaginar que alguém tivesse pegado.

– Exato. Foi apenas depois da morte de Mary Gerrard que a imaginação dela se pôs a funcionar.

O juiz interrompeu.

– Acho, Sir Edwin, que já examinamos esse ponto com a testemunha anterior.

– Como sua excelência desejar.

– Agora, com respeito à atitude da acusada em relação à Mary Gerrard, não houve nenhuma discussão entre as duas em nenhum momento?

– Nenhuma discussão.

– A srta. Carlisle fora sempre simpática com a outra moça?

– Sim. Era o jeito como olhava para ela.

– Sim, sim... sim. Mas não podemos nos basear nesse tipo de coisa. É irlandesa, não é?

– Sou.

– E os irlandeses têm uma imaginação bastante fértil, não têm?

A enfermeira O’Brien clamou nervosa:

– Cada palavra do que contei é verdade.

III

Sr. Abbott, o merceeiro, no banco. Agitado... inseguro (levemente animado, no entanto, com a importância que estavam lhe dando). Seu testemunho foi breve. A compra de dois potes de patê de peixe. A acusada mencionara: “Há muita intoxicação alimentar com patê de peixe”. Parecera nervosa e esquisita.

Não houve contrainterrogação.

CAPÍTULO 3

I

Discurso de abertura da defesa:

– Senhores do júri, poderei, se assim desejar, propor aos senhores que não existe nenhum caso contra a acusada. O ônus da prova cabe à acusação e, na minha opinião – e não tenho dúvida de que também na sua – eles não provaram nada! A acusação assevera que Elinor Carlisle, tendo conseguido estar de posse da morfina (que qualquer outra pessoa na casa tinha igual oportunidade de furtar e sobre a qual paira uma dúvida considerável sobre se um dia chegou a estar presente na casa), procede a envenenar Mary Gerrard. Nesse ponto, a acusação está confiando apenas na oportunidade. Tem procurado provar um motivo, mas submeto que é justamente o que não conseguiram fazer. Pois, membros do júri, não há motivo! A acusação falou de um noivado rompido. Eu lhes pergunto: um noivado rompido! Se um noivado rompido for motivo para assassinato, por que não estamos vendo assassinatos acontecerem todos os dias? E esse noivado, prestem atenção, não era um romance de paixão desesperada, era um noivado que fora contraído principalmente por razões familiares. A srta. Carlisle e o sr. Welman haviam crescido juntos e gradualmente foram passando para uma ligação mais afetuosa, mas minha intenção é provar a vocês que se tratava no máximo de um romance muito tépido.

(Oh, Roddy... Roddy. Um romance tépido?)

– Além disso, esse noivado foi rompido não pelo sr. Welman... mas pela prisioneira. Submeto a vocês que o noivado entre Elinor Carlisle e Roderick Welman fora contraído principalmente para agradar à velha sra. Welman. Quando esta faleceu, ambas as partes perceberam que seus sentimentos não eram fortes o suficiente para justificar que contraíssem matrimônio. Permaneceram, no entanto, bons amigos. Além disso, Elinor Carlisle, que herdara a fortuna da tia, com a gentileza de sua natureza, planejava destinar uma quantia considerável de dinheiro para Mary Gerrard. E essa é a moça que ela é acusada de envenenar! A coisa toda é uma comédia!

"O único fator que existe contra Elinor Carlisle é o das circunstâncias

sob as quais o envenenamento se deu.

"A acusação afirma para esse efeito que:

"Ninguém, exceto Elinor Carlisle, poderia ter matado Mary Gerrard. Por consequência, precisou procurar por um motivo possível. Mas, como já lhes disse, foi incapaz de encontrar um motivo porque não existe nenhum.

"Agora, é mesmo verdade que ninguém, exceto Elinor Carlisle, poderia ter matado Mary Gerrard? Não, não é. Existe a possibilidade de que Mary Gerrard tenha cometido suicídio. Existe a possibilidade de que alguém tenha envenenado os sanduíches enquanto Elinor Carlisle estava fora da casa no Alojamento. Existe uma terceira possibilidade. É uma lei fundamental da comprovação que, se for possível demonstrar a existência de uma teoria alternativa que seja plausível e consistente com as provas, o acusado deva ser absolvido. Proponho demonstrar que havia outra pessoa que não apenas teve igual oportunidade para envenenar Mary Gerrard, mas que tinha um motivo muito melhor para fazê-lo. Proponho chamar testemunhas mostrando haver outra pessoa com acesso à morfina, a qual tinha um motivo muito forte para matar Mary Gerrard, e posso demonstrar que essa pessoa teve uma oportunidade tão boa quanto para fazê-lo. Exponho que nenhum júri no mundo vai condenar esta mulher por assassinato quando não há provas contra ela, exceto a da oportunidade, e quando é possível demonstrar que existem não apenas evidências de oportunidade condenando outra pessoa, mas também um motivo esmagador. Também chamarei testemunhas que provem que houve perjúrio proposital por parte de uma das testemunhas perante a Coroa. Mas, primeiro, vou chamar a prisioneira para que ela possa contar-lhes sua própria história e para que vejam por si mesmos o quão infundadas são as acusações feitas contra ela."

II

Ela fizera o juramento. Estava respondendo às perguntas de Sir Edwin com uma voz baixa. O juiz debruçou-se para frente. Pediu para que falasse mais alto...

Sir Edwin falava com suavidade, encorajando-a... todas as perguntas para as quais ela ensaiara as respostas.

– Tinha afeto por Roderick Welman?

– Muito afeto. Era como um irmão para mim... ou primo. Sempre pensei nele como um primo.

"O noivado... fomos impelidos... muito aprazível casar-se com alguém que se conhece a vida toda..."

– Não era então, talvez, o que se chamaria de um caso de amor apaixonado?

(Apaixonado? Oh, Roddy...)

– Bem, não... como o senhor vê, nos conhecíamos tão bem.

– Depois da morte da sra. Welman, houve um leve sentimento de tensão entre vocês?

– Sim, houve.

– Como explica o que ocorreu?

– Acho que em parte foi pelo dinheiro.

– O dinheiro?

– Sim. Roderick sentia-se desconfortável. Achava que as pessoas pensariam que estava se casando comigo por conta disso...

– O noivado não foi rompido por causa de Mary Gerrard?

– Achei que Roderick ficara encantado com ela, mas não acreditei que fosse nada sério.

– Teria ficado revoltada se fosse?

– Oh, não. Teria achado bastante inoportuno, só isso.

– Agora, srta. Carlisle, responda-me. A senhorita pegou ou não pegou um vidro de morfina da valise da enfermeira Hopkins no dia 28 de junho?

– Não peguei.

– Em algum momento esteve de posse de morfina?

– Nunca.

– Estava ciente de que sua tia não deixara um testamento?

– Não. Foi uma grande surpresa para mim.

– Achou que ela estava tentando lhe transmitir uma mensagem na noite do dia 28 de junho quando morreu?

– Entendi que ela não deixara provisões para Mary Gerrard e que estava ansiosa para fazê-lo.

– E, a fim de satisfazer o desejo dela, a senhorita por si só estava preparada a destinar uma quantia de dinheiro para a moça?

– Sim. Queria cumprir os desejos de tia Laura. E estava agradecida pela

gentileza que Mary demonstrara para com a minha tia.

– No dia 26 de julho, a senhorita foi de Londres a Maidensford e ficou hospedada no King's Arms?

– Sim.

– Qual era o seu objetivo com a visita?

– Recebera uma proposta pela casa, e o homem que a comprou queria tomar posse o mais rápido possível. Precisava separar as coisas pessoais de minha tia e deixar tudo ajeitado de maneira geral.

– Comprou várias provisões a caminho do casarão no dia 27 de julho?

– Sim. Pensei que seria mais fácil fazer um lanche lá mesmo em vez de voltar para o povoado.

– Então seguiu para a casa e separou os pertences pessoais de sua tia?

– Sim.

– E depois?

– Desci até a despensa e preparei alguns sanduíches. Então fui até o Alojamento e convidei a enfermeira distrital e Mary Gerrard para virem até a casa.

– Por que fez isso?

– Quis evitar que precisassem fazer uma caminhada no calor do dia retornando até o povoado para depois voltar ao Alojamento.

– Foi, de fato, uma atitude natural e gentil de sua parte. Elas aceitaram o convite?

– Aceitaram. Caminharam comigo até a casa.

– Onde haviam sido preparados os sanduíches?

– Eu os deixara em um prato na despensa.

– A janela estava aberta?

– Estava.

– Qualquer um poderia ter entrado na despensa enquanto esteve ausente?

– Certamente.

– Se alguém a observava do lado de fora enquanto preparava os sanduíches, o que teria pensado?

– Imaginou que estava me preparando para fazer um lanche.

– Não poderiam saber, poderiam, que alguém mais compartilharia daquele lanche?

– Não. Só me ocorreu a ideia de convidar as outras duas quando vi a

quantidade de comida que eu tinha.

– Então, se alguém tivesse entrado na casa durante sua ausência e posto morfina em um dos sanduíches, teria sido *a senhorita* a pessoa a quem estariam tentando envenenar?

– Bem, sim, teria sido.

– O que aconteceu quando todas vocês chegaram de volta à casa?

– Fomos até o salão matinal. Apanhei os sanduíches e os ofereci às duas.

– Bebeu alguma coisa com elas?

– Tomei água. Havia cerveja sobre a mesa, mas a enfermeira Hopkins e Mary preferiram chá. A enfermeira Hopkins foi até a despensa e preparou. Trouxe em uma bandeja e Mary serviu.

– A senhorita tomou um pouco?

– Não.

– Mas Mary Gerrard e a enfermeira Hopkins beberam chá?

– Sim.

– O que aconteceu depois?

– A enfermeira Hopkins saiu e foi desligar o fogareiro.

– Deixando a senhorita e Mary Gerrard a sós?

– Sim.

– O que aconteceu depois?

– Depois de poucos minutos, recolhi a bandeja e o prato de sanduíches e levei-os até a despensa. A enfermeira Hopkins estava lá, e lavamos a louça juntas.

– A enfermeira Hopkins havia tirado os punhos do uniforme?

– Sim. Estava lavando a louça, enquanto eu secava.

– A senhorita fez algum comentário sobre um arranhão no pulso dela?

– Perguntei se havia se picado.

– E o que ela respondeu?

– Disse: “Foi um espinho da roseira em frente ao Alojamento. Já vou retirar”.

– E como ela estava naquele momento?

– Acho que estava sentindo calor. Perspirava, e o rosto estava com uma coloração estranha.

– O que aconteceu depois disso?

– Subimos, e ela me ajudou com as coisas de minha tia.

– Que horas eram quando vocês desceram de novo?

– Deve ter sido uma hora mais tarde.

– Onde estava Mary Gerrard?

– Sentada no salão matinal. Respirava de um jeito muito estranho e estava em coma. Chamei o médico, seguindo as instruções da enfermeira Hopkins. Ele chegou pouco antes de ela falecer.

Sir Edwin ajeitou os ombros com ar dramático.

– *Srta. Carlisle, a senhorita matou Mary Gerrard?*

(É a sua deixa! Cabeça erguida, olhar firme.)

– *Não!*

III

Sir Samuel Attenbury. O coração deu um pulo.

Agora estava à mercê de um inimigo! Acabaram-se as gentilezas, acabaram-se as perguntas para as quais sabia a resposta!

Mas ele começou de mansinho.

– Estava noiva, a senhorita nos disse, de sr. Roderick Welman?

– Estava.

– Tinha-lhe muita afeição?

– Muita.

– Eu lhe digo que estava perdidamente apaixonada por Roderick Welman e que sofria de um ciúme enlouquecido do amor que ele sentia por Mary Gerrard?

– Não. (Será que soou apropriadamente indignado aquele “não”?)

Sir Samuel falou em tom ameaçador:

– Sugiro que planejou deliberadamente tirar essa garota do caminho, na esperança de que Roderick Welman voltasse para a senhorita.

– É certo que não. (Desdenhosa... um pouco cansada. Essa saiu melhor.)

As perguntas prosseguiram. Era como um sonho... um sonho ruim... um pesadelo...

Pergunta atrás de pergunta... perguntas horríveis, dolorosas... Para algumas delas, estava preparada, outras a pegaram de surpresa...

Sempre tentando lembrar de seu papel. Nunca, em nenhum momento, poderia admitir e dizer:

– Sim, eu a odiava... Sim, eu a queria morta... Sim, durante todo o tempo em que preparava os sanduíches, eu pensava na morte dela...

Permanecer calma e fria, respondendo com brevidade e o menor grau de emoção possível...

Lutando...

Lutando a cada palmo do caminho...

Acabou... O homem horrível com o nariz de judeu estava se sentando. E a voz gentil, untuosa de Sir Edwin Bulmer fazia outras perguntas. Perguntas fáceis, agradáveis, destinadas a remover qualquer má impressão que possa ter causado quando fora contrainterrogada...

Estava de volta ao banco. Olhando para o júri e se perguntando...

IV

Roddy. Roddy parado lá, piscando um pouco, odiando tudo. Roddy... parecendo de alguma forma... não muito *real*.

Contudo nada mais era real. Tudo rodava de um jeito diabólico. Preto era branco e embaixo era em cima e leste era oeste... E não sou Elinor Carlisle; sou a “acusada”. E, se me enforcam ou me liberam, nada mais será como antes. E se houvesse ao menos uma coisa... uma única coisa razoável e concreta onde me segurar...

(O rosto de Peter Lord, quem sabe, com suas sardas e aquele ar extraordinário de que tudo acontecia como de costume...)

Onde Sir Edwin queria chegar agora?

– Pode nos dizer qual a situação dos sentimentos da srta. Carlisle com relação ao senhor?

Roddy respondeu com sua voz precisa:

– Diria que ela era profundamente apegada a mim, mas com certeza não sentia uma paixão desesperadora.

– Considerava seu noivado satisfatório?

– Ah, muito. Tínhamos muito em comum.

– Pode relatar ao júri, sr. Welman, exatamente o motivo pelo qual o noivado foi desfeito?

– Bem, depois da morte da sra. Welman, ficamos paralisados, um tanto

em choque. Não gostava da ideia de me casar com uma mulher rica quando eu mesmo não tinha um centavo. Na verdade, o noivado foi dissolvido de comum acordo. Estávamos ambos bastante aliviados.

– Agora, pode nos contar exatamente a natureza de sua relação com Mary Gerrard?

(Oh, Roddy, pobre Roddy, o quanto deve estar odiando tudo isso!)

– Eu a achava muito bonita.

– Estava apaixonado por ela?

– Só um pouco.

– Quando a viu pela última vez?

– Deixe-me ver. Deve ter sido entre cinco e seis de julho.

Sir Edwin afirmou com o tom um pouco duro:

– Encontrou-se com ela depois disso, eu acho.

– Não, fui para o exterior... para Veneza e Dalmácia.

– Retornou à Inglaterra... quando?

– Quando recebi um telegrama... deixe-me ver... deve ter sido no dia primeiro de agosto.

– Mas esteve na verdade na Inglaterra no dia 27 de julho.

– Não.

– Vamos, sr. Welman. Está sob juramento, lembre-se. Não é fato que seu passaporte demonstra que retornou à Inglaterra no dia 25 de julho e partiu de novo na noite do dia 27?

A voz de Sir Edwin continha uma nuance levemente ameaçadora. Elinor franziu a testa, de repente fora catapultada de volta à realidade. Por que a defesa estava intimidando sua própria testemunha?

Roderick empalidecera um bocado. Ficou um silêncio por um ou dois minutos, então falou com esforço.

– Bem... sim, é isso.

– Foi encontrar-se com essa moça Mary Gerrard em Londres no dia 25 na hospedaria dela?

– Sim, fui.

– Pediu-a em casamento?

– Hã... hã... sim.

– O que ela respondeu?

– Recusou.

– Não é um homem rico, sr. Welman?

– Não.

– E está afundado em dívidas?

– O que o senhor ter a ver com isso?

– Não estava ciente do fato que a srta. Carlisle deixara todo o dinheiro dela para o senhor na eventualidade de sua morte?

– É a primeira vez que ouço falar disso.

– Esteve em Maidensford na manhã de 27 de julho?

– Não estive.

Sir Edwin sentou-se.

O advogado de acusação disse:

– Afirma que, na sua opinião, a acusada não estava desesperadamente apaixonada pelo senhor.

– Foi o que eu disse.

– É um homem cavalheiresco, sr. Welman?

– Não entendo aonde quer chegar.

– Se uma dama estivesse profundamente apaixonada pelo senhor, e não fosse apaixonado por ela, sentir-se-ia na obrigação de disfarçar o fato?

– É certo que não.

– Que escola frequentou, sr. Welman?

– Eton.

Sir Samuel disse com um sorriso discreto:

– Isso é tudo.

V

Alfred James Wargrave.

– É um criador de rosas e mora em Emsworth, Berks?

– Sim.

– No dia 20 de outubro foi a Maidensford e examinou uma roseira que está plantada no Alojamento de Hunterbury Hall?

– Fui.

– Pode descrever a planta?

– É uma rosa trepadeira, *Zephyrine Drouhin*. Dá uma flor rosa de aroma adocicado. Não contém espinhos.

– Seria impossível alguém se picar em uma roseira com essa descrição?

– Seria bastante impossível. É uma roseira desprovida de espinhos.

Não houve contrainterrogação.

VI

– O senhor é James Arthur Littledale. É um farmacêutico qualificado e empregado pela distribuidora de produtos farmacêuticos Jenkins & Hale?

– Sou.

– Pode me dizer que pedaço de papel é esse?

A evidência lhe foi entregue.

– É o fragmento de um de nossos rótulos.

– Que espécie de rótulo?

– O rótulo que anexamos aos vidros de comprimidos hipodérmicos.

– Há material suficiente para que nos diga definitivamente qual droga estava no vidro ao qual esse rótulo estava anexado?

– Sim. Diria com bastante segurança que o vidro em questão continha comprimidos hipodérmicos de cloridrato de apomorfina 1/20 grãos.

– Não era cloridrato de morfina?

– Não, não poderia ser.

– Por quê?

– Em um vidro desses, a palavra Morfina seria escrita com M maiúsculo. O final da frase onde aparece o m ali, examinado com minha lupa, mostra claramente que é parte de um m minúsculo, não de um M maiúsculo.

– Por favor, permita que o júri examine o rótulo com a lente de aumento. O senhor tem seus rótulos aqui consigo para demonstrar o que está dizendo?

Os rótulos foram entregues ao júri.

Sir Edwin deu seguimento:

– O senhor afirma que isso pertence a um vidro de cloridrato de apomorfina? O que exatamente é cloridrato de apomorfina?

– A fórmula é C17H17NO2. É um derivado da morfina preparado através da saponificação da morfina ao aquecê-la com ácido clorídrico diluído em vidros selados. A morfina perde uma molécula de água.

– E quais são as propriedades especiais da apomorfina?

Sr. Littledale disse baixinho:

– Apomorfina é o emético mais rápido e mais poderoso que conhecemos. Age em questão de poucos minutos.

– Então, se alguém houvesse ingerido uma dose mortal de morfina e fosse *injetar uma dose de apomorfina hipodermicamente poucos minutos depois*, o que resultaria?

– Começaria a vomitar quase que imediatamente, e a morfina seria expelida do sistema.

– Por conseguinte, se duas pessoas fossem compartilhar do mesmo sanduíche *ou beber do mesmo bule de chá*, e uma delas fosse se injetar a dose de apomorfina por via hipodérmica, qual seria o resultado, supondo que a comida ou a bebida compartilhada contivesse morfina?

– A comida ou a bebida junto com a morfina seriam vomitadas pela pessoa que injetou a apomorfina.

– E essa pessoa não passaria mal depois?

– Não.

Houve uma súbita comoção no tribunal e o juiz ordenou silêncio.

VII

– A senhora é Amelia Mary Sedley e reside no número 17 de Charles Street, Boonamba, Auckland?

– Sim.

– Conhece alguém chamada sra. Draper?

– Sim. Eu a conheço há mais de vinte anos.

– Sabe o nome de solteira dela?

– Sim. Fui ao casamento. O nome dela era Mary Riley.

– Ela é natural da Nova Zelândia?

– Não, é natural da Inglaterra.

– Está no tribunal desde o início deste julgamento?

– Sim, estou.

– Viu esta Mary Riley... ou Draper... no tribunal?

– Vi.

– Onde a viu?

– Dando testemunho neste banco.

– Usando qual nome?

– Jessie Hopkins.

– E está bastante segura de que essa Jessie Hopkins é a mulher que conhece como Mary Riley ou Draper?

– Sem dúvida.

Uma leve comoção no fundo da sala.

– Quando foi a última vez em que viu Mary Draper... antes do dia de hoje?

– Cinco anos atrás. Ela foi embora para a Inglaterra.

Sir Edwin disse com uma reverência:

– A testemunha é sua.

Sir Samuel, levantando-se com a expressão levemente perplexa, começou:

– Eu lhe sugiro, sra... Sedley, que pode estar enganada.

– Não estou enganada.

– Pode ter se confundido por uma semelhança casual.

– Conheço muito bem Mary Draper.

– A enfermeira Hopkins é uma enfermeira distrital certificada.

– Mary Draper era enfermeira de hospital antes de se casar.

– Entende, não é mesmo, que está acusando uma testemunha da Coroa de perjúrio?

– Entendo o que estou declarando.

VIII

– Edward John Marshall, o senhor morou alguns anos em Auckland, Nova Zelândia, e agora reside no número 14 em Wren Street, Deptford?

– Está correto.

– Conhece Mary Draper?

– Convivi com ela por anos na Nova Zelândia.

– O senhor a viu hoje no tribunal?

– Vi. Ela se disse Hopkins, mas era a sra. Draper mesmo.

O juiz levantou a cabeça. Falou em tom baixo, claro e penetrante.

– Seria desejável, creio, que a testemunha Jessie Hopkins fosse chamada mais uma vez.

Uma pausa para o burburinho.

– Meritíssimo, Jessie Hopkins abandonou o tribunal há poucos minutos.

IX

– Hercule Poirot.

Hercule Poirot subiu ao banco, fez o juramento, torceu o bigode e esperou com a cabeça inclinada para o lado. Forneceu nome, endereço e profissão.

– Monsieur Poirot, reconhece este documento?

– Evidente.

– Como foi que originalmente chegou até o senhor?

– Ele me foi entregue pela enfermeira distrital, a enfermeira Hopkins.

Sir Edwin disse:

– Com sua permissão, meritíssimo, vou ler em voz alta, e então pode passar para o júri.

CAPÍTULO 4

I

Argumento final da defesa.

– Senhores do júri, a responsabilidade agora está em suas mãos. Cabe aos senhores dizerem se Elinor Carlisle sairá do tribunal em liberdade. Se, após os testemunhos que ouviram, estiverem satisfeitos com a ideia de que Elinor Carlisle envenenou Mary Gerrard, então, é sua obrigação pronunciá-la culpada.

"Mas, se lhes parecer que existem provas igualmente fortes e quiçá muito mais fortes, contra outra pessoa, então é sua obrigação libertar a acusada sem maiores dificuldades.

"Até este momento, devem ter percebido que os fatos do caso são muito diferentes do que inicialmente aparentavam ser.

"Ontem, depois do testemunho dramático dado por M. Hercule Poirot, chamei outras testemunhas para provarem, além de qualquer dúvida possível, que a moça Mary Gerrard era filha ilegítima de Laura Welman. Sendo isso verdade, entende-se, conforme o excelentíssimo juiz vai sem dúvida instruí-los, que o familiar mais próximo de sra. Welman não era a sobrinha, Elinor Carlisle, mas a filha ilegítima que era conhecida como Mary Gerrard. E, portanto, Mary Gerrard, com a morte de sra. Welman, herdou uma vasta fortuna. Este, senhores, é o ponto crucial da situação. Uma soma na casa das duzentas mil libras fora herdada por Mary Gerrard. Mas ela própria não estava ciente do fato. Também não estava ciente da verdadeira identidade da mulher chamada Hopkins. Podem pensar, senhores, que Mary Riley, ou Draper, pode ter tido alguma razão perfeitamente legítima para trocar seu nome para Hopkins. Se for assim, por que ela não se pronunciou para declarar qual fora o motivo?

"Tudo o que sabemos é o seguinte: instigada pela enfermeira Hopkins, Mary Gerrard fez um testamento deixando tudo o que possuía para 'Mary Riley, irmã de Eliza Riley'. Sabemos que a enfermeira Hopkins, por motivos profissionais, tinha acesso à morfina e apomorfina e era bastante versada em suas propriedades. Além disso, foi provado que a enfermeira Hopkins não

estava dizendo a verdade quando afirmou que seu pulso fora perfurado por um espinho de uma roseira sem espinhos. Por que mentiu, se não para apressadamente *justificar a marca recém-causada pela agulha hipodérmica?* Lembrem-se também que a acusada declarou sob juramento que a enfermeira Hopkins, quando foi encontrá-la na despensa, não parecia bem, e o rosto tinha uma cor esverdeada; bastante compreensível se acabara de passar por uma crise de vômitos.

"Vou ressaltar ainda outro ponto: *caso* a sra. Welman tivesse vivido por outras 24 horas, teria deixado um testamento; e com toda a probabilidade teria feito provisões adequadas para Mary Gerrard, mas não teria lhe deixado a maior parte da fortuna, já que a sra. Welman acreditava que a filha não reconhecida seria mais feliz se permanecesse em outra esfera de vida.

"Não cabe a mim me pronunciar sobre provas contra outra pessoa, exceto para mostrar que esta outra pessoa teve oportunidades iguais e um motivo muito mais forte para o assassinato.

"Analisado por este ponto de vista, senhores do júri, submeto a vocês que o caso contra Elinor Carlisle cai por terra..."

II

Resumo do Juiz Beddingfield:

"...Devem estar perfeitamente convencidos de que essa mulher, de fato, administrou uma perigosa dose de morfina à Mary Gerrard no dia 27 de julho. Se não estiverem convencidos, precisam absolver a prisioneira.

"A acusação alegou que a única pessoa que tivera a oportunidade de administrar veneno a Mary Gerrard foi a acusada. A defesa procurou provar que havia outras alternativas. Existe a teoria de que Mary Gerrard cometeu suicídio, mas a única prova que apoia essa teoria é o fato de Mary Gerrard ter escrito um testamento logo antes de morrer. Não há a menor prova de que estivesse deprimida ou infeliz ou em um estado mental plausível de levá-la a tirar a própria vida. Também foi sugerido que a morfina pudesse ter sido introduzida nos sanduíches por alguém que houvesse entrado na despensa durante o tempo em que Elinor Carlisle esteve no Alojamento. Nesse caso, o veneno teria sido destinado a Elinor Carlisle, e a morte de Mary Gerrard foi

acidental. A terceira alternativa sugerida pela defesa é de que outra pessoa tivera igual oportunidade para administrar a morfina, e que, neste último caso, o veneno teria sido introduzido no chá, e não nos sanduíches. Para apoiar a teoria, a defesa chamou a testemunha Littledale, que jurou que o fragmento de papel encontrado na despensa era parte de um rótulo em um vidro contendo tabletes de cloridrato de apomorfina, um emético muito poderoso. Vocês receberam amostras de ambos os rótulos submetidas a vocês. Em minha opinião, a polícia é culpada de um crasso descuido ao não examinar mais de perto o fragmento original e já pular para a conclusão de que era um rótulo de morfina.

"A testemunha Hopkins alegou ter perfurado o pulso em uma roseira no Alojamento. A testemunha Wargrave examinou a planta, e ela não contém espinhos. Vocês têm de decidir o que causou a marca no pulso da enfermeira Hopkins e por que motivo ela mentiria sobre isso...

"Se a acusação os convenceu de que a acusada e ninguém mais cometeu o crime, então devem declará-la culpada.

"Se a teoria alternativa sugerida pela defesa é plausível e consistente com as evidências apresentadas, a acusada deve ser absolvida.

"Peço a vocês que considerem o veredito com coragem e diligência, pesando apenas as evidências que foram apresentadas."

III

Elinor foi chamada de volta à sala do julgamento.

O júri retornou.

– Senhores do júri, estão de acordo sobre o seu veredito?

– Sim.

– Olhem para a prisioneira no banco dos réus e declarem se ela é culpada ou inocente.

– *Inocente...*

CAPÍTULO 5

Foi conduzida para fora por uma porta lateral.

Estivera ciente de faces recepcionando-a... Roddy... o detetive de grandes bigodes...

Mas foi para Peter Lord que se voltou.

– Quero fugir daqui...

Estava com ele agora no suave Daimler, saindo apressada de Londres.

Ele não falara nada. Ela pôde ficar quieta em um silêncio abençoado.

Cada minuto a levava para mais longe.

Uma nova vida...

Era o que queria...

Uma nova vida.

Disse de repente:

– Eu... eu quero ir para algum lugar calmo... onde não vou ver nenhum *rosto*...

Peter Lord disse baixinho:

– Está tudo acertado. Você vai para um sanatório. Um lugar calmo. Com jardins lindos. Ninguém vai incomodá-la ou aborrecê-la.

Ela respondeu com um suspiro:

– Sim... é o que eu quero.

Era o fato de ser médico, ela supôs, que o tornava tão compreensivo. Ele sabia – e não a incomodava. Era uma bênção de tranquilidade estar ali com ele, fugindo de tudo, de Londres... para um lugar que fosse *seguro*...

Queria esquecer, esquecer de tudo... Nada mais daquilo era real. Tudo havia acabado, desaparecido, terminado; a antiga vida e as velhas emoções. Ela era uma criatura nova, estranha, indefesa, muito crua e verde, recomeçando tudo. Muito estranha e muito temerosa...

Mas era reconfortante estar com Peter Lord...

Já haviam saído de Londres, passando pela periferia.

Enfim, falou:

– Foi por sua causa, tudo por sua causa...

Peter Lord disse:

– Foi Hercule Poirot. O sujeito é uma espécie de mago!

Mas Elinor balançou a cabeça. Insistiu de forma obstinada:

– Foi *você*. *Você* foi atrás dele e fez com que ele ajudasse!

Peter abriu o sorriso.

– Eu o coloquei para trabalhar, isso é certo...

Elinor disse:

– Sabia que não havia sido eu, ou não tinha certeza?

Peter disse apenas:

– Nunca tive certeza.

Elinor falou:

– É por isso que eu quase disse “culpada”, logo no começo... por que, entenda, eu *pensara* naquilo... pensei naquele dia em que ri do lado de fora da cabana.

Peter confirmou:

– Sim, eu sabia.

Ponderou, devaneando:

– Parece tão esquisito agora... como algum tipo de possessão. Naquele dia, quando comprei o patê e preparei os sanduíches, estava fingindo para mim mesma, pensava: “Misturei veneno nisso, e, quando ela comer, morre... e então Roddy voltará para mim”.

Peter Lord comentou:

– É útil para algumas pessoas fantasiarem esse tipo de coisa. Não é algo ruim em si. Pôr aquilo para fora como parte de uma fantasia. É como eliminar uma toxina através do suor.

Elinor concordou:

– Sim, é verdade, porque se foi de repente! A escuridão, digo! Quando aquela mulher mencionou a roseira do Alojamento, tudo oscilou de volta ao ponto normal de equilíbrio...

Então, com um arrepio, falou:

– Mais tarde, quando entramos no salão matinal, e ela estava morta, ou pelo menos morrendo, foi o que pensei: existe muita diferença entre *imaginar* e *cometer* um assassinato?

Peter Lord declarou:

– Toda a diferença do mundo!

– Sim, mas existe?

– É claro que existe! Pensar em matar alguém não causa nenhum dano. As pessoas têm ideias bobas sobre o assunto, acham que é igual a *planejar*

um assassinato! Não é. Se pensar em assassinato por tempo suficiente, de repente, sai da escuridão e acha tudo uma grande bobagem.

Elinor exclamou:

– Oh! Como você é *reconfortante*...

Peter Lord disse de modo bastante incoerente:

– De jeito nenhum. É apenas sensatez.

Elinor disse, e surgiram-lhe lágrimas nos olhos:

– A cada momento, no tribunal, eu olhava para você. Isso me encorajava. Você parecia tão, tão *comum*.

Então ela riu.

– Que grosseria, a minha!

Ele a tranquilizou:

– Entendo. Quando se está no meio de um pesadelo, algo comum é nossa única esperança. Enfim, coisas comuns são as melhores, sempre achei.

Pela primeira vez, desde que entrara no carro, virou a cabeça para olhar para ele.

A visão de seu rosto não a machucava como o rosto de Roddy sempre fez; não causava nenhuma pontada aguda de um misto de dor e prazer; em lugar disso, fazia sentir-se aquecida e aconchegada.

Pensou: “Como é bonito o rosto dele... bonito e engraçado... e, sim, reconfortante...”

Continuaram a viagem.

Chegaram enfim a um portão e a um caminho que subia contornando até alcançar uma casa branca tranquila na lateral de um morro.

Ele declarou:

– Vai estar segura aqui. Ninguém vai incomodá-la.

Por impulso, ela pôs a mão em seu braço:

– Você... vem me visitar?

– É claro.

– Seguidamente?

Peter Lord respondeu:

– Tão seguido quanto quiser.

Ela falou:

– Por favor, venha *muito seguido*...

Capítulo 6

Hercule Poirot disse:

– Agora vê, meu amigo, como as mentiras que as pessoas contam são tão úteis quanto as verdades?

Peter Lord perguntou:

– Todo mundo lhe contou mentiras?

Hercule Poirot assentiu:

– Ah, sim! Por um ou outro motivo, compreenda. A única pessoa para quem a verdade era uma obrigação e que era sensível e escrupulosa com relação ao tema foi quem mais me deixou perplexo!

Peter Lord murmurou:

– A própria Elinor!

– Precisamente. As provas apontavam para ela como a parte culpada. E a própria, com sua consciência sensível e fastidiosa, não fez nada para dissipar essa suposição. Acusando a si mesma pela vontade, se não pela ação, chegou muito perto de abandonar uma luta desagradável e sórdida declarando-se culpada no tribunal por um crime que não cometera.

Peter Lord soltou um suspiro exasperado.

– Inacreditável.

Poirot balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Ela se condenava, porque se julgava usando como referência um padrão ainda mais cabal do que nossa espécie utiliza!

Peter Lord falou, pensativo:

– Sim, ela é assim.

Hercule Poirot continuou:

– Desde o momento em que comecei minhas investigações, sempre havia uma forte possibilidade de que Elinor Carlisle fosse culpada do crime pelo qual era acusada. Mas cumpri minhas obrigações para consigo e descobri que um caso bastante sólido poderia ser argumentado contra outra pessoa.

– A enfermeira Hopkins?

– Não de início. Roderick Welman foi o primeiro a chamar minha atenção. Nesse caso, de novo, começamos com uma mentira. Ele contou que

saíra da Inglaterra no dia 9 de julho, retornando só em primeiro de agosto. Mas a enfermeira Hopkins mencionou casualmente que Mary Gerrard havia repelido Roderick. Os avanços de Welman tanto em Maidensford "e de novo quando ela o encontrou em Londres". Mary Gerrard, segundo me informou, fora para Londres no dia dez de julho, *um dia depois* de Roderick Welman deixar a Inglaterra. Quando foi que Mary Gerrard tivera uma conversa com Roderick Welman em Londres? Pus meu amigo gatuno para trabalhar e, ao examinar o passaporte de Welman, descobri que ele estivera na Inglaterra entre 25 e 27 de julho. *E ele mentira deliberadamente sobre isso.*

"Sempre houve um período de tempo que mantive em mente, quando os sanduíches ficaram no prato da despensa e Elinor Carlisle estava no Alojamento. Mas o tempo todo entendi que, nesse caso, Elinor teria sido a suposta vítima, e não Mary. Será que Roderick Welman teria algum motivo para matar Elinor Carlisle? Sim, um muito bom. Ela fizera um testamento deixando para ele toda a sua fortuna. E, com habilidade interrogativa, descobri que o próprio Roderick Welman poderia ter descoberto esse fato."

Peter Lord perguntou:

– E por que decidiu que ele era inocente?

– Por causa de uma segunda mentira. Uma mentirinha tola, estúpida e insignificante também. A enfermeira Hopkins disse ter arranhado o pulso em uma roseira, que espetara ali um espinho. Fui verificar a roseira, e *não continha espinhos*... Então, claramente, a enfermeira Hopkins contara uma mentira, e a mentira era tão boba e tão aparentemente sem sentido que chamou minha atenção.

"Comecei a me perguntar sobre a enfermeira Hopkins. Até aquele ponto, me passara a sensação de ser uma testemunha com perfeita credibilidade, consistente o tempo todo, com forte preconceito contra a acusada devido, naturalmente, à sua afeição pela garota morta. Mas então, com aquela mentirinha tola e sem sentido na cabeça, considerei a enfermeira Hopkins e todo o seu depoimento com extremo cuidado e percebi algo que não havia sido esperto o suficiente para perceber antes. A enfermeira Hopkins sabia algo sobre Mary Gerrard que estava muito ansiosa para revelar."

Peter Lord disse surpreso:

– Achei que era o contrário.

– Intencionalmente, sim. Foi uma atuação maravilhosa de alguém que sabe algo e não vai contar para ninguém! Porém, quando repensei com

cuidado, percebi que cada palavra que dissera sobre o assunto fora enunciada tendo em vista o objetivo diametralmente oposto. Minha conversa com a enfermeira O'Brien confirmou a hipótese. Hopkins a usara de forma muito astuta, sem que a enfermeira O'Brien estivesse ciente do fato.

"Ficou claro então que a enfermeira Hopkins estava jogando uma partida diferente. Cotejei as duas mentiras, a dela e a de Roderick Welman. Alguma delas seria passível de uma explicação inocente?

"No caso de Roderick, respondi de imediato: sim. Roderick Welman era uma criatura muito sensível. Admitir que fora incapaz de manter seu plano de ficar no exterior, sendo compelido a retornar de maneira furtiva para ficar perto da moça que não queria nada com ele, teria sido doloroso demais para o seu orgulho. A partir dali, não havia dúvidas de que ele não passara perto da cena do crime e nem sequer sabia nada a respeito, tomou o caminho menos complicado e evitou situações desagradáveis (um traço dos mais característicos!) ao ignorar aquela visita apressada à Inglaterra e apenas declarar que retornara no dia primeiro de agosto, quando a notícia do assassinato chegou até ele.

"Agora partimos para a enfermeira Hopkins; haveria uma explicação inocente para a mentira dela? Quanto mais eu pensava, mais extraordinário me parecia. *Por que* a enfermeira Hopkins considerara necessário mentir por ter uma marca no pulso? Qual o significado daquela marca?

"Passei a indagar certas coisas. A quem pertencia a morfina que fora roubada? À enfermeira Hopkins. Quem poderia ter ministrado a morfina à velha sra. Welman? A enfermeira Hopkins. Sim, mas por que chamar a atenção para o sumiço? Só poderia haver uma resposta se a enfermeira fosse culpada: porque o outro assassinato, o de Mary Gerrard, já estava planejado, e um bode expiatório fora escolhido, mas era preciso demonstrar que aquele bode expiatório tivera *a oportunidade de ter acesso à morfina*.

"Outros detalhes foram se encaixando. A carta anônima enviada para Elinor, que tinha o propósito de criar um mal-estar entre Elinor e Mary. A ideia, sem dúvida, era de que Elinor fosse até a casa e contestasse a influência que Mary tinha sobre a sra. Welman. O fato de que Roderick Welman se apaixonara violentamente por Mary foi, é evidente, uma circunstância totalmente inesperada, mas algo que a enfermeira soube rapidamente apreciar. Ali estava o motivo perfeito para o bode expiatório, Elinor.

"Mas qual seria a *razão* para os dois crimes? Que motivo poderia haver

para a enfermeira Hopkins se livrar de Mary Gerrard? Comecei a ver a luz... ah, ainda muito obscura naquele momento. A enfermeira Hopkins tinha uma influência bastante forte sobre Mary, e uma das formas como usou a influência foi para induzir a menina a fazer um *testamento*. Mas o testamento não beneficiava a enfermeira. Beneficiava uma tia de Mary que morava na Nova Zelândia. E então me lembrei de um comentário fortuito que alguém do vilarejo fizera. Aquela tia trabalhara como enfermeira de hospital.

"A luz não estava mais tão tênue assim. O padrão, o traçado do crime, estava se tornando aparente. O próximo passo era fácil. Visitei a enfermeira Hopkins mais uma vez. Nós dois representamos com talento aquela comédia. No final, permitiu-se ser persuadida a contar o que planejava revelar o tempo todo! Só que contou, talvez, um pouco mais cedo do que planejara! Contudo, a oportunidade era tão boa que não conseguiu resistir. E, afinal, a verdade precisa ser conhecida em algum momento. Então, com uma relutância bastante fingida, apresenta a carta. E daí, meu amigo, não se trata mais de uma conjectura. Agora eu *sei*! A carta a entrega."

Peter Lord franziu o cenho e perguntou:

– Como?

– *Mon cher*! A inscrição naquela carta era a seguinte: "Para Mary, para lhe seja enviada depois de minha morte". Porém, a essência do conteúdo deixava perfeitamente claro que Mary *Gerrard* não deveria saber a verdade. Também a palavra *enviada* (e não *entregue*) no envelope era esclarecedora. Não era para Mary Gerrard que a carta fora escrita, mas para outra Mary. Foi para a irmã, Mary *Riley*, na Nova Zelândia, que Eliza Riley contou a verdade.

"A enfermeira Hopkins não encontrou aquela carta no Alojamento depois da morte de Mary Gerrard. Ela a guardara por muitos anos. Recebera ainda na Nova Zelândia, para onde a carta foi enviada após a morte da irmã."

Fez uma pausa.

– Uma vez que enxerguei a verdade com os olhos da mente, o resto foi fácil. A velocidade das viagens aéreas tornou possível para uma testemunha que conhecia bem Mary Draper na Nova Zelândia estar presente no julgamento.

Peter Lord perguntou:

– Suponhamos que estivesse enganado, e a enfermeira Hopkins e Mary Draper fossem pessoas diferentes?

Poirot respondeu com frieza:

– Nunca me engano!

Peter Lord riu.

Hercule Poirot continuou:

– Meu amigo, sabemos agora sobre essa mulher Mary Riley ou Draper. A polícia da Nova Zelândia não conseguira obter provas suficientes para condená-la, mas já a vigiavam há algum tempo quando, de repente, abandonou o país. Havia uma paciente, uma senhora idosa, que deixara para ela, "a querida enfermeira Riley", um pequeno legado muito confortável e cuja morte foi considerada um enigma pelo médico que a atendida. O marido de Mary Draper fez um seguro de vida, com ela como beneficiária de uma quantia considerável, e sua morte foi súbita e inexplicável. Infelizmente para ela, embora ele tivesse preenchido um cheque para a companhia de seguros, esquecera-se de postar. Outras mortes podem constar em seu rastro. É certo que é uma mulher sem remorso e sem escrúpulos.

"É possível imaginar que a carta da irmã sugeriu possibilidades à sua mente engenhosa. Quando a chapa esquentou na Nova Zelândia, como se diz, para que permanecesse lá, veio a este país e retomou a profissão com o nome de Hopkins (uma antiga colega de hospital que morrera no exterior). Maidensford era o objetivo. Pode quem sabe ter contemplado alguma forma de chantagem. Mas a velha sra. Welman não era do tipo que se deixaria ser chantageada, e a enfermeira Riley, ou Hopkins, com sabedoria, não arriscou nada do tipo. Sem dúvida fez suas investigações e descobriu que a sra. Welman era uma mulher muito rica, e uma conversa à toa com sra. Welman pode ter revelado que não fizera um testamento.

"Então, naquela noite de junho, quando a enfermeira O'Brien repassou à colega que a sra. Welman estava pedindo por seu advogado, Hopkins não hesitou. A sra. Welman precisava morrer intestada para que a filha ilegítima fosse herdeira do dinheiro. Hopkins já fizera amizade com Mary Gerrard e conquistara uma boa influência sobre a moça. Tudo o que tinha de fazer então era persuadir a menina a fazer um testamento deixando o dinheiro para a irmã da mãe e inspirou o texto daquele testamento com muito cuidado. Não havia menção da relação entre as duas: apenas 'Mary Riley, irmã da falecida Eliza Riley'. Uma vez assinado, Mary Gerrard estava condenada. A mulher precisou apenas esperar pela oportunidade certa. Já havia, imagino, planejado o método do crime, com o uso da apomorfina para garantir o seu álibi. Pode ter tido a intenção de chamar Elinor e Mary para a sua casa; porém, quando

Elinor foi até o Alojamento e convidou as duas para comer sanduíches, compreendeu logo que a oportunidade perfeita aparecera. As circunstâncias foram tais que Elinor estava praticamente condenada.”

Peter Lord disse devagar:

– Se não fosse por você, teria sido condenada.

Hercule Poirot foi rápido:

– Não, é a você, meu amigo, a quem ela deve agradecer por sua vida.

– Eu? Não fiz nada. Tentei...

Interrompeu-se. Hercule Poirot sorriu um pouco.

– *Mais oui*, esforçou-se muito, não foi? Estava impaciente porque eu não parecia estar chegando a lugar algum. E estava temeroso também que ela pudesse, afinal, ser a culpada. E assim, com grande impertinência, também me contou mentiras! Mas, *mon cher*, não foi muito inteligente. No futuro, recomendo que se atenha aos sarampos e às caxumbas e deixe a detecção criminal em paz.

Peter Lord corou:

– Sabia... o tempo todo?

Poirot disse com severidade:

– Conduziu-me pela mão até uma clareira nos arbustos e me assistiu para que encontrasse uma caixa de fósforos alemã, que acabara de colocar lá! *C’est l’enfantillage!*

Peter Lord encolheu-se e rosnou:

– Pode esfregar!

Poirot prosseguiu:

– Conversa com o jardineiro, levando-o a dizer que viu seu carro na estrada, e então toma um susto e faz de conta que *não* era o seu caro. E olha para mim com dureza para se certificar de que eu tenha entendido que alguém, um estranho, devia ter estado ali naquela manhã.

– Fui um grande tolo – reconheceu Peter Lord.

– O que estava fazendo em Hunterbury naquela manhã?

Peter Lord corou.

– Foi pura tolice... fiquei sabendo que ela estava por aqui. Fui até a casa pela chance de vê-la. Não tinha a intenção de falar com ela. Só... só queria... vê-la. Do caminho entre os arbustos, a vi na despensa, cortando o pão com manteiga...

– Charlotte e o poeta Werther. Continue, meu amigo.

– Oh, não há nada a dizer. Apenas me esgueirei pelos arbustos e fiquei lá, observando, até que ela saiu.

Poirot disse com doçura:

– Apaixonou-se por Elinor Carlisle na primeira vez em que a viu?

Houve um longo silêncio.

– Suponho que sim.

Então, Peter Lord falou:

– Ah, bem, suponho que ela e Roderick Welman vão viver felizes para sempre.

Hercule Poirot recomendou:

– Meu caro amigo, não suponha nada do tipo!

– Por que não? Ela vai perdoar aquele negócio da Mary Gerrard. De qualquer modo foi apenas uma paixão passageira da parte dele.

Hercule Poirot sugeriu:

– Vai mais fundo do que isso... Às vezes há um abismo profundo entre o passado e o futuro... quando alguém andou pelo vale da sombra da morte e dali emergiu para ver o sol... então, *mon cher*, é uma nova vida que começa... O passado não serve mais...

Esperou um minuto e continuou:

– Uma nova vida... É o que Elinor Carlisle está começando agora... e é você quem lhe deu essa vida.

– Não.

– Sim. Foi a sua determinação, a sua arrogante insistência que me forçou a fazer o que pedia. Admita, agora é a você que ela agradece, não é?

Peter Lord falou devagar:

– Sim, está muito agradecida agora... Pediu que fosse visitá-la com frequência.

– Sim, precisa de você.

Peter Lord replicou, bravo:

– Não tanto quanto precisa... dele!

Hercule Poirot meneou a cabeça.

– Nunca *precisou* de Roderick Welman. Ela o amava, sim, infelizmente... até desesperadamente.

Peter Lord, com o rosto fechado e carrancudo, disse com aspereza:

– Nunca vai me amar desse jeito.

Hercule Poirot falou em tom suave:

– Talvez não. Mas precisa de você, meu amigo, porque é apenas com você que pode recomeçar a vida.

Peter Lord não disse nada.

O tom de Hercule Poirot foi muito doce quando falou:

– Consegue aceitar os *fatos*? Ela amava Roderick Welman. E daí? Com você, *ela pode ser feliz*...

Agatha Christie
(1890-1976)

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. *A ratoeira*, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. *O misterioso caso de Styles* (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da

crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto “The Tuesday Night Club”.

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Sad Cypress*

Tradução: Petrucia Finkler
Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd. 2008
Preparação: Elisângela Rosa dos Santos
Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479c

Christie, Agatha, 1890-1976
Cipreste triste / Agatha Christie; tradução Petrucia Finkler. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.
(Coleção L&PM POCKET, v. 1143)

Tradução de: *Sad Cypress*
ISBN 978.85.254.3105-9

1. Ficção policial inglesa. I. Finkler, Petrucia. II. Título. III. Série.
13-07399 CDD: 823
CDU: 821.111-3

Sad Cypress Copyright © 1940 Agatha Christie Limited. All rights reserved.
Agatha Christie and poirot are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and/or elsewhere. All rights reserved.
www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

- Prólogo
- Parte I
  - Capítulo 1
    - I
    - II
    - III
  - Capítulo 2
    - I
    - II
    - III
    - IV
    - V
    - VI
  - Capítulo 3
    - I
    - II
    - III
  - Capítulo 4
    - I
    - II
    - III
    - IV
    - V
  - Capítulo 5
    - I
    - II
    - III
    - IV
    - V

VI
Capítulo 6
Capítulo 7
I
II
III
IV
Parte II
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
I
II
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
I
II
III
Capítulo 13
Parte III
Capítulo 1
I
II
III
IV

V
Capítulo 2
I
II
III
Capítulo 3
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
Capítulo 4
I
II
III
Capítulo 5
Capítulo 6
Sobre a autora